

ANAIS DO
SEMINÁRIO

MEMÓRIAS DA LOUCURA 7

Desafios do laço social:
violências e vulnerabilidades

2024

CADERNO DE RESUMOS

encantArte



Subsecretaria de Atenção Hospitalar, Urgência e Emergência
Superintendência de Saúde Mental
Instituto Municipal Nise da Silveira



FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro



Saúde





ANAIIS DO
SEMINÁRIO
MEMÓRIAS
DA LOUCURA 7

Desafios do laço social:
violências e vulnerabilidades
2024

CADERNO DE RESUMOS

Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira

©2025 Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira
Qualquer parte deste número poderá ser reproduzida desde que seja citada a fonte e que sejam respeitados os limites da lei de direitos autorais.

Todos os direitos reservados à Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro /
Superintendência de Saúde Mental / Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira

Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro
Superintendência de Saúde Mental
Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira
Rua Ramiro Magalhães, 521
Engenho de Dentro
CEP: 20730-460 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3111-7426 / 7427
E-mail: imnisedasilveira@gmail.com
Facebook / Instagram: [@imnisedasilveira](https://www.facebook.com/imnisedasilveira)

Organizadores:
Andrezza Rocha Marques Ghatkar
Daniele Corrêa Ribeiro
Elaine Cristina Ferreira Ramos
Priscilla Araújo Almeida Moret
Tereza dos Santos Ferreira Ramos

Fotografias:
Clarissa Sousa Silva Ferreira
Pâmela Rocha Perez
João Victor Russo Burton

EncantArte Editora / Ponto de Cultura Loucura Suburbana: Engenho, Arte e Folia:
Coordenação: Ariadne de Moura Mendes
Produção editorial: Roberto Raphael Passos de Oliveira e Regina Célia Oliveira Peixoto
Capa: Roberto Raphael Passos de Oliveira
Diagramação e editoração: Roberto Raphael Passos de Oliveira
Revisão: Ariadne de Moura Mendes e Regina Célia Oliveira Peixoto
Tel.: (21) 3111-7502 / 7111
E-mail: encantartenise@gmail.com
Facebook / Instagram: [@loucurasuburbana](https://www.facebook.com/@loucurasuburbana)
Site: loucurasuburbana.org

A EncantArte Editora é uma oficina de geração de trabalho e renda do Ponto de Cultura Loucura Suburbana: Engenho, Arte e Folia, que funciona no Instituto Municipal Nise da Silveira. Criada em 2003 e inaugurada oficialmente em 2005, é composta por usuários de saúde mental que se descobriram na linguagem da informática e tem o objetivo de dar forma às produções literárias de autores, prioritariamente da área de saúde mental, oferecendo também serviços gráficos e de editoração ao público em geral. Mais que isso, vem transformando vidas que se revelam e se descobrem através da expressão literária e das várias etapas do processo de produção editorial.

DOI: 10.70271/250904.1501

S471a Seminário Memórias da Loucura (7: 2024: Rio de Janeiro, RJ).

Anais do Seminário Memórias da Loucura 7: caderno de resumos: Seminário Memórias da Loucura 7 – desafios do laço social: violências e vulnerabilidades, 27 a 29 de novembro de 2024 / Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira. – Rio de Janeiro: EncantArte, 2025.

Livro eletrônico; 143 p. : il. color.
ISBN: 978-65-994072-2-2

1. Saúde Mental. 2. História. 3. Psicologia. 4. Reforma Psiquiátrica. 5. Desinstitucionalização. I. Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira. II. Título.

CDU: 613.86:9
CDD: 613.86

Biblioteca: Andrezza Rocha Marques Ghatkar – CRB 7 / 7275

Sumário

EIXO 1 - MEMÓRIA, PATRIMÔNIO CULTURAL E LOUCURA

A importância das tradições afro-brasileiras na preservação da saúde mental e do patrimônio imaterial: um relato de experiência	13
<i>Joana Kelly Alves Costa; Laura Fernanda Santos Nascimento; Angelina Sousa Pinheiro.</i>	
Arquivo pessoal e biblioteca Nise da Silveira: história custodial.....	14
<i>Renata Linhares de Araújo.</i>	
Campos de fabulação entre arte, loucura e memória: do Engenho de Dentro a Franco da Rocha	15
<i>Mariana Serrão de Albuquerque Pontes.</i>	
O Parque Nise da Silveira como equipamento público e de integração com o entorno urbano	16
<i>Raquel Xavier Laffite.</i>	
A arquitetura do Hospício de Pedro II e o modelo asilar francês: uma análise a partir de três relatórios de viagem.....	17
<i>Beatriz Fernandez Vaz Oliveira.</i>	
Políticas de memória e reparação em locais traumáticos da violência de Estado: pensar os hospitais psiquiátricos brasileiros.....	18
<i>Eliana Gonçalves de Souza e Ana Cabral Rodrigues.</i>	

EIXO 2 - ATORES, SABERES E INSTITUIÇÕES

Arte culinária na atenção psicossocial	19
<i>Rosângela Moreira; Annelise Teixeira; Hercília Maria; Mariana Damas; Marcos Murtha; Rosana Brandão; Eneida Spadari; Raldo Bonifácio; Clara Lobo.</i>	
Cartografias da loucura: atravessamentos decoloniais sobre processos de exclusão e periculosidade	20
<i>Shaenny Damiana Barbosa de Souza; Bruno da Silva Campos; Cristiane Moreira da Silva; Danielle Leite de Oliveira Gusmão.</i>	
Estamira - transformando a percepção da loucura e do conhecimento	21
<i>Lucas Coutinho; Sonia Goães.</i>	
Prática em redução de danos: intersecções na Zona Oeste do Rio de Janeiro	22
<i>Bruno Lopes Lima; Fabiana Margarida Jesus de Oliveira Paes.</i>	
Eugenia e psiquiatria: como ideais eugênicos influenciaram os tratamentos psiquiátricos no Brasil no século XX	23
<i>Bárbara Mateuzzo.</i>	
Que doidice é essa: colonização e loucura?	24
<i>Ana Carolina Dias Ramos.</i>	
A arquitetura, o sensorial e a institucionalização marcada nos corpos: registros de uma passagem por um manicômio em fechamento.....	25
<i>Alice Vargas Vieira Mattos.</i>	
Nise da Silveira, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir em diálogo no Museu de Imagens do Inconsciente	26
<i>Daniel Vasconcelos de Araújo; Lara Brito de Menezes; Rodolfo Rodrigues de Souza.</i>	
Documentando a loucura: jornalismo, vozes e personagens	27
<i>Ludmila Rancan Bissoli.</i>	
A ética da alegria na revolução pelo afeto: tessituras entre a filosofia de Spinoza e o cuidado em Nise da Silveira	28
<i>Denis Caetano Pinto; Flavia Helena Miranda de Araújo Freire (orientadora).</i>	
A contrarreforma psiquiátrica - uma análise das forças neomanicomiais	29
<i>Thiago Vilela Gabriel.</i>	
Teatro de Artaud e mitologia Yorubá: grupo Os Inumeráveis no MII e o arquétipo de Yemanjá.....	30
<i>Adriana Rolin Lopes Oliveira Ribeiro.</i>	

EIXO 3 - ARTE, CULTURA, LITERATURA E LOUCURA

Makebabijus - redução de danos e geração de renda com bijuterias.....	31
<i>Alexandre Martins de Pontes; Deylides Cristina Barros Rangel.</i>	
Travessia como fresta criativa na luta: um espaço antimanicomial de arte	32
<i>Felipe Andrade Vilela e Silva.</i>	
Mãe cansada.....	33
<i>Hevelin Costa.</i>	
As pinceladas de Van Gogh: a vida e a obra do artista louco.....	34
<i>Milena Iacillo de Oliveira.</i>	
O avesso de um Manicômio: modos de fomentar a profissionalização do trabalho de artistas neurodivergentes.....	35
<i>Danielle C. Spadotto.</i>	
Edson La Inconsciente: destituir um outro, instituir um outro	36
<i>Renata Fernanda da Silva Henriques (UFF).</i>	
Arte e loucura, astrologia e alquimia: de Nise e Jung à Pessoa	37
<i>Antônio Leandro Gomes de Souza Barros.</i>	
Exposição "nem tudo são flores", uma metamorfose através da arte.....	38
<i>Arthur Gomes Leite da Silva; Marlene Gomes Duarte.</i>	
Interfaces da arte na saúde mental sob o olhar da enfermagem.....	39
<i>Helena Faustino da Silva; Paula Isabella Marujo Nunes da Fonseca; Jayaustin Howard Brooks; Evellin Adriane Oliveira Farias; Letícia Costa Fernandes Moraes Lavinas; Juliana Semião de Melo.</i>	
Voando alto: produção e soltura de pipas com usuários e familiares	40
<i>Laryssa de Vasconcelos Brito da Silva; Alexander Rocha de Assunção; Danielle Nunes.</i>	
Oficinas expressivas no contexto do CAPS	41
<i>Mayara de Oliveira Brito.</i>	
Caravana das cores: um relato de experiência	42
<i>Jaqueline Paiva Azevedo da Silva; Fabiane Cristina de Oliveira Cota.</i>	
Travessia pelo mundo das imagens - experimentações cinematográficas em realidade virtual na Ocupação Nise da Silveira.....	43
<i>Alexandre Muniz.</i>	
Intersecções entre arte, cultura e saúde mental: experiências do Centro Acadêmico de Terapia Ocupacional da UFPA	44
<i>Carla Eduarda Santana Garcia; Caroliny Heloisy Dias Lima; Joana Kelly Alves Costa; Pedro Lucas dos Santos Nóbrega; Livia Mello Pontes.</i>	
A criação de oficinas artísticas em uma enfermaria de agudos em um hospital psiquiátrico: desafios e potencialidades	45
<i>Agatha Cristina Pereira Carlos dos Santos; Ana Luiza Ramos Fernandes; Bianca Abreu de Paula; Gabriele Dias França da Silva; Geovana de Almeida da Silva.</i>	
Ensaio acerca de oficinas artísticas na atenção psicossocial	46
<i>Peder de Faria Salles.</i>	
Sextou: relato sobre a construção de um espaço de música, convivência e surpresas	47
<i>Andréa Vieira Marcolan.</i>	
A produção audiovisual como dispositivo em saúde mental: uma busca por protagonismo.....	48
<i>Natália Aparecida Vargas de Oliveira.</i>	
Ocupando pela arte: como um cuidado trilhado através da arte e da cultura é potente no trabalho de um Centro de Convivência.....	49
<i>Rebeca Ramos de Freitas; Lana Romano Moura.</i>	
As artes e seus destinos: uma cartografia dos processos artísticos nos cotidianos da Rede de Atenção Psicossocial	50
<i>Clara Lobo e Ana Cabral.</i>	

Arte, cultura e saúde mental na escola: uma abordagem libertária	51
<i>Dilma Mesquita de Lacerda Loureiro.</i>	
A Contribuição de Yvonne Lara para o campo da saúde mental e da musicoterapia no Brasil	52
<i>Kezia Paz.</i>	
Encontros de Luta Antimanicomial em Curitiba (2024): interlocuções entre arte, cultura e ciência	53
<i>Fabiane Helene Valmore; Hamilton de Jesus Assunção.</i>	
Ações realizadas pelos profissionais e usuários do CAPS II Estação Mental de Barra Mansa em espaços públicos do município	54
<i>Nairá Antunes de Oliveira.</i>	
Participar e pertencer: o engajamento em atividades de cultura popular na Amazônia para a promoção da saúde mental	55
<i>Bianca do Socorro Lima da Silva e Silva; Joana Kelly Alves Costa; Carla Eduarda Santana Garcia; Kaylane Santana Trindade; Laís de Sousa Tavares; Flávia dos Santos Coelho.</i>	
Reflexões sobre a importância de narrativas escritas para o rompimento do silenciamento da loucura	56
<i>Júlia Goulart Gomes.</i>	
Narrativa sobre si: corpo e linguagem como dispositivo de resistência e a criação como estratégia de sobrevivência	57
<i>Breno de Sant'ana Gouveia.</i>	
Metabolizando conflitos emocionais em reinos ficcionais	58
<i>Fernanda Pinto Miranda.</i>	
Oração às alienadas	59
<i>Azulabula; Tatiana Pinto.</i>	

EIXO 4 - VULNERABILIDADE, VIOLÊNCIAS E ESTIGMAS

O estigma da loucura: o diagnóstico psiquiátrico frente à sexualidade	60
<i>Anna Clara Fernandes Silva.</i>	
Mapeamento das políticas públicas LGBTQIA + no Rio de Janeiro e o Ballroom como proposta de cuidado	61
<i>Letícia Martinez Miguel.</i>	
Qual o lugar da raça na atual Reforma Psiquiátrica brasileira?	62
<i>Vitória Maria França de Paula; Paulo Vítor Fernandes Costa de Lima.</i>	
O Impacto do racismo institucional na integralidade do cuidado em saúde mental	63
<i>Cleiton Gomes Figueiredo.</i>	
"Estava cego na comunidade (...) Agora consigo enxergar o mundo": relato de um caso clínico do CAPS II Neusa Santos Souza e seus impasses clínicos-institucionais em um território marcado pela violência	64
<i>André Henrique Godinho Morse.</i>	
"Fugiu do CAPS": os memes da internet como perpetuadores de preconceitos sobre o cuidado em saúde mental	65
<i>Caroliny Heloisy Dias Lima; Ísis Fernanda Ferreira de Sousa Alves.</i>	
Corpos dissidentes: uma reflexão sobre as encruzilhadas cotidianas de pessoas em sofrimento psíquico	66
<i>Jardele Fagundes Santana; Nathália Nunes Lins Etelvino.</i>	
A terapia ocupacional na saúde mental: uma perspectiva antropológica	67
<i>Luciana de Souza Prudencio; Maria Eduarda Pignaton de Melo Bahia; Davyd Robert Trindade Ferreira.</i>	
Perguntar ofende? O censo psicossocial e a importância dos marcadores sociais para a equidade no cuidado	68
<i>Michael Santana da Paz; Rachel Gouveia Passos; Tatiana Wargas de Faria Baptista; Joana de Medina Barbalho; Lucas Moura Santos Silva</i>	
As mil faces do preconceito	69
<i>Ana Paula Da Silva Ribeiro; Thaylane Lara David; Ana Vitória De Oliveira Machado; Ivi Diniz; Márcia Cristina Da Silva De Jesus; Maria Eduarda Silva Alexandre.</i>	

Promoção da acessibilidade aos serviços de atenção básica de saúde e o autocuidado para mulheres em situação de vulnerabilidade	70
<i>Ainá Abayomy da Silva Santos; Paula Guedes de Magalhães Alves; Sara da Silva Soares; Maria Lúcia Machado Dias; Joseane Oliveira.</i>	
A intersectorialidade como aposta para o cuidado em saúde mental: um relato de experiência em territórios vulnerabilizados da Zona Oeste	71
<i>Fabio Oliveira Lima; Flaviane Umbelina Expedito; Gustavo Menchini Santos Tauche; Suellen Salustino De Oliveira.</i>	
Promoção da acessibilidade aos serviços de atenção básica de saúde e o autocuidado para mulheres em situação de rua	72
<i>Ainá Abayomy da Silva Santos.</i>	
"Políticas de limpeza": o higienismo como direção de trabalho de equipamentos assistenciais	73
<i>Lorrana Dias Guimarães; Mariana Alonso Argôlo.</i>	
Os efeitos da institucionalização: o acompanhamento terapêutico enquanto dispositivo de cuidado e produção de autonomia	74
<i>Hellen Souza Guimarães; Gabriela Rocha Guimarães.</i>	
Luta antimanicomial: articulações entre os processos manicomiais e de colonização	75
<i>Larissa Alves Lima Campos; Rhuana Alves de Souza Santos da Silva.</i>	
O lugar do peso como marcador social da diferença: uma denúncia de mulheres assistidas pela rede de atenção psicossocial.....	76
<i>Klyssna Imbroinisio de Souza.</i>	

EIXO 5 - DESAFIOS E INVENÇÕES DO CUIDAR EM LIBERDADE

A experiência da oficina de geração de renda - Caps III Clarice Lispector	77
<i>Aline Fontinelle Ferraz; Lidiane Mattos Eloy dos Santos; Lígia de Azevedo Penna Menezes.</i>	
Rubens Saboaria: um relato de experiência	78
<i>Marina da Rocha Amorim Queiroga; Thais Lima Soares Noro; Luiza Pereima Conde.</i>	
No exercício da experimentação: Ateliê-Aberto como dispositivo de cuidado anti-manicomial em Volta Redonda.....	79
<i>Luiza Meira do Nascimento; Paulo Sergio da Silva; Lorena Santos Pellegrini Pacheco.</i>	
Arte Culinária na Atenção Psicossocial	80
<i>Rosângela Moreira; Annelise Teixeira; Hercília Maria; Mariana Damas; Marcos Murtha; Rosana Brandão; Eneida Spadari; Raldo Bonifácio; Clara Lobo.</i>	
As experiências do Rasga Tristeza: um dispositivo fruto da Reforma Psiquiátrica no sertão pernambucano	81
<i>Larissa Beserra dos Santos.</i>	
Cuidado colaborativo: a prática de uma teoria	82
<i>Carla Renata Capelli Garcia; Natassja Thaise Silva Aires.</i>	
A medicalização na atenção básica e as consequências para o cuidado psicossocial	83
<i>Débora Carvalho Grion.</i>	
Avaliação de humor em usuários da saúde mental: uma experiência nas oficinas de exercícios físicos do Caps III Clarice Lispector	84
<i>Ricardo Chaves de Oliveira.</i>	
Uma linha muito tênue: a vivência na infância e adolescência perante a tutela do corpo infante	85
<i>Jordana Neves de Almeida Guimarães; Flávia Helena Miranda de Araújo Freire.</i>	
Tecendo laços: reflexões de uma clínica da convivência na saúde mental infanto-juvenil.....	86
<i>Guilherme Abranches Sucupira; Elisa Lopes Torres.</i>	
Marquinhos Valadinho - cuidando da saúde mental infanto- juvenil no território.....	87
<i>Carla Graziela Paes Ladeira; Carolina dos Santos de Oliveira; Kaique Jesus da Silva; Rafael Freitas Aleixo de Bartolo; Rebeca Pegoral de Sá dos Santos.</i>	
Percepções sobre juventude e o sistema socioeducativo brasileiro.....	88
<i>Júlia Gabriele de Oliveira; Julia Pivoto Paiva dos Santos.</i>	
Sepetibando: cuidando do sujeito e resgatando o território	89
<i>Iwerton Correa Rodrigues; Amanda de Carvalho Lisboa dos Prazeres.</i>	
O papel da conscientização dos educadores na dinâmica com alunos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	90
<i>Bianca Dias Peixoto.</i>	

EIXO 6 - FORMAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM SAÚDE MENTAL: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Discutindo elementos constitutivos de processos de formação e ensino na saúde	91
<i>Patrícia da Silva Miranda Menezes.</i>	
A Oficina do Discurso: uma experiência de encontros, afetos, atravessamentos e transformações.....	92
<i>Artur Martins Magdaleno.</i>	
Clínica ampliada na atenção primária: um relato de experiência do brincar como ferramenta de desenvolvimento infantil na saúde coletiva.....	93
<i>Angélica Silva de Carvalho; Lohany Silva Corrêa Neves; Myllene Luiza Vieira Lopes; Dayana Vitoria Alves do Nascimento; Kathellyn Cristina da Silva; Larissa Gomes Fernandes da Costa; Milena de Barros dos Santos; Rebeca Rocha Goifman.</i>	
Acompanhamento terapêutico como enfrentamento micropolítico à contrarreforma psiquiátrica: possibilidades para a prática do psicólogo num CAPS.....	94
<i>Isabela Alves Diogenes.</i>	
Por um CAPS III Aberto ao seu Tempo: desafios e saídas para uma atenção à crise radicalmente substitutiva	95
<i>Eduardo Rodrigues Coelho</i>	
Relato de caso: vivências [trans]gressoras na atenção psicossocial e os limites dos saberes psi	96
<i>Emanuelle Anastassopoulos; Marcella Brajão.</i>	
O afeto na luta contra invisibilidade: reconhecendo e valorizando os usuários.....	97
<i>Fernanda Borges Soutto Mayor; Fabricia Farias Pereira.</i>	
Cartografando o acompanhamento terapêutico: a experiência da desinstitucionalização da Clínica Santa Lúcia em Nova Friburgo - RJ.....	98
<i>Thaís Sâmela Castro de Moraes.</i>	
Convergências possíveis entre as diretrizes do SUS e a ética da psicanálise nos CAPSis.....	99
<i>Carla Jeucken.</i>	
Por que ainda precisamos lutar? Perspectivas de acadêmicos acerca da luta antimanicomial	100
<i>Ana Clara Fragallo Ferreira.</i>	
A regionalização como estratégia de cuidado em saúde mental: como não transformar um ato de cuidado em violência	101
<i>Clara de Farias Hungara; Beatriz Sampaio Moraes.</i>	
A Rede de Atenção Psicossocial como rede formadora: estudo etnográfico em um CAPS AD na zona oeste	102
<i>Naila Pereira Souza; Sandra Maria Fernandes Mendes; Fabio Ribeiro Rodrigues; Suellen Salustino de Oliveira; Gustavo Menchini Santos Tauche; Tais Quevedo Marcolino.</i>	
Ateliê de memórias autobiográficas e do lugar.....	103
<i>Andréa Alvarenga do Carmo; Patrícia de Moraes Mendes de Sousa; Maria Isabel Duarte Soares Gatti.</i>	
A convivência na enfermaria psiquiátrica e a função do acompanhamento terapêutico: relatos dessa experiência	104
<i>Ana Clara Cruz Lopes; Nina Wettreich Goldbach; Vinicius de Souza Queiroz Lima; Rebecca Di Lucia; Nathália Ayala Duncan; Gabriel dos Santos; Daniel Szwarcfiter Cunha; Eduardo Müller da Ponte (preceptor).</i>	
1º Torneio de Xadrez Fazendo Arte: relato de experiência sobre o Centro de Convivência e Cultura da Zona Oeste (CECCOZO)	105
<i>Mariane Cristine Medeiros Da Silva.</i>	
Produção do conhecimento coletivo: a formação dos profissionais da RAPS como pilar do SUS.....	106
<i>Marcos Eduardo Pereira de Lima; Aline Vieira de Souza; Helena Martins de Moraes da Costa; Bruno Pascale Camarota; José Rebelo Torres Junior; Marinete Tavares de Oliveira; Allan Macedo dos Santos.</i>	
AMPLIA - Atendimento Matricial de Psiquiatria: Local, Integral e Ampliado	107
<i>Ana Lúcia Freitas de Andrade; Ana Carolina Ametlla Guimarães.</i>	
Desafios e potencialidades no trabalho do Centro de Estudos do IMAS Juliano Moreira: relatos de experiências.....	108
<i>Helena Martins de Moraes; José Rebelo Torres Júnior; Aline Vieira de Souza; Marcos Eduardo Pereira de Lima; Marinete Tavares de Oliveira; Allan Macedo dos Santos; Bruno Pascale Camarota.</i>	
Por uma escola de sensibilidade na formação em saúde mental	109
<i>Paula Barros Dias.</i>	

Conexões necessárias: a importância da reunião de preceptores na formação em saúde mental no SUS	110
<i>José Rebelo Torres Junior; Marcos Eduardo Pereira de Lima; Aline Vieira de Souza; Helena Martins de Moraes da Costa; Bruno Pascale Camarota; Marinete Tavares de Oliveira; Allan Macedo dos Santos.</i>	
Estágio na Rede de Atenção Psicossocial Centro-Sul: transmissão, vínculo e cuidado nas ações de formação no território	111
<i>Aline Cescon Alves Jardim; Cristiane Moreira Monteiro; Caroline Moraes Soares Motta de Carvalho.</i>	
Reforma Psiquiátrica: a atuação sociocultural do Centro de Convivência	112
<i>Gabriel Curi Leonardo.</i>	
A memória de nossos laços: a transferência e a formação.....	113
<i>Rodrigo Pires Espinheira; Anita Fernandes Scaff.</i>	
Aberturas e limitações: o não lugar do estagiário de psicologia na rede de saúde mental	114
<i>Beatriz Lisboa Pereira Leite; Eduarda Favieri de Melo Silva.</i>	
Estágio no Museu de Imagens e Reabilitação Psicossocial.....	115
<i>Guilherme Bernardo Peixoto.</i>	
A psicologia em interface com a história e a memória: construção de um campo de estágio	116
<i>Amanda de Carvalho Reyes.</i>	
Vivências de um estagiário em Psicologia no Polo Esportivo Nise da Silveira.....	117
<i>Yuri Wesley de Souza Oliveira.</i>	
Retratos do silêncio: a fotografia como instrumento terapêutico e psicossocial enquanto denúncia	118
<i>Jana Lima Galli.</i>	
Primeiro atendimento em CAPS III: o limiar entre o trabalho prescrito e real.....	119
<i>Victória Piller de Araujo; Pedro Henrique Muniz de Araújo; Elton Silva Ribeiro.</i>	
Projeto “Escola de Cuidadores”: os saberes e as singularidades em uma residência terapêutica.....	120
<i>Raíssa da Silva Fernandes; Sophia Clara de Castro.</i>	
Atividade física aliada ao tratamento da saúde mental	121
<i>Marcele Meirelles Vinagre; Elaine Da Silva Casemiro.</i>	
Grupo expressivo: experiência de trabalho em grupo com usuários do CAPS III Clarice Lispector	122
<i>Isabela Schwenck Corrêa de Brito; Ligia de Azevedo; Luciana Louzada Zippinotti.</i>	
A transformação social e pessoal pelo programa de Emprego Apoiado.....	123
<i>Felipe Jaña Lauças de Campos.</i>	
Projeto acolher: um relato sobre sala de aula, diálogos e acolhimento.....	124
<i>Maria Clara Rodrigues Ribeiro; Ana Carolina de Castilho Siqueira; Brenda Vani Pereira Cardoso; Gabriela Andrade de Carvalho; Priscila Pires Alves.</i>	

MOSTRA ARTÍSTICA.....	125
------------------------------	------------

Apresentação

Esta publicação reúne os resumos e descrições dos trabalhos apresentados nos Simpósios Temáticos e na Mostra Artística do Seminário Memórias da Loucura 7 - Desafios do laço social: violências e vulnerabilidades, realizado entre os dias 27 e 29 de novembro de 2024, no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira.

Nesta edição o evento abordou as diversas formas de violências e vulnerabilidades presentes em nossa sociedade e a forma como elas impactaram historicamente e ainda impactam a saúde mental de todos nós. Os Simpósios Temáticos foram organizados a partir de seis eixos temáticos e contaram com a apresentação de 112 trabalhos. Já a Mostra Artística contou com 55 apresentações que incluíram artes visuais, audiovisuais, performances e poesias.

A publicação foi viabilizada através do edital Faperj E_20/2024, na Faixa A – Apoio à organização de eventos científicos, tecnológicos e de inovação no RJ – 2024.

A importância das tradições afro-brasileiras na preservação da saúde mental e do patrimônio imaterial: um relato de experiência

Joana Kelly Alves Costa; Laura Fernanda Santos Nascimento; Angelina Sousa Pinheiro

Vínculo Institucional: Universidade Federal do Pará (UFPA).

Palavras-chave: Saúde mental na Amazônia; candomblé; patrimônio imaterial.

Apresentado em: 27/11/2024

A saúde mental envolve como pensamentos, emoções e comportamentos impactam a vida de uma pessoa. Um dos mecanismos para prevenir e promover saúde mental é o envolvimento com manifestações culturais, por serem práticas de abordagem única e enriquecedora no enfrentamento de desafios psicológicos e promoção do bem-estar do indivíduo. Os povos Bantu (Angola, Congo, Gabão e Cabinda) foram os primeiros trazidos para o Brasil no período colonial e, para manter vivo seus saberes e tradições, fizeram uso da oralidade. A cultura oral, nos terreiros de candomblé, reside em ensinamentos e cantigas. Na cultura bantu, a cabeça é o mutuê, que é cultuado nos terreiros de candomblé angola. Os dirigentes das casas são chamados de Mametu ou Tatetu e cuidam do mutuê dos filhos através dos ensinamentos recebidos de antepassados passando-os também adiante. Este trabalho objetiva relatar como a participação em atividades culturais promovidas em terreiros de candomblé pode atuar como uma estratégia para promover a saúde mental dos indivíduos. Trata-se de um estudo qualitativo e cartográfico, estruturado com base em um ciclo de conversas sobre cultura afro-amazônica, que envolveu discussões sobre as práticas culturais afro-brasileiras e a interseção entre saúde mental e cultura. A pesquisa incluiu observações de participação em atividades culturais no terreiro de candomblé Mansu Nangetu. Os relatos utilizados como base vieram das vivências das autoras, que são discentes da Universidade Federal do Pará. As práticas culturais enraizadas em tradições religiosas e comunitárias, como as do candomblé, desempenham um papel significativo na promoção da saúde mental, visto que a participação em rituais e celebrações proporciona um espaço para a expressão emocional e a conexão com o sagrado, o que pode ser benéfico para a redução de estresse e ansiedade. As participantes das atividades acima citadas perceberam melhorias no bem-estar físico e emocional, vivenciando pertencimento ao ambiente e à tradição. No Mansu Nangetu, a dirigente pontua a necessidade dos filhos também buscarem suporte na medicina ocidental pois os saberes não se anulam, se complementam. Os terreiros de candomblé transmitem práticas culturais para as novas gerações, dando-lhes valorização e continuidade ao manter a identidade cultural e a coesão comunitária. A percepção do que une a saúde mental e a cultura foi evidenciada pelo impacto positivo observado, reforçando a importância de valorizar e apoiar as práticas culturais que são fundamentais para o bem-estar dos indivíduos e para a coesão das comunidades. As religiões afro-brasileiras mantêm a sua história e subsistência por meio da cultura da oralidade e a vivência dessas práticas foi uma estratégia eficaz na prevenção e promoção da saúde mental das autoras, ao proporcioná-las benefícios emocionais significativos. Ao mesmo tempo, essas práticas desempenham um papel crucial na preservação do patrimônio cultural imaterial, pois esses saberes não se encontram fora de espaços sagrados, como museus ou galerias, o que reforça o senso de identidade cultural, as relações sociais e o sentimento de pertencimento. Vivenciar facilita a introspecção e a auto expressão, permitindo aos participantes novas perspectivas ao lidar com questões emocionais e psicológicas de maneira simbólica e ritualística.

Arquivo pessoal e biblioteca Nise da Silveira: história custodial

Renata Linhares de Araújo

Vínculo Institucional: PPGPAT/COC/FIOCRUZ.

Palavras-chaves: Arquivo e Biblioteca Pessoal Nise da Silveira; Difusão; História custodial; História das Ciências e da Saúde; Patrimônio cultural.

Apresentado em: 27/11/2024

Este trabalho aborda o Arquivo e a Biblioteca Pessoal de Nise da Silveira, buscando contextualizar sua formação e as atuais políticas de preservação deste Patrimônio Cultural, pertencente à médica que representa um dos nomes importantes na história das ciências e da saúde no Brasil. Com base no tema das políticas de patrimônio cultural no contexto contemporâneo, pretendemos destacar sua relevância histórica e cultural, bem como as estratégias de gestão, preservação e difusão desse acervo. Tal estudo objetivou compreender como se deu a organização deste acervo, que é custodiado pela Sociedade de Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente (SAMII), que completou 50 anos neste ano.

O fato deste arquivo estar depositado sob guarda física na reserva técnica de um Museu e sua biblioteca estar em espaço diferente, permite reflexões sobre a gestão e preservação desse patrimônio. Dessa forma, o trabalho pretende analisar o tratamento técnico dado a este acervo no Museu de Imagens do Inconsciente. Neste percurso, estão sendo examinados e utilizados diversos textos sobre arquivos pessoais, pesquisas no Arquivo e na Biblioteca e conversas com funcionários e ex - funcionários da instituição.

Deste modo, considera-se que este trabalho contribui para a expansão das pesquisas no campo do Patrimônio Cultural, especialmente no que se refere aos arquivos pessoais. Os resultados até o momento da pesquisa têm como base um levantamento de literatura sobre o tema que é bem pouca, tendo em vista que o reconhecimento do acervo pela Unesco é algo recente. Assim, o trabalho almeja abordar a história custodial desse acervo e a sua inclusão no Programa Memória do Mundo da Unesco, devido à relevância do trabalho de Nise da Silveira e seu pioneirismo nos estudos de psicologia junguiana na América Latina. Dentre as documentações do acervo estão: documentos pessoais, livros, teses e monografias, fotografias históricas, reportagens e matérias publicadas na imprensa desde sua fundação, revistas editadas pelo Grupo de Estudos, vídeos e filmes que documentam diferentes acontecimentos de sua história entre outros.

Destaca-se assim, a importância desse acervo como fonte para pesquisas nos campos do Patrimônio Cultural e da história das ciências e da saúde dentre outras áreas do conhecimento.

Campos de fabulação entre arte, loucura e memória: do Engenho de Dentro a Franco da Rocha

Mariana Serrão de Albuquerque Pontes

Vínculo Institucional: Ciências sociais - Universidade Federal Fluminense (UFF).

Palavras-chave: Arte e loucura; memória; território; antropologia; Museu de Imagens do Inconsciente; Museu de Arte Osório Cesar.

Apresentado em: 27/11/2024

Tenho como objetivo analisar a memória da arteterapia nos dois diferentes (semelhantes) territórios: o Museu de Imagens do Inconsciente (MII) e o Museu de Arte Osório Cesar (MAOC) ao apresentar as duas figuras centrais que marcaram esses lugares – Nise da Silveira e Osório Cesar, respectivamente, refletir sobre a memória das pessoas e sua presença nas memórias dos lugares. Afinal o que é lugar se não um espaço carregado de significados, construído a partir das relações? Ao explicar o que entendo como campos de fabulação, pretendo também ressaltar o potencial de ressignificação da arte, que torna sua aproximação com a loucura tão poética e fabulante. E assim são os territórios em que residiam o Centro Psiquiátrico Pedro II e o Complexo Hospitalar do Juquery, antes de serem MII e MAOC - de manicômios surgiram museus, da loucura surgiu arte. É a premissa da qual partimos aqui. No entanto, é fundamental pontuar que pensar memória é pensar esquecimento. E o apagamento pode levar à repetição dos fatos. Neste caso, esquecer a história dos manicômios e suas inúmeras violências/violações culminaria numa repetição – e enorme retrocesso. Por isso, estes museus da loucura configuram uma terceira coisa: nem asilo nem museu e, sim, a ressignificação de ambos (quanta arte habita na loucura e quanta loucura habita na arte?). A arte sempre esteve presente nos manicômios. O que não existia era o reconhecimento dos loucos como artistas e de suas produções como arte. Ou seja, nunca foi sobre a inexistência da arte nos manicômios, mas sobre o estigma acerca da loucura. Foi somente a partir dos esforços da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial que conseguimos atingir um novo entendimento da loucura, que compreende os indivíduos em sofrimento psíquico em toda sua subjetividade e potencialidades. Isso viabilizou um tratamento pela via da humanização e não mais da medicalização. No Engenho de Dentro (RJ), a loucura encontrou a arte a partir do trabalho da Dra. Nise da Silveira na Seção de Terapêutica Ocupacional (STOR). A partir do Ateliê de Pintura e Modelagem, Nise percebeu que a arte poderia ser uma nova forma de acessar o inconsciente dos seus clientes, como um novo tipo de linguagem. Desenvolveu sua pesquisa analisando as séries de imagens/obras produzidas, traçando um quadro clínico dos clientes a partir disso. Em Franco da Rocha (SP), a arte encontrou a loucura a partir do trabalho do Dr. Osório Cesar, que foi médico psiquiatra, musicista e também crítico de arte, e por isso logo se atentou à expressão artística dos internos do Juquery. Percebeu uma produção espontânea a partir de esculturas com miolo de pão e desenhos nas paredes e, então, criou a Escola Livre de Artes Plásticas (ELAP), onde os pacientes podiam criar livremente e se beneficiar do caráter terapêutico intrínseco à arte. Com influências, abordagens e focos diferentes, Nise e Osório chegaram em lugares semelhantes. Ambos foram essenciais para a construção desses campos de fabulação e para a concepção de territórios como mutáveis que, assim como a cultura e a memória, sempre se transformam.

O Parque Nise da Silveira como equipamento público e de integração com o entorno urbano

Raquel Xavier Laffite

Vínculo Institucional: Universidade Federal Fluminense.

Palavras-chave: Arquitetura e Urbanismo.

Apresentado em: 27/11/2024

Este trabalho toma como objeto a relação entre museus e cidades, visando contribuir para uma reflexão sobre as diretrizes de intervenção, tendo como o estudo de caso o atual Parque Municipal Urbano Nise da Silveira, antigo Centro Psiquiátrico Pedro II, localizado no bairro do Engenho de Dentro, zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

Na perspectiva deste projeto entende-se que diretrizes de intervenção associadas ao estudo de caso compreendem orientações para a requalificação dos espaços livres do Parque, bem como resgatem a memória da antiga Instituição psiquiátrica, que obteve um grande avanço na desconstrução do sistema manicomial, composta por diversos dispositivos, dentre eles, o Museu de Imagens do Inconsciente, importante patrimônio cultural e científico, criado pela Dr^a Nise da Silveira, médica psiquiatra que, por não se conformar com os métodos agressivos da psiquiatria da época, introduz as artes plásticas como terapêutica, buscando a integração social dos pacientes com esquizofrenia. Embora Nise da Silveira seja referência no campo da psiquiatria, o campus do Instituto Municipal Nise da Silveira, e, mais especificamente, o Museu de Imagens do Inconsciente, criado por Nise, não possui a visibilidade e o reconhecimento pela população do entorno. O Instituto Municipal Nise da Silveira passou por um recente processo de reforma psiquiátrica, em substituição ao modelo manicomial, uma vez que não abriga mais pacientes na instituição e que se encontra em processo de desenvolvimento de Parque Urbano. Por outro lado, o campus ainda apresenta algumas questões que foram observadas durante as pesquisas de campo, que dificultam a propagação e o conhecimento deste relevante patrimônio pelos moradores da região e de outras localidades. Dentre as observações elencadas, aponta-se a precariedade de infraestrutura urbana, o que impede a permanência e diminui a atratividade dos usuários, tornando-se um agravante para um bairro do subúrbio da cidade para o qual os recursos destinados aos espaços públicos são, geralmente, escassos. A pesquisa fundamenta-se nos conceitos de espaços públicos, museus e cidades, paisagem e lugar, e como metodologia adota o percurso de observação espontânea. Complementa-se a este método, a realização de entrevistas, a elaboração dos mapas mentais e dos registros iconográficos das apropriações do antigo campus psiquiátrico. Para contribuir na difusão e dar visibilidade ao equipamento urbano, propõe medidas que propiciem a participação mais intensiva, tanto dos usuários da rede de saúde mental quanto da comunidade, possibilitando a inclusão social e o incentivo à apropriação dos espaços livres do campus, com base nos princípios da Dr^a Nise da Silveira, de caráter humanista e em prol da integração com o entorno.

A arquitetura do Hospício de Pedro II e o modelo asilar francês: uma análise a partir de três relatórios de viagem

Beatriz Fernandez Vaz Oliveira

Vínculo Institucional: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP).

Palavras-chave: Arquitetura; Hospício Pedro II; Antônio José Pereira das Neves; Philippe-Marius Rey; François Jouin.

Apresentado em: 27/11/2024

O presente trabalho participa do esforço da autora em aprofundar o conhecimento a respeito da gênese de um dos objetos tematizados pela sua pesquisa de doutorado em andamento: o Hospício de Pedro II. Faz-se a aposta de que tal aprofundamento contribuiria não apenas para a compreensão desse edifício específico, sua arquitetura e seus modelos, mas também para adoção da tipologia manicomial no Brasil de maneira geral, tendo em vista ter sido ele o primeiro de sua categoria a ser inaugurado no país. Interessa fazer uma leitura da circulação do modelo asilar francês na ocasião de sua concepção e de seus primeiros anos de funcionamento, a partir dos relatórios de viagem de Antônio José Pereira das Neves (1848), Philippe-Marius Rey (1875) e François Jouin (1880). Antônio das Neves, médico encarregado pela Academia Imperial de Medicina pela administração do Hospício de Pedro II, foi enviado para uma viagem pela Europa, no ano de 1844, na ocasião da criação do hospício brasileiro em questão. Dessa viagem resultou o “Relatório acerca do tratamento dos alienados e seus principais hospitais em França, Inglaterra, Itália, Alemanha, Bélgica e Portugal”, publicado na edição de janeiro de 1848 dos “Annaes de Medicina Brasiliense”. Philippe-Marius Rey e François Jouin foram dois alienistas franceses que, por ocasião de viagens ao Brasil, visitaram o Hospício de Pedro II e emitiram sobre ele sua arquitetura e as práticas psiquiátricas que ali se davam, os respectivos relatórios “l’Hospice Pedro II et les aliénés au Brésil” (1875) e “Visite à l’Asile de Pedro II à Rio de Janeiro” (1880), ambos publicados nos “Annales Médico-Psychologiques”. Mobilizar esses documentos permite uma possível aproximação da circulação do modelo asilar francês na sua dupla vetorização, a partir dos variados atores que se deslocavam do Brasil à França e, vice-versa, registrando suas avaliações a respeito das instituições visitadas em cada país e aquilo que delas se acreditava dever ou não reproduzir.

Políticas de memória e reparação em locais traumáticos da violência de Estado: pensar os hospitais psiquiátricos brasileiros

Eliana Gonçalves de Souza e Ana Cabral Rodrigues

Vínculo Institucional: Programa de Pós-Graduação em Psicologia; Universidade Federal Fluminense.

Palavras-chave: Políticas de memórias; memórias traumáticas; memórias da loucura.

Apresentado em: 27/11/2024

Propondo afirmar os hospícios brasileiros como locais assinalados por memórias traumáticas da violência de Estado, este trabalho pretende volver às narrativas que ainda têm de insistir por sua inscrição enquanto trauma, tamanha a força de desumanização encarnada pelas instituições psiquiátricas que engendraram projetos racistas, eugênicos e higienistas de constituição das cidades. Atualmente, os hospitais passam por processos de reconfiguração de suas instalações ensejados pelos movimentos da luta antimanicomial que, desde a década de 1970, atuam por um outro lugar social da loucura, enfrentando lógicas que autorizam perpetrar exclusão e aniquilamento da diferença como pretenso tratamento. Se ainda hoje é preciso lutar pela plena vigência dos Direitos Humanos, o compromisso de cuidar da transmissão dessas memórias difíceis nos implica uma avaliação permanente de nossos modos de habitar esses locais, pois há neles um apelo de reparação que irrompe a cada vez que perguntamos quais histórias poderão ser contadas ali. Do que emerge pelas estratégias arquivísticas e museais, pelas grafias não hegemônicas de memória, pelos gestos, testemunhos, encontros, performances e práticas cotidianas de liberdade, queremos pensar as interlocuções entre os campos da memória e da cultura em insurgência às políticas de apagamento e às violações que não cessam de ocorrer no presente.

Arte culinária na atenção psicossocial

Rosângela Moreira; Annelyse Teixeira; Hercília Maria; Mariana Damas; Marcos Murtha; Rosana Brandão; Eneida Spadari; Raldo Bonifácio; Clara Lobo

Vínculo Institucional: Hospital Psiquiátrico de Jurujuba (HPJ).

Palavras-chave: Culinária; Saúde Mental; Cuidado; Arte; Atenção Psicossocial.

Apresentado em: 27/11/2024

O projeto Arte Culinária na Atenção Psicossocial iniciou-se no ano de 2022 como uma prática clínica terapêutica vivenciada no formato de oficinas realizadas na cozinha experimental do serviço de nutrição do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba. A aposta em realizar oficinas de capacitação em culinária com receitas saudáveis, sustentáveis, com aproveitamento integral dos alimentos apresenta-se também como uma atividade produtora de conhecimento privilegiando a culinária saudável, como arte e como valor cultural, assim como empreendimento econômico para geração de renda em consonância com as diretrizes da Reforma Psiquiátrica brasileira, da Economia Solidária e da Atenção Psicossocial. O projeto nasceu a partir da necessidade dos usuários da instituição em terem atividades terapêuticas para explorarem, descobrirem e resgatarem da memória as suas habilidades culinárias, assim como experienciar um espaço de convivência em um ambiente acolhedor e exterior às enfermarias. Dessa forma, desde o ano de 2022, se constroem desdobramentos das oficinas tendo como direcionamento o efeito terapêutico, que acontece através de um cuidado que recebe o olhar e o manejo de uma equipe multiprofissional; o empreendimento econômico, que capacita os usuários para geração de renda; o olhar sustentável e o potencial artístico, que reaproveitam o que seria descartado transformando-o em arte culinária e arte de mosaico. Alimentação sustentável é um conceito que envolve muitos aspectos além da comida que colocamos no prato. É um conjunto de hábitos que promovem a saúde das pessoas e do meio ambiente que envolve a escolha de alimentos produzidos com baixo impacto ambiental e que sejam saudáveis. Há alguns princípios simples que promovem uma alimentação mais sustentável como: evitar perdas e desperdícios trabalhando no sentido do aproveitar e reaproveitar o alimento de forma integral, otimizando o seu consumo e diminuindo o descarte. Se fizermos algumas mudanças nos nossos hábitos, de pouquinho em pouquinho conseguimos fazer uma grande diferença em nossa comunidade, economia e principalmente na saúde.

Muitos esforços dirigidos à mudança das formas de cuidar e as estratégias de inclusão social das pessoas com transtornos têm como perspectiva garantir-lhes um novo modo de cuidado. Tal prática reforça os princípios do SUS e contribui para consolidação da Reforma Psiquiátrica e é, nessa “brecha”, que o projeto Arte Culinária se insere, objetivando fortalecer os vínculos entre os usuários participantes das oficinas, acolhendo as múltiplas formas de expressão da loucura, estimulando o resgate das memórias afetivas tão presentes no ato de cozinhar, que nos conecta com aromas, formas, prazeres, vivências familiares, culturas. Quando se está nas oficinas o estigma produzido pela loucura se “esvai”. Naquele lugar os usuários são pertencentes, protagonistas, não há invisibilidade. O espaço do Arte Culinária é espaço de múltiplos encontros. Encontros muitas vezes com a aridez do que foi um dia vivido, uma casa que existia, uma família ausente, uma ceia de Natal compartilhada, o encontro com as sobras/restos dos alimentos culturalmente descartados no lixo e ali transformados em receitas fartas, saborosas, de baixo custo, estimulando e aprendendo hábitos alimentares sustentáveis e as muitas possibilidades que esse espaço terapêutico produz.

Cartografias da loucura: atravessamentos decoloniais sobre processos de exclusão e periculosidade

Shaenny Damiana Barbosa de Souza; Bruno da Silva Campos; Cristiane Moreira da Silva; Danielle Leite de Oliveira Gusmão.

Vínculo Institucional: Unilasalle Rio de Janeiro / Cartografias da Psicologia Brasileira (grupo de pesquisa).

Palavras-chave: Psicologias; processos de exclusão; práticas decoloniais; história da loucura; hospícios; neoliberalismo.

Apresentado em: 27/11/2024

Busca-se neste trabalho mapear, a partir da análise crítica e multifacetada da cartografia da psicologia brasileira, como sua constituição, apoiada em uma lógica colonial, cooperou para a produção de uma periculosidade da loucura que opera em processos de exclusão. O pensamento decolonial, nesse escopo, questiona as práticas psicológicas, historicamente calcadas em um discurso colonial, propondo-se um modo contínuo de desconstrução de conceitos, práticas e instituições. Parte-se de um resgate histórico de uma “história da loucura brasileira” desde a percepção de “desordem e perturbação da paz social” até, progressivamente, o isolamento do contexto social dos seus “elencados” ditos loucos - dos porões das Santas Casas de Misericórdia e das prisões públicas à criação e proposta de desmantelamento dos hospícios. A reflexão de Michel Foucault sobre o internamento psiquiátrico e o papel do médico no século XIX auxiliam nesta perspectiva com suas contribuições sobre as práticas institucionais e o “poder médico”. A pesquisa, dessa forma, busca a reinvenção da compreensão da loucura, não a confinando apenas a uma categoria patológica, mas, sim, visando-se a criação de “novo lugar social” aos considerados loucos, ancorado em conceitos de saúde mental e bem-estar que vão além das normas impostas pelo neoliberalismo. O objetivo, nessa seara, visa investigar o silenciamento por meio do controle político e normatizador dos corpos, que ainda deixa rastros no campo psi, permeado por uma abordagem ancorada no que é considerado normal ou patológico. Inclui-se a reavaliação das questões de subjetividade, relações de gênero, racismo e outras formas de opressão para diálogos interculturais e cosmovisões diversas, podendo-se, assim, traçar os fundamentos que sustentam o preconceito e o estigma dentro da sociedade do sujeito com transtornos mentais, visto como inferior, descredibilizado e incapaz.

Estamira - transformando a percepção da loucura e do conhecimento

Lucas Coutinho; Sonia Goñes

Vínculo Institucional: UFRJ.

Palavras-chave: Saúde mental; epistemologia; desestigmatização; Estamira; loucura. Apresentado em: 27/11/2024

Este trabalho tem como objetivo refletir acerca da subversão do estigma epistêmico que recai sobre a voz do indivíduo enquadrado como louco através do documentário “Estamira” (2004), dirigido por Marcos Prado. Seu emprego se fez pertinente por compreendermos que a história da mesma emerge como um estudo de caso fascinante sobre a interseção entre a loucura, marginalização social e a construção do conhecimento humano. E, a partir deste, traremos à luz reflexões que se destinam a pensar na posição que a loucura ocupa diante do saber hegemônico pautado na razão iluminista que a exclui de uma patente que a permita se colocar na condição de produtora e possuidora de conhecimento. Em suma, a análise desse documentário visa explorar como a narrativa de Estamira desafia as percepções convencionais da loucura, revelando insights profundos sobre a condição humana e as dinâmicas sociais. Destarte, ao examinar sua experiência, somos confrontados não apenas com questões de estigma e marginalização, mas também com a capacidade transformadora da voz individual na construção de significado e compreensão. Em vista disso, este trabalho acadêmico se propõe a analisar como Estamira reivindica sua voz e seu espaço no discurso epistêmico, oferecendo uma perspectiva crítica sobre as estruturas de poder que moldam as narrativas da saúde mental na sociedade contemporânea. Nesse sentido, pensar-se-á nas condições de possibilidade que consentem que o indivíduo em adoecimento psíquico possa assumir uma posição de autor não só de conhecimento, como também da própria história. Contrariando, portanto, o imaginário que aloca a loucura fora do campo do saber. Para o desenvolvimento deste pensamento nos apoiaremos no tema que trata acerca da desestigmatização da loucura, percorrendo sobre ela a partir do ponto de vista que se tem, inicialmente, sobre o louco na idade média, a lente adotada perante o mesmo após o movimento racionalista e a perspectiva que se tem, ainda nos dias de hoje, quando se pensa no louco. Trazendo à luz, portanto, que a loucura está sob uma lente que coloca sobre ela a condição imutável de portadora da desrazão. Nesse ínterim, para além da exposição da perspectiva adotada à loucura, é considerado pensar na possibilidade de nos permitirmos enxergá-la através de uma lente que diverge das predominantes, pois, nela assume-se um olhar sobre a loucura possuidora de um saber que tem algo a nos dizer, mas que, por muitas das vezes, teve a sua voz silenciada.

Prática em redução de danos: intersecções na Zona Oeste do Rio de Janeiro

Bruno Lopes Lima; Fabiana Margarida Jesus de Oliveira Paes

Vínculo Institucional: Trabalhadores da Rede de Atenção Psicossocial da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Redução de Danos; Saúde Mental; Periferia.

Apresentado em: 27/11/2024

A Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro corresponde a cerca de 60 % da área do município e está presente desde o surgimento da cidade, no século XVI. Além da diferença geográfica, histórica e cultural, a fragmentação entre dois extremos dentro de uma mesma região fica mais palpável se compararmos o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e as ofertas de lazer e espaços culturais, comparando a Barra da Tijuca ao restante da região. Ao pensar na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) temos as áreas programáticas 5.1, 5.2 e 5.3, com referência a bairros como Realengo, Bangu, Campo Grande, Guaratiba, Paciência, Santa Cruz e Sepetiba. Nesse extenso território há apenas um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas, localizado em Santa Cruz, e o restante dos dispositivos de saúde mental acolhem o público na forma que for preciso. Buscamos através deste relato promover discussões sobre alguns debates existentes em uma Oficina de Redução de Danos que surge a partir das demandas de usuários em um CAPS III localizado no bairro de Inhoaíba, próximo à Campo Grande, um dos bairros mais populosos do Brasil. Atualmente é o grupo composto por maior participação de homens negros no dispositivo. Ao decorrer dos encontros semanais algumas falas anunciam também a relação dessa região da cidade com o mundo do trabalho, cultura, lazer e com as intersecções de gênero, raça, classe e sexualidade em uma região periférica da cidade do Rio de Janeiro. A oficina foi iniciada em maio de 2024 e encontra-se em curso. Através da experiência tem sido possível observar alguns analisadores importantes: 1) a compreensão do acolhimento na atenção psicossocial a pessoas que realizam uso abusivo de substâncias psicoativas; 2) uso da ferramenta teórico-prática da interseccionalidade na atenção psicossocial, bem como as suas contribuições para uma Reforma Psiquiátrica em contexto brasileiro (PASSOS, 2018). Temos tido a compreensão que espaços coletivos com usuários de um serviço de saúde mental podem ser espaços potentes de formação também para os profissionais envolvidos, convocando o dispositivo a se reinventar dentro dos desafios existentes em uma região atravessada por políticas públicas higienistas.

Eugenia e psiquiatria: como ideais eugênicos influenciaram os tratamentos psiquiátricos no Brasil no século XX

Bárbara Mateuzzo

Vínculo Institucional: Universidade Estadual de Londrina.

Palavras-chave: Eugenia; Psiquiatria; violência.

Apresentado em: 27/11/2024

O presente trabalho busca apresentar como teorias eugênicas puderam influenciar tratamentos psiquiátricos no Brasil no século XX. A eugenia, teoria pseudocientífica fundamentada pelo inglês Francis Galton (1883), buscou defender o aperfeiçoamento humano relacionando-o com a hereditariedade, o qual definia que existiam pessoas ‘superiores’ e ‘inferiores’ na sociedade. Galton defendia um ‘aprimoramento’ humano e que, assim, era necessário haver uma seleção daqueles considerados superiores. Segundo ele, não somente aspectos biológicos e físicos eram herdados pelos filhos, mas também aspectos comportamentais, psíquicos, intelectuais e sociais eram herdados, e, portanto, deveria haver um controle das pessoas consideradas ‘inferiores’. Esse discurso legitimou preconceitos, violências e períodos tenebrosos da história humana - o mais exasperado momento foi o Holocausto Nazista (1933-1945) na Alemanha. Esse discurso eugenista ganhou influência no século XX no Brasil, principalmente entre 1900 e 1940, momento histórico em que o país passou por mudanças políticas e sociais significativas. A recente república, a abolição tardia da escravidão e sem o auxílio de políticas públicas necessárias aos ex-escravizados, a modernização acelerada e desorganizada das cidades, momentos sanitaristas e higienistas como a Revolta da Vacina (1904) e das Reformas Pereira Passos (1902-1906), a alta vinda de imigrantes (principalmente europeus) reforçado pelas teses de branqueamento da população, dentre outros aspectos históricos, ocasionaram um período conturbado no país. Nesse contexto, o Brasil encarava problemas tais como desemprego, fome e os problemas considerados ‘morais’, como o alcoolismo, a criminalidade e a prostituição. Buscava-se, então, sanar esses problemas associando-os aos ‘degenerados’, terreno fértil para as teorias eugênicas ganharem influência e visibilidade. Essas concepções tiveram forte presença na medicina e principalmente na psiquiatria brasileira, o que influenciou o tratamento de pessoas em sofrimento psíquico, os quais eram considerados anormais e inferiores. Essa percepção justificava a segregação dessas pessoas, que muitas vezes eram submetidas a diferentes formas de violência — física, simbólica e psicológica. O isolamento e os abusos eram vistos como parte do tratamento, reforçando o estigma de que esses indivíduos deveriam ser mantidos à margem da sociedade. Esse trabalho, através de um levantamento bibliográfico e documental acerca do assunto, apresenta as temáticas da loucura, normalidade e segregação de Michel Foucault e Erving Goffman, conceituações sobre eugenia e suas influências no campo psiquiátrico no Brasil.

Que doidice é essa: colonização e loucura?

Ana Carolina Dias Ramos

Vínculo Institucional: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Palavras-chave: Colonização; exclusão social; loucura.

Apresentado em: 27/11/2024

O trabalho tem como objetivo discorrer acerca da historiografia e dos efeitos do projeto colonial no campo da saúde mental. Perguntamo-nos qual a implicação da psicologia nesse cenário. A partir do percurso histórico como linha de costura para organização dessa escrita, bem como de diálogos com pensadoras e pensadores decoloniais, procuramos discutir os impactos desse projeto colonial, higienista e eugenista no campo da saúde mental e suas múltiplas implicações nos marcadores sociais da diferença. Projeto eugenista de construção de uma nação pura, as intervenções médicas minavam com ênfase os corpos pobres e pretos, transformando-os em laboratórios de experimentos humanos. Inusitados vínculos entre doença e raça foram feitos, como o caso da sífilis que, em artigo de 1894, carregava relação com fatores psíquicos e intelectuais das raças, vista como sinal de degenerescência mestiça. Também temos os casos das relações que as epidemias carregavam com a mestiçagem, já que as doenças nos afastavam do ideal civilizatório que almejavam. Considerada “fraqueza biológica”, as epidemias eram expostas e relacionadas com a população mestiça brasileira através de imagens, fotos e artigos científicos. A construção do discurso eugenista em terras brasileiras chegou em um momento oportuno, uma vez que auxiliava na “resolução” de problemas eminentemente brasileiros. O regime republicano, a abolição da escravidão, a imigração europeia, a migração de ex-escravizados/os para as cidades agravavam o inferno das tensões sociais e colocavam em xeque a viabilidade do sistema político vigente. O que entendemos por loucura foi sendo modificado ao longo dos tempos. A partir do século XVII o que se entendia por loucura é redefinido. Sob a cultura burguesa, o papel da loucura passa a ser pensado como degeneração, desrazão e doença mental. Esvaziado de seu caráter profético, premonitório, sagrado e/ou trágico, o louco tornou-se um doente/enfermo. No caso das mulheres, seus comportamentos foram sendo interpretados em função de suas especificidades fisiológicas: o útero e os ovários seriam considerados locais que predispunham a doenças mentais. Os psiquiatras produziam discursos persecutórios localizando o mal nos corpos pretos e nas mulheres. Tamanho do crânio, estudos dos ossos, tamanho da vagina e ciclos fisiológicos foram alguns dos campos que participaram dos estudos psiquiátricos na busca pelo Mal. Como projeto político ideológico, mas vendendo-se como ciência, a eugenia implementou práticas sociais de controle da população, estimulando internação compulsória em hospitais psiquiátricos. Para o movimento eugenista, miscigenar a população, estimulando a imigração de europeias/eus, foi uma das estratégias para branquear o Brasil. O processo de miscigenação traria evolução racial para a população. Por fim, em tempos de retrocesso de políticas públicas nesse segmento, consideramos crucial o resgate dessa trajetória tanto para a contextualização de nossas práticas na saúde mental quanto para a evidência dessas desigualdades instauradas por um projeto excludente.

A arquitetura, o sensorial e a institucionalização marcada nos corpos: registros de uma passagem por um manicômio em fechamento

Alice Vargas Vieira Mattos

Vínculo Institucional: Psicóloga.

Palavras-chave: Manicômio; instituições totais; desinstitucionalização.

Apresentado em : 27/11/2024

Um dos principais marcos da transformação do modelo assistencial no âmbito da saúde mental é a modificação do modo de cuidado com a loucura. Para isso a desinstitucionalização é um dos principais pontos de partida para aqueles que passaram anos em isolamento da sociedade. O processo de desinstitucionalização é ancorado, primordialmente, pela prática. A partir do presente relato de experiência busca-se compartilhar as reverberações da profissional ao pisar os pés em um manicômio em fechamento em função de um trabalho de desins junto à equipe de um CAPS com um usuário que ali ficou por anos, que finalmente construía sua saída para uma Residência Terapêutica (RT). Com base nisso pretende-se relatar a passagem por essa instituição cuja dimensão do isolamento ecoa pelas paredes e pelas pessoas que ali permanecem. É nessa aposta que buscamos pensar no cotidiano do morar para aqueles que possuem longa história de institucionalização. Com isso haverá abertura para a possibilidade de (re)criar vida no cotidiano, que fuja às normativas do mecanicismo das instituições totais.

Ao entrar um cheiro forte adentra nas narinas: um cheiro específico que lembra urina. Nos rostos, apesar de tão diferentes - algo de similar, no jeito de andar, na aparência dos rostos: a marca da clausura. Ponto tão discutido na literatura, mas ainda tão presente na prática, de um modo escamoteado, muitas vezes. Goffman em *Manicômios, prisões e conventos* (1974), ao conceitualizar sobre as instituições totais, dá uma nomeação para o que chamamos da marca similaridade dos corpos: a vivência da perda de identidade do sujeito. Dessa maneira, ocorre uma destituição do eu para que a vida do interno seja predominada pela sanção, controle e pelas normas do local. Há, então, a marca da hierarquia, a perda da liberdade de ir e vir, a tutela e a massificação. Com o tempo, há diversas consequências em função da perda de privacidade e singularidade. No geral, em qualquer âmbito institucional que implica uma totalização, o indivíduo perde a sua liberdade de escolha pessoal, que seria justificada pela racionalização dos fundamentos que preconizam a higiene e segurança. Neste contexto, os direitos seriam vistos enquanto favores e as regras e castigos seriam “necessários” para o “bom” andamento da instituição. Para tal, a proposta é trazer fragmentos de narrativas e vinhetas sobre a percepção ao adentrar no que chamam de Casa de Saúde, hospital psiquiátrico particular fechado pelo Ministério Público. Diante disso, nem sempre serão de casas “mal assombradas” e escuras que se materializarão em manicômio, ainda mais na atualidade. Esse hospital, de imediato, passaria uma ideia de tranquilidade: tons azulados, verdes claros e brancos estão na fachada de toda a construção. A arquitetura vai se desvelando na medida em que se avista e se entra no estabelecimento. É nesse sentido que se a Reforma Psiquiátrica está no horizonte de nossa época, a todo momento ela deve ser reafirmada.

Nise da Silveira, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir em diálogo no Museu de Imagens do Inconsciente

Daniel Vasconcelos de Araujo; Lara Brito de Menezes; Rodolfo Rodrigues de Souza

Vínculo Institucional: UERJ.

Palavras-chave: Nise da Silveira; Fenomenologia-existencialista; Saúde mental.

Apresentado em: 28/11/2024

As reflexões que se seguem nascem de experiências vividas no Museu de Imagens do Inconsciente, instituição fundada por Nise da Silveira, e dos aportes teóricos que nos orientam: o pensamento fenomenológico e o existencialismo de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Compreendemos a fenomenologia existencialista como uma vertente possível em diferentes campos da saúde mental pública e, com esta pesquisa, objetivamos estabelecer diálogos entre o que se entende pelo “método niseano” e as noções de Sartre e Beauvoir acerca da temática que nos atravessa: o caráter da intersubjetividade como parte fundamental de um fazer artístico em loucura. Entendemos que o legado de Nise não deve ser encaixado na rigorosidade atribuída ao método científico, mas sim tomado como um conjunto de noções basilares para uma atuação clínica junto à loucura. O “afeto catalisador” é uma dessas noções, que, como outras, são aplicadas nos ateliês e demais espaços de criação do Museu. Na prática, ele se materializa na presença ativa da terapeuta, de um animal ou até de objetos presentes no mesmo espaço físico da pessoa que ali produz, se tratando da pura presença como combustível de criação. Na elaboração niseana, a presença do outro recebe status de plano de fundo na produção da obra de arte e não é tomada como parte fundante daquela criação. Partindo da noção de “afeto catalisador”, buscamos outros caminhos para a compreensão da relação entre usuário do serviço e sua produção. Ao lado de Sartre e Beauvoir, entendemos que a relação com o outro é uma dimensão insuperável do existir, o que coloca em cena o conflito da alteridade, dimensão que também se faz presente no âmbito da criação artística. Assim, o diálogo com a fenomenologia e a filosofia existencialista coloca em cena as condições necessárias para nos reapropriarmos das noções niseanas sem perder de vista seu caráter originário de desconstrução da lógica psiquiátrica dominante. Em Sartre, quem produz, produz para si e também para o outro; compreende sua relação com o mundo e a expressa a fim de se fazer entender. Os afetos, portanto, não seriam somente catalisadores da capacidade criativa, mas partícipes em todas as etapas da produção do usuário. Ainda assim, não se trata de coautoria ou interferência sobre o conteúdo produzido, mas do resultado da síntese relacional entre a pessoa que cria e os objetos de seu afeto. Em consonância com Beauvoir, ao pensar a criação artística como um ato humano, reafirmamos o caráter intersubjetivo como fundamental em todas as etapas da criação artística em loucura – da produção à compreensão –, nos afastando da mera ação contemplativa ou da possibilidade de uma interpretação da obra descolada de quem a executa. Em suma, o outro que nos constitui se manifesta em cada escolha criativa, e a isto buscamos analisar. Pretendemos, portanto, não uma rivalidade teórica, mas sim a construção de diálogos e a proposição de alternativas para a compreensão intersubjetiva de obras artísticas.

Documentando a loucura: jornalismo, vozes e personagens

Ludmila Rancan Bissoli

Vínculo Institucional: Escola de Comunicação - UFRJ.

Palavras-chave: Loucura; Jornalismo; Documentário.

Apresentado em: 28/11/2024

O trabalho “Documentando a Loucura: jornalismo, vozes e personagens” é uma monografia em fase final, que será defendida este semestre no curso de Jornalismo. Quando comecei a escrevê-lo, ao ler “História da Loucura” de Michel Foucault (1978), um trecho sobre o suicídio martelava na minha cabeça. Na França do século XVI, segundo o autor, o suicídio era considerado “crime de lesa-majestade humana ou divina”. No livro, que percorre as formas e manifestações da loucura desde a Idade Média, aquele que atentasse contra si mesmo e fracassasse deveria ser punido com a pena de morte. Durante o reinado de Henrique IV, os blasfemadores deviam pagar uma multa ou sofrer algum tipo de punição. Não apenas os suicidas, mas também os considerados insanos e distantes da moralidade: homens raivosos, descrentes da religião ou de Deus, homossexuais e diagnosticados com doenças sexualmente transmissíveis.

Apesar dos avanços nos debates, a loucura e, sobretudo, o louco ainda são alvo de inúmeros estigmas (GOFFMAN, 1981). A figura do louco é carregada de estereótipos e preconceitos. Muitas vezes apresentado como perigoso, ele sofre frequentemente exclusão social e internações forçadas em hospitais psiquiátricos. Neste trabalho, busco entender como a loucura é abordada na Comunicação, como são construídos os discursos e como estes ajudam a formar memórias coletivas. Inicialmente faço um breve mapeamento de artigos, dissertações e teses que estudam a loucura na Comunicação. No jornalismo sobressaem trabalhos que abordam as representações midiáticas da loucura em diversos suportes, como jornais, mídias sociais, televisão e cinema. Em seguida, foco na análise de dois documentários cuja temática central é a loucura. O documentário “Goulart de Andrade em Juqueri”, originalmente uma reportagem exibida pela TV Gazeta em 1988, tem uma hora e meia de duração. Ele se passa no Asilo dos Alienados do Juqueri, inaugurado no final do século XIX sob a administração do médico psiquiatra Francisco Franco da Rocha. O Juqueri, como ficou conhecido, foi uma instituição ligada ao governo do Estado de São Paulo e encerrou suas atividades em 2021. O segundo documentário, “Ouvidores de Vozes”, foi lançado em 2017 e dirigido por Bruno Tarpani, em coprodução com o Canal Futura. Com 52 minutos de duração, o filme segue a trajetória de Isabel, Reginaldo e Marlene, do Grupo de Apoio Ouvidores de Vozes do CAPS de Ribeirão Preto, São Paulo. Eles recebem um gravador e registram seu cotidiano, inclusive as vozes que habitam seus mundos. A partir daí, a história desses personagens assume protagonismo, trazendo à tona questões como o tratamento psiquiátrico, diagnósticos, crenças religiosas e o isolamento social. Concluo observando como os dois documentários qualificam a loucura. Isto é, de que forma a loucura aparece definida em cada um deles e onde eles se distanciam e se aproximam. Para isso, observo as suas tramas, interpretando livremente o que denomino “qualificações da loucura”. Nas cenas ou nas falas dos personagens centrais dos dois documentários, a loucura aparece representada e, a partir dessas percepções, podemos aferir de que forma a loucura é qualificada, adjetiva, percebida.

A ética da alegria na revolução pelo afeto: tessituras entre a filosofia de Spinoza e o cuidado em Nise da Silveira

Denis Caetano Pinto; Flavia Helena Miranda de Araújo Freire (orientadora)

Vínculo Institucional: Universidade Federal Fluminense (universidade de formação) / CAPS AD II Lucia Maria Bessada (atual local de trabalho).

Palavras-chave: Revolução pelo afeto; afeto catalisador; ética da alegria.

Apresentado em: 28/11/2024

Este trabalho tem como objetivo central compreender o conceito de afeto catalisador de Nise da Silveira em diálogo com o conceito de ética da alegria de Spinoza, buscando evidenciar como esses conceitos operam nas formas de cuidado a pessoas com sofrimento psíquico. Nesse sentido, esse estudo se justifica a partir do interesse em investigar formas alternativas de cuidado em saúde mental na relação com os afetos produzidos a partir das relações e do vínculo estabelecido entre profissionais e clientes. Com esse objetivo, foi realizado um levantamento bibliográfico envolvendo as obras de Nise da Silveira e de Benedictus de Spinoza, com o propósito de identificar como o trabalho e teoria da psiquiatria alagoana foi influenciada pelas fontes da filosofia spinozana. Por esse caminho, em um primeiro momento, foi realizado um resgate histórico sobre Nise da Silveira e o contexto que a levou a dar início à revolução pelo afeto, dando ênfase às formas de cuidado predominantes na década de 1940 e os questionamentos que atravessaram Nise quando experienciou essa realidade. A partir disso, foi também resgatado o contexto histórico da criação do Ateliê de Pintura no Setor de Terapia Ocupacional, como uma forma revolucionária que Nise encontrou diante da psiquiatria hegemônica da época. Compreendendo os atravessamentos de Nise, foi colocada em observação a afinidade entre Nise e a obra de Spinoza e como esta influenciou a chamada "revolução pelo afeto". Para isso, foi realizado um recorte da obra do filósofo a fim de entender o conceito de ética da alegria e a teoria das afecções. Em um momento final, foi explicitado o conceito de afeto catalisador e como o mesmo surgiu, trazendo alguns estudos de caso que trazem essa teoria em campo prático, envolvendo, principalmente, os conceitos de ações e paixões. Como resultados, esse estudo evidencia que o conceito de afeto catalisador mostra-se como uma forma de cuidado potente no que se refere à transformação psíquica e que o pensamento de Spinoza foi importante tanto para o desenvolvimento desse conceito quanto para a rebelião de Nise da Silveira.

A contrarreforma psiquiátrica - uma análise das forças neomanicomiais

Thiago Vilela Gabriel

Vínculo institucional: Universidade Federal Fluminense.

Palavras-chave: Saúde Mental; Luta Antimanicomial; Contrarreforma Psiquiátrica.

Apresentado em: 28/11/2024

Em 1944, a psiquiatra Nise Magalhães da Silveira começa seu trabalho no Centro Psiquiátrico Nacional que, marcado pela humanização, sofreu pesadas críticas, principalmente no que se refere à resistência de Nise aos métodos tradicionais de tratamento à época, como a eletroconvulsoterapia e a lobotomia, dando início aos primeiros movimentos de resistência à psiquiatria da época. Em 1979, o psiquiatra italiano Franco Basaglia visita ao Brasil e conhece o Hospital Colônia de Barbacena e, após a sua visita, o comparou aos campos de concentração nazistas. Este episódio foi um duro golpe na lógica de tratamento em saúde mental à época, baseado no trancamento em manicômios. Em resposta a esse golpe e em meio à efervescência política da redemocratização, nasce o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental – MTSM, e em 1987, o Movimento Nacional da Luta Antimanicomial – MNLA. Em 2001, apresenta-se o marco legal da Reforma Psiquiátrica, batizada de lei Paulo Delgado, a Lei nº 10.216, que propõe tratamento em liberdade com serviços ambulatoriais. Entretanto, com a ascensão das forças conservadoras de extrema-direita, vemos a emergência de uma nova forma de tratar, outra vez centrada no trancamento, na negação dos direitos e violências, enfim, em um modelo manicomial. O estopim da chamada contrarreforma psiquiátrica foi a nomeação de Valencius Wurch para o cargo de Coordenador de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas, em 2015. Wurch sempre se posicionou contrário à Lei Paulo Delgado e possui em seu currículo o cargo de diretor da Casa de Saúde Dr. Eiras, um manicômio. O presente trabalho é parte de uma monografia redigida em 2022 como trabalho de conclusão do curso de Psicologia na Universidade Federal Fluminense. Tem como objetivo analisar o movimento de contrarreforma psiquiátrica e elucidar seus pontos e argumentos bem como a forma que tomou, de 2015 até aquele presente ano. A metodologia se deu a partir da análise historiográfica dos artigos jornalísticos e a partir da matéria de lei produzida no período seguindo nesse sentido. Após relatar os retrocessos e desafios políticos para o cuidado em liberdade a cada governo, e esmiuçada cada linha de ação em cada argumento manicomial, concluiu-se que, com a escalada autoritária de 2016, os grupos de interesse contrários ao modelo antimanicomial fizeram modificações, não extinguindo, mas corrompendo a Reforma Psiquiátrica e seus efeitos, de modo a tentar blindar seu poderio econômico a partir de um modelo que seja forçadamente capaz de conviver com os manicômios sem serem eles mesmos manicomiais. Através de tal análise, espera-se contribuir para o reconhecimento dos desafios para o cuidado pautado em liberdade e humanização em um contexto de escalada autoritária e conservadora.

Teatro de Artaud e mitologia Yorubá: grupo Os Inumeráveis no MII e o arquétipo de Yemanjá

Adriana Rolin Lopes Oliveira Ribeiro

Vínculo Institucional: UNICAMP.

Palavras-chave: Mitologia Yorubá; Teatro de Artaud; Museu de Imagens do Inconsciente.

Apresentado em: 28/11/2024

O grupo Os Inumeráveis nasceu em junho de 2019 no território do Museu de Imagens do Inconsciente e recebeu esse nome em homenagem à doutora Nise da Silveira que não gostava da palavra esquizofrenia e proferia a citação do poeta e dramaturgo Antonin Artaud: o ser tem estados inumeráveis e cada vez mais perigosos. O grupo se reunia toda terça-feira, de 9h30 às 11h30 e contava com a presença de treze clientes-artistas, fundado pela atriz e arteterapeuta junguiana Adriana Rolin, com base em sua pesquisa de doutoramento (IA/UERJ/CAPES) orientada pela prof. Luciana Lyra (UERJ) e co-orientada pelo prof. Maddi Damião (Departamento de Psicologia, UFF). A metodologia foi baseada nos escritos metafóricos de Antonin Artaud para o teatro, na psicologia profunda e simbólica de Carl Gustav Jung e nas forças da natureza como caminho pedagógico de criação para as artes da cena, entendendo este caminho como terapêutico. No repertório aparece SEKHMET: A INCENDIÁRIA, partilhada na Primavera dos Museus do Instituto Municipal Nise da Silveira, em agosto de 2019 e na Espiral dos Afetos do Centro de Artes da Universidade Federal Fluminense, em outubro no mesmo ano. Esta performance tem livre inspiração do mito egípcio Bastet e Sekhmet, além de utilizar o Duplo de Afetividades, das Vibrações de Sons Incomuns, da Glossolalia, do Lugar Único sem Divisão, da Metafísica Animal e do Teatro Ritual, que são proposições artaudianas. Durante a pandemia, o grupo se manteve ativo pela plataforma zoom e em julho de 2021 aconteceu a estreia no Grupo de Estudos do Museu de Imagens do Inconsciente, pelo Youtube, da nova performance com base na mitologia yorubá intitulada O RITUAL DAS ÁRVORES E FLORES EM PÁSSAROS CANTANTES, utilizando seis proposições artaudianas. Quando do retorno ao presencial, em outubro de 2021, o grupo permaneceu com base na mitologia yorubá e nas proposições artaudianas, estreando em setembro de 2022 com a terceira performance RAIO DE SOL EM NISE, BÚFALOS E MAR, na reabertura do Museu de Imagens do Inconsciente. Neste seminário Memórias da Loucura 7, Adriana Rolin pretende comunicar o referencial teórico artaudiano e o estudo de caso de uma cliente-artista sob o arquétipo Yemanjá, durante o processo de criação da última performance do repertório do grupo Os Inumeráveis, via itan Yemanjá irrita-se com a sujeira que os homens lançam ao mar.

Makebabijus - redução de danos e geração de renda com bijuterias

Alexandre Martins de Pontes; Deyldes Cristina Barros Rangel

Vínculo Institucional: Centro Universitário Augusto Motta. Necessária a utilização de som e datashow.

Palavras-chave: Arte; Redução de danos; Geração de renda.

Apresentado em: 27/11/2024

O Makebabijus, projeto do CAPS AD III Miriam Makeba em parceria com a UAA Metamorfose Ambulante, é focado na geração de renda e na redução de danos para pessoas em situação de vulnerabilidade social e violência. Recebendo pessoas de diferentes lugares da Zona Norte, o projeto atende tanto aqueles em tratamento por uso de álcool e outras drogas, quanto aqueles que desejam reduzir ou interromper o consumo. A iniciativa visa promover a geração de renda e a autonomia desses indivíduos.

Travessia como fresta criativa na luta: um espaço antimanicomial de arte

Felipe Andrade Vilela e Silva

Vínculo Institucional: Professor rede municipal de educação de São Gonçalo - RJ.

Palavras-chave: Espaço Travessia; luta antimanicomial; arte.

Apresentado em 27/11/2024

Para tratar da luta antimanicomial e sua face de resistência através da coletividade e da criatividade, trazemos o Espaço Travessia para pensar possibilidades de luta através da arte. Neste contexto, toda a urgência e o horizonte para caminhar em relação à antimanicomialidade se somam a outras frentes de ação e a refuncionalização do espaço se mostra como processo marcado pela coletividade nas ocupações. Hoje, configurando-se como espaço cultural-artístico, o Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde/espaçotravessia ocupa dois andares de enfermarias desativadas do antigo Centro Psiquiátrico Pedro II. Atualmente constituindo o Instituto Municipal Nise da Silveira, localizado no Engenho de Dentro, bairro do subúrbio do Rio de Janeiro, o Travessia abriga projetos e iniciativas com alto grau de autonomia propositiva. Despontando como polo artístico-cultural da Zona Norte, este espaço pretende contribuir como possibilidade de desconcentrar as iniciativas e atividades de arte e cultura para além do tradicional eixo Centro-Zona Sul do Rio de Janeiro e representa um ponto de encontro e lugar de realização de experimentos e ocupações de artistas, educadores e coletivos, das mais diversas origens, atuações e trajetórias. O passado, inclusive recente, ainda pode ser percebido nas paredes de antigas baías, enfermarias. Essas espacialidades herdadas do antigo hospício do Engenho de Dentro acabam por materializar a lógica da manicomialidade, inescapáveis à percepção de quem hoje visita o Espaço Travessia. Surge-ressurgem composições de paisagem contrastante: estes velhos e rígidos vestígios de outrora se abalam com elementos disruptivos e transgressores de ocupações artísticas de tempos recentes. O movimento é a tônica, e a travessia sugerida no nome soa como um convite aberto para experimentar o espaço e produzi-lo, frequentando, propondo, intervindo, ocupando, sempre em permanente construção, a partir dos afetos. A ideia de um espaço de pertencimento repleto de valor simbólico, o lugar do vínculo, das relações afetivas e do acolhimento, contrastam com o histórico segregado, controlado e privado de liberdade, vide a porta remanescente do período recente que ainda abrigava pacientes internos da psiquiatria, agora reapropriada, incorporada na paisagem artística. É possível observar uma intervenção que subverte o sentido da advertência do escrito original de uma placa aplicada à porta para: “ATENÇÃO: aqui somente pessoas desautorizadas”, na interface de transformação do espaço via intervenções estético-políticas. Nesta disputa, a expressão artística antimanicomial não se dá como mera negação da lógica dominante por décadas, mas fazendo do prefixo “anti”, permanentes respostas, contestação, denúncia e reversão diante da manicomialidade que insiste em colonizar nossas vidas, mesmo para muito além dos muros e grades dos hospitais. Nesse complexo jogo de significados e subjetividades, a memória do hospício resiste por toda parte, mas, partindo dela, as intencionalidades de um espaço produzido a partir de relações menos traumáticas transformam o histórico de sofrimento, as relações de poder assimétricas e lógicas violentas de dependência, sujeição, em novas redes de colaboração, apoio, criatividade e fazer conjunto numa perspectiva horizontal, que aponte para um caminho de grandes transformações, revoluções nas escalas próximas, de corpos se encontrando no espaço e expandindo possibilidades.

Mãe cansada

Hevelin Costa

Vínculo Institucional: Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Cansaço; cuidado coletivo; maternidade.

Apresentado em: 21/11/2027

Mãe cansada é um trabalho de arte, mas sobretudo sobre um desejo de intervenção em uma sociedade capitalista em que o competir vem antes do cuidado. Inicialmente foram feitas centenas de cartazes com os dizeres para que o público que visitasse a exposição Olha Geral, na UERJ (2022), pegasse e levasse para sua casa. Foram inúmeras marcações no meu Instagram. Pessoas que se sentiam representadas. A performance de produzir os cartazes, incansavelmente, também trouxe à tona a estética do cansaço. Fazer sem saber, fazer errando.

E com essa estética escrachada, vieram as encomendas de blusas, cuja primeira remessa foram 50 camisetas estampadas. O projeto Mãe Cansada faz parte de um conjunto de processos que se reconfiguram dentro das demandas encontradas. Primeiro foram os cartazes estampados para serem pegos durante a exposição, logo em seguida as camisetas, que passaram a ser usadas em outros trabalhos de mães artistas. Como últimas intervenções, além de silkear blusas para mães em vulnerabilidade, em encontros e coletivos periféricos, venho dormindo em espaços públicos desde 2022. Primeiro no Centro Cultural do Banco do Brasil, depois na exposição Futurama (sem ser convidada), no Parque das Ruínas e, por último, em 2023, na Universidade de São Paulo, na Faculdade de Saúde Pública, na disciplina de Saúde Coletiva.

As pinceladas de Van Gogh: a vida e a obra do artista louco

Milena Iacillo de Oliveira

Vínculo Institucional: Graduada UFF.

Palavras-chave: Vincent Van Gogh; Arte; Sofrimento.

Apresentado em: 27/11/2024

O presente trabalho tem por objetivo apresentar e conhecer a história do pintor pós-impressionista do século XIX, Vincent Van Gogh, através de uma revisão de sua biografia, das cartas trocadas com seu irmão Theo e suas obras. Durante sua vida, Vincent passou por uma série de fracassos e inadequações em diversos âmbitos, tanto enquanto buscava uma carreira, como na vida amorosa, social e familiar. No decorrer de seu caminho como artista, Vincent sempre se mostrou dedicado aos estudos, de forma quase obsessiva, inclusive negligenciando cuidados pessoais para poder se dedicar à arte. Em seus anos como pintor, transitou por diversos estilos, cores e formas, até definir seu estilo marcante, onde expressava seus sentimentos através de cores intensas e pinceladas marcadas, o que o fez ser reconhecido mundialmente após a sua morte. Mesmo tendo vendido apenas um quadro em vida e nunca tendo conseguido se sustentar como artista, deixou um acervo de quase 900 obras. Toda a sua trajetória foi permeada por sofrimento e, nos últimos anos de sua vida, passou por várias crises e ficou internado por meses em um hospital psiquiátrico, por escolha própria, sendo este um dos períodos em que mais produziu e criou algumas de suas obras mais famosas. Concluímos que o estudo e a produção da arte funcionaram para Vincent como um meio de se manter minimamente estável e ligado à realidade.

O avesso de um Manicómio: modos de fomentar a profissionalização do trabalho de artistas neurodivergentes

Danielle C. Spadotto

Vínculo Institucional: PPGAV-EBA-UFRJ.

Palavras-chave: arte contemporânea; neurodivergente; profissionalização.

Apresentado em: 27/11/2024

Manicómio é o nome de uma agência criativa lisboeta que trabalha com artistas neurodivergentes. Um dos espaços de atuação da equipe Manicómio é o Pavilhão 31 do Hospital Júlio de Matos em Lisboa - Portugal. O Pavilhão 31 é um espaço expositivo com um ateliê de artes visuais anexo, uma pequena sala de vídeo e biblioteca e um escritório. Durante a minha estadia de pesquisa tive a oportunidade de visitar algumas vezes o Pavilhão 31, visitando duas exposições coletivas que ocuparam o espaço naquele período, assim como entrevistei um de seus idealizadores, Sandro Resende, e dois artistas Manicómio: Micaela Fikoff, que também é artista mediadora do ateliê no Pavilhão 31 e no Telhal, e Pedro Ventura, artista, fotógrafo e escritor.

Nesse sentido, minha proposta para esta edição do Seminário Memórias da Loucura é fazer a partilha de um relato e impressões de tal experiência, bem como trechos das entrevistas com Sandro, Micaela e Pedro.

Edson La Inconsciente: destituir um outro, instituir um outro

Renata Fernanda da Silva Henriques (UFF)

Vínculo Institucional: Mestranda em Psicologia (Clínica e subjetividade) pela UFF.

Palavras-chave: pintura; loucura; Outro.

Apresentado em: 27/11/2024

Edson Luiz Antunes, mais conhecido como Edson La Inconsciente, é um carioca nascido em São Gonçalo. No quarto andar do espaço Travessia fica seu atelier. Cheio de respingos no chão e nas paredes uma diversidade de muitos quadros. E aí me pergunto o que seu trabalho pode contribuir na construção de sua estruturação psíquica. O atelier de Edson La Inconsciente é recheado de imagens que remetem a cenas de memórias e lembranças da vida. Se pudéssemos classificar seu trabalho em temáticas discursivas, nessas em que pinta memórias, ele está contando sua história por meio de figuras. Percebo que há uma importante parte da sua obra que se constrói a partir de fragmentos vividos de sua biografia. Tanto é que se vê o esforço pelo realismo, a tentativa de captura dos cenários psíquicos. Olho essas cenas primordiais de fragmentos mnêmicos, fotografias mentais que, quando registradas em forma de pintura pictórica provocam algum efeito reparador. Há na produção de Edson a presença de muitos elementos religiosos, imagens de entidades de matriz africana e simbologias cristãs. Entendo que são temáticas que não se repetem de modo substancial em sua obra, mas falam de um recorte no tempo que aponta para os interesses discursivos do pintor. Quando estava mais próximo de crenças com as religiões de matrizes africanas, pintava os orixás. Há também os quadros com temáticas de críticas sociais: bala perdida, corrupção, violência, descaso à pandemia de Corona Vírus (COVID-19), pintados com uma expressiva constância. Algo aqui reforça para um poder na pintura de Edson em denunciar esse Outro, Outro absoluto, superego tirânico que impõe uma verdade reguladora, burocrática. Homem evacua em Brasília, dedo do meio frente à tela, homem limpando as calças. Parece que a pintura de Edson consegue colocar algo de um superego abaixo. A pintura o deixa ver as cores dos fantasmas, quem são os fantasmas. Ele diz que sobre suas alucinações visuais e auditivas hoje conversa e responde a elas. Ele aprendeu a lidar com elas. A conversar com elas. Ele acredita que elas estão ali. Ele reconhece de quem são os assobios, da onde eles vêm. Ele senta e passa para a tela. Entendo que isso não é pouca coisa. Parece reforçar uma teorização possível de que sua arte movimenta algo da virulência do Outro. Aposto que na obra de Edson foi possível construir um Outro com menos consistência invasiva.

Arte e loucura, astrologia e alquimia: de Nise e Jung à Pessoa

Antônio Leandro Gomes de Souza Barros

Vínculo Institucional: UNIFESP - Guarulhos.

Palavras-chave: Arte e loucura; astrologia e alquimia: de Nise e Jung à Pessoa.

Apresentado em: 27/11/2024

Segundo a Dra. Nise da Silveira, a véspera do seu primeiro encontro com Carl Jung na Suíça (1954) foi marcada por um sonho: o fundador da psicologia analítica aparecia junto a uma pequena mesa coberta por uma toalha cheia de estrelas, formando uma constelação que Nise não conhecia. Obviamente, durante o encontro do dia seguinte a doutora contou do sonho à Jung, que teria respondido sem surpresa: — “É sempre assim!” — passando então a apresentá-la à relação da astrologia com o psiquismo. Jung se interessou com afincamento pela astrologia por cerca de 50 anos: desde 1911 até o fim da vida, em 1961. Considerou-a como uma linguagem simbólica de arquétipos “com fatos psicológicos de significativa importância” e “a soma de todo conhecimento psicológico da Antiguidade”. Ele chegou a empregar cartas astrais em atendimentos específicos, escreveu sobre o seu simbolismo e ainda arriscou explicações para o funcionamento astrológico. Todo esse engajamento tem sido paulatinamente desdobrado como importante pelos seus comentadores enquanto, paralelamente, ele fomentou na prática uma nova linha de astrólogos modernos. No entanto, foi uma descoberta mais tardia que acabaria oferecendo à Jung seu grande correspondente analítico no esoterismo: a transmutação alquímica enquanto metáfora do processo de individuação. Sobre esse tema ele dedicou muito mais reflexões escritas, sugerindo a alquimia, e não a astrologia, como o grande saber filosófico (em vez de prático) que o esoterismo poderia oferecer à psicologia. Na altura do encontro com a Dra. Nise, Jung escreveu que “a psicologia moderna [junguiana] nos dá a chave para os segredos da alquimia, mas, inversamente, a alquimia fornece à psicologia uma base histórica significativa”. Em menor grau os motivos astrais também seguiram relevantes na trajetória da Dra. Nise: seja em versos que ela própria escreveria noutras viagens, ou em símbolos e expressões trabalhadas por ela junto aos seus clientes no Engenho de Dentro. Há, porém, um caso de outra figura de relevo do século XX que parece articular todos estes temas antes mesmo dos dois médicos: o poeta português Fernando Pessoa. Célebre sobretudo pelas criações dos seus heterônimos (outros poetas diferentes dele próprio), Pessoa foi um praticante obstinado da astrologia desde 1909 até o fim de sua vida (1935). Mais: chegou a anunciar em jornal seus serviços como astrólogo, travou amizades a partir disso (como com Aleister Crowley), criou um semi-heterônimo autor de astrologia e legou cerca de 300 mapas astrais desenhados à mão. Estes mapas se concentram nele próprio, nos seus amigos, em figuras históricas como Napoleão e noutros literatos famosos como Shakespeare. Ainda mais interessante é que Pessoa se dedicou muito à composição de mapas natais para cada um dos seus 3 heterônimos: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. De maneira que tais mapas expressam detalhadamente suas características, bem como os correlacionam intimamente. Nossa proposta de comunicação é apresentar esses mapas à luz da explicação do próprio Pessoa sobre a transmutação alquímica na gênese dos heterônimos como sua defesa pessoal contra a loucura.

Exposição "nem tudo são flores", uma metamorfose através da arte

Arthur Gomes Leite da Silva; Marlene Gomes Duarte

Vínculo Institucional: CAPS III João Ferreira Silva Filho.

Palavras-chave: Saúde Mental; Nise da Silveira; Oficina Terapêutica; Arte.

Apresentado em: 28/11/2024

Este trabalho tem como objetivo realizar um breve relato da exposição "Nem tudo são flores", que ocorreu no CAPS III João Ferreira Silva Filho, em 2023, localizado no território do Complexo do Alemão, numa iniciativa da "oficina de expressão livre", que ocorre todas às terças feiras, de 14 às 17h na unidade. A exposição contou com diversas linguagens, como: a reciclagem (reaproveitando pratos velhos que foram transformados em mandalas), a pintura, colagens, desenhos, esculturas e a escrita criativa. Vale ressaltar que diante do cotidiano violento experienciado no território do Complexo do Alemão, em um CAPS III, onde existe uma grande demanda de acolhimento à crise, a existência de um espaço criativo e criador é um potente e verdadeiro ato de resistência. Neste texto tivemos como inspiração o processo criativo de uma das nossas assistidas, E. L., que relata a importância das atividades expressivas. Por meio das atividades expressivas e a partir do ambiente e da relação, são consteladas as forças auto curativas da psique, ou seja, o afeto cria as condições necessárias para que pessoas psiquicamente cindidas almejem uma reorganização (MELO, 2005). A assistida começa a pintar na adolescência, porém não dá continuidade. Diante do sofrimento psíquico começa a buscar por conta própria pedaços de madeira para pintar. O que em casa via apenas como um passatempo, na oficina se torna um meio de comunicar o indizível. A exposição utilizou a expressão popular "Nem tudo são flores", como uma metáfora para a antinomia que E. L. vivia, que apesar de uma série de belas criações floridas, as imagens descortinam a sua dolorosa busca por identidade e pertencimento. A oficina tem suas atividades orientadas pelo referencial teórico trazido por Nise da Silveira, cujo objetivo é criar as condições necessárias para a expressão de ideias e emoções que somente por vias verbais não seriam possíveis (Silveira, 1966). E.L. relata que a oficina foi um incentivo para que pudesse se perceber como uma pessoa criativa e produtiva, ampliando sua autoestima, estimulando seu autocuidado e colaborando para seu processo de empoderamento. Conta que ver suas produções expostas e ser valorizada por isso foi um fator de transformação no seu papel social, já que antes era vista como uma pessoa "incapaz" e agora é vista como uma artista, que utiliza a arte para se expressar e também para gerar renda. Inicialmente o sentimento de menos valia e desistência da vida torna-se um novo caminho de uma nova vida ressurgida pela arte. "Às vezes na conversa não encontramos palavras. Através da arte você é visto como você realmente é".

Referências:

Melo, W. (2005). Ninguém vai sozinho ao paraíso: o percurso de Nise da Silveira na Psiquiatria do Brasil. Tese de doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Silveira, N. (1966). 20 Anos de Terapêutica Ocupacional em Engenho de Dentro (1946-1966). Revista Brasileira de Saúde Mental, X, 19-161.

Interfaces da arte na saúde mental sob o olhar da enfermagem

Helena Faustino da Silva; Paula Isabella Marujo Nunes da Fonseca; Jayaustin Howard Brooks; Evellin Adriane Oliveira Farias; Letícia Costa Fernandes Moraes Lavinias; Juliana Semião de Melo

Vínculo Institucional: UFRJ; Grupo de Estudos e Pesquisa: Ensino e Saúde Mental (GEPESAM).

Palavras-chave: Arteterapia; Enfermeiro; Saúde Mental.

Apresentado em: 28/11/2024

O presente estudo se propôs a investigar o papel da arte como componente inovador no cuidado de enfermagem em contextos de saúde mental, focando especificamente em artistas participantes de oficinas terapêuticas em espaços culturais e museus no Rio de Janeiro. O objetivo principal consistiu em explorar como essas práticas artísticas podem contribuir para o bem-estar emocional e social dos participantes, além de examinar os desafios e as potencialidades dessa abordagem dentro da clínica psiquiátrica contemporânea. A metodologia adotada foi composta por uma revisão integrativa de literatura, selecionando pesquisas que investigaram os efeitos das oficinas artísticas na saúde mental, especialmente aquelas que mencionam participantes identificados como artistas ou indivíduos em processo de expressão criativa. A análise de conteúdo foi aplicada aos estudos selecionados, destacando os principais temas emergentes nas narrativas dos participantes e as práticas de cuidado de enfermagem associadas. Os resultados revelaram que as oficinas terapêuticas oferecem um espaço crucial para que os participantes explorem e expressem suas emoções, histórias pessoais e traumas através de diversas formas de arte, como pintura, música e escrita criativa. Essas práticas não apenas foram capazes de promover a redução de sintomas como depressão e ansiedade, mas também fortaleceram a resiliência emocional e facilitaram a reintegração social dos indivíduos. A arte foi descrita como uma ferramenta transformadora que permitiu aos participantes reconstruir suas identidades e encontrar novos significados na vida após experiências de dor e perda. Diante disso, as conclusões destacaram a importância de integrar a arte no cuidado de enfermagem como uma abordagem flexível e personalizada, capaz de atender às necessidades complexas dos pacientes em saúde mental. A inclusão da arte não somente complementa os tratamentos convencionais, mas também promove uma prática mais humanizada e inclusiva, valorizando as capacidades criativas dos participantes e desafiando estigmas associados aos transtornos mentais. Ademais, a presente pesquisa enfatizou a necessidade de mais investigações para ampliar o reconhecimento dos artistas participantes e a validação das oficinas terapêuticas como práticas terapêuticas legítimas e eficazes na clínica psiquiátrica contemporânea, contribuindo para o entendimento dos benefícios terapêuticos da arte na saúde mental, destacando seu potencial como catalisador da melhora do bem-estar geral e promoção de uma maior inclusão e valorização das experiências criativas dos indivíduos alvos do cuidados de enfermagem no âmbito da assistência em saúde mental.

Voando alto: produção e soltura de pipas com usuários e familiares

Laryssa de Vasconcelos Brito da Silva; Alexander Rocha de Assumpção; Danielle Nunes

Vínculo Institucional: CAPS III Fernando Diniz.

Palavras-chave: Saúde mental; Inclusão Social; Desenvolvimento de habilidades.

Apresentado em: 28/11/2024

Introdução: A oficina "Voando Alto" foi desenvolvida a partir de um acolhimento de um usuário do CAPS III Fernando Diniz que tinha como questão o preconceito e o isolamento que sofria pelos familiares que não o incluíam em atividades em família, como soltar pipa, e que este usuário interpretava que a solução para seu problema seria deixar de tomar remédios psiquiátricos, numa tentativa de deixar de ser visto como louco e passar a participar desse momento de lazer e de nostalgia da infância. Ao refletir sobre o sofrimento e o diálogo construído com os usuários, a oficina foi idealizada com o objetivo de proporcionar um ambiente natural e acolhedor que promova a interação social e fortaleça os laços familiares e comunitários entre usuários de serviços de saúde mental e seus familiares. A atividade visa resgatar a identidade individual e coletiva por meio da inclusão em atividades significativas, desenvolver habilidades motoras e fomentar o empoderamento pessoal. Além disso, busca-se introduzir uma nova forma de diversão ao ar livre e explorar a possibilidade de gerar renda através da comercialização das pipas fabricadas. **Metodologia:** A oficina envolveu a produção e soltura de pipas, utilizando materiais como cola branca, varetas de bambu ou palitos de algodão doce, papéis de seda, linhas, sacolas plásticas coloridas, régua, canetas, canetinhas e tesouras sem ponta. Os participantes, compostos por usuários dos serviços de saúde mental e seus familiares, foram orientados a criar suas próprias pipas, exercitando a criatividade e a cooperação. Atividades foram realizadas em locais onde a soltura de pipas é habitual, promovendo a convivência com a comunidade e incentivando a participação em campeonatos de pipas. **Resultados:** A oficina proporcionou momentos de alegria e descontração, ao mesmo tempo em que introduziu uma nova forma de lazer ao ar livre. A produção de pipas artísticas despertou o senso artístico dos participantes e a possibilidade de comercialização das pipas fabricadas estimulou a visão empreendedora. A atividade também favoreceu a diminuição do estigma associado às pessoas com sofrimentos mentais, promovendo a inclusão social e o senso de conquista e pertencimento. Parcerias com outros Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) foram estabelecidas, fortalecendo a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). **Conclusão:** A oficina "Voando Alto" foi além da construção de pipas, criando um espaço de interação social, desenvolvimento pessoal e empoderamento. Integrando aspectos lúdicos e empreendedores, a atividade contribuiu significativamente para o bem-estar geral dos participantes, reforçando a importância das relações comunitárias e do contato com a natureza. Ao promover a inclusão e reduzir o estigma, a oficina "Voando Alto" se estabeleceu como uma iniciativa valiosa para a saúde mental e a coesão social.

Oficinas expressivas no contexto do CAPS

Mayara de Oliveira Brito

Vínculo Institucional: Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

Palavras-chave: Centro de Atenção Psicossocial (CAPS); Oficinas Expressivas; Prática Psicológica; Reforma Psiquiátrica; Saúde Mental.

Apresentado em: 28/11/2024

As Oficinas Expressivas no contexto do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) representam modalidades terapêuticas que utilizam a arte e a expressão criativa como meios para fomentar a saúde mental, dentro de uma abordagem que visa a substituição do modelo tradicional de tratamento psiquiátrico por práticas humanizadas e integrativas. Portanto, este trabalho tem como objetivo conhecer os saberes que a psicologia produziu após a publicação da Lei nº 10.216/2001 - Paulo Delgado, sobre as oficinas expressivas no CAPS e suas contribuições para a proposta antimanicomial e analisar se, segundo os estudos, as oficinas expressivas têm contribuído com o ideais da Reforma Psiquiátrica. Trata-se de um estudo realizado por meio de levantamento bibliográfico do tipo exploratório e a realização de uma revisão integrativa. As informações foram coletadas nas seguintes bases virtuais de dados: BDTD, BVS, PEPSIC e SCIELO. Posteriormente foram classificadas e analisadas utilizando o método Análise de Conteúdo, da autora Minayo (2007). Os principais resultados apontam que, apesar dos desafios na saúde mental desinstitucionalizada, as oficinas expressivas associadas a um trabalho de comprometimento ético-político com a luta antimanicomial, respeito à dignidade e autonomia dos usuários, são estratégias de cuidado psicossocial que promovem a expressão da subjetividade, facilitação da comunicação e o fortalecimento social.

Caravana das cores: um relato de experiência

Jaqueline Paiva Azevedo da Silva; Fabiane Cristina de Oliveira Cota

Vínculo Institucional: Jaqueline Paiva: Pós-graduanda no Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz); Fabiane Cristina de Oliveira Cota: Mestranda em Ensino de Artes Cênicas (UNIRIO).

Apresentado em: 28/11/2024

O presente trabalho consiste em um relato de experiência da intervenção teatral “Caravana das Cores”, do Grupo Cultural Cochicho na Cobia, executado em agosto de 2023 no Centro Integrado à Criança e ao Adolescente Portador de Deficiência (CICAPD) Professor Rêgo Barros, em parceria com o Sesc Saúde para o seu programa “Caminhos para Longevidade”. O CICAPD, situado em Conceição de Macabu, município da região Norte do Estado do Rio de Janeiro, faz parte da rede pública socioassistencial e está classificado como uma Unidade de Acolhimento (UA) para pessoas com necessidades decorrentes do uso de álcool e outras drogas. Hoje, atende exclusivamente pessoas adultas do gênero masculino que se encontram em situação de vulnerabilidade social, a maioria vivendo ainda sob o estigma da loucura. A UA oferece cuidados em saúde até que o usuário possa retornar para sua residência (para os que têm condições de se manter por conta própria), para sua família de origem ou para uma família que o acolha. A performance teatral levada ao CICAPD teve como objetivo trabalhar, de forma lúdica e interativa, a sensibilização dos participantes através das percepções tátil, sonora e visual, utilizando materiais com texturas e aromas diversos e musicalização. Durante a apresentação, os usuários foram convidados a serem agentes da história, auxiliando os atores e tendo liberdade para acrescentar novos elementos à narrativa, como, por exemplo, cantar, dançar ou fazer qualquer outra performance da sua escolha. Foi possível perceber, ao longo da atividade, que os usuários demonstravam grande interesse em participar e recebiam cada novo estímulo com entusiasmo. Alguns ficavam mais tempo tateando certa textura ou sentindo algum aroma específico, outros levantavam e iam à frente do cenário, e os que não interagiam muito por não querer, ou por alguma limitação específica, eram instigados por seus colegas a participar e recebiam ajuda deles, de maneira cooperativa. A realização de uma intervenção artística como esta em uma Unidade de Acolhimento nos instiga a pensar em modos pelos quais a arte é capaz de ser uma importante aliada na promoção da saúde mental, contribuindo significativamente para o bem-estar emocional e social dos participantes, estimulando ações e sensibilidades que aliem cooperação e autonomia, alinhando-se, assim, às orientações da Reforma Psiquiátrica brasileira, na perspectiva de uma concepção de saúde que vai além da mera ausência de doença ou enfermidade e no intuito de promover um cuidado que considere as complexidades territoriais, materiais e afetivas dos sujeitos

Travessia pelo mundo das imagens - experimentações cinematográficas em realidade virtual na Ocupação Nise da Silveira

Alexandre Muniz

Vínculo Institucional: Voluntário.

Palavras-chave: FILME EM RV; NISE DA SILVEIRA; IMAGENS DO INCONSCIENTE.

Apresentado em: 28/11/2024

A presente comunicação visa apresentar os principais fundamentos que motivaram a criação do filme em realidade virtual (RV) TRAVESSIA - PELO MUNDO DAS IMAGENS, uma experiência imersiva sobre a ocupação artística no Instituto Nise da Silveira (IMNS), no Rio de Janeiro. A obra resulta da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Mídias Criativas da ECO/UFRJ. Baseada no conceito de cinema expandido, a pesquisa insere o filme de RV no contexto das novas mídias. O cinema expandido, conforme definido por Gene Youngblood em seu livro *Expanded Cinema* (1970), amplia as possibilidades do audiovisual ao explorar novas tecnologias e formas de interação com o espectador, promovendo uma experiência sensorial. Outro referencial importante foi o cinema de atrações, teorizado por Tom Gunning, que prioriza o espetáculo visual e a interação direta com o público, como nas obras de Georges Méliès, pioneiro no uso de efeitos especiais. Esses conceitos foram fundamentais para a escolha de Nise da Silveira e seus filmes como tema central da obra. A RV, com seu potencial de explorar a relação entre espaço físico e psicológico, se alinha à estética imersiva tanto do cinema expandido quanto do cinema de atrações. A temática das “imagens do inconsciente”, explorada pela psiquiatra Nise da Silveira e em filmes de Leon Hirszman, oferece um universo rico em visualidade e subjetividade, criando um cenário ideal para a experiência sensorial proporcionada pela RV. A trilogia *Imagens do Inconsciente* (1988), de Hirszman, sobre pacientes de Nise da Silveira, foi uma referência essencial. Esses documentários investigam a psique humana por meio da arte, utilizando técnicas visuais que simbolizam o inconsciente. A obra TRAVESSIA - PELO MUNDO DAS IMAGENS busca recriar essa experiência sensorial, utilizando os recursos da RV para imergir o espectador no universo das imagens do inconsciente. A aplicação de técnicas inspiradas em Méliès, como fusões e sobreposições, contribui para a criação de efeitos visuais que evocam a subjetividade da mente humana. Em resumo, a pesquisa sobre cinema expandido e cinema de atrações, juntamente com a obra de Nise da Silveira e os filmes de Leon Hirszman, forneceu a base conceitual para a criação do filme em RV TRAVESSIA - PELO MUNDO DAS IMAGENS. O projeto explora a relação entre o espaço físico e psicológico, buscando criar uma experiência imersiva que convida o espectador a adentrar o universo das 'imagens do inconsciente', oferecendo uma narrativa sensorial rica e envolvente.

Intersecções entre arte, cultura e saúde mental: experiências do Centro Acadêmico de Terapia Ocupacional da UFPA

Carla Eduarda Santana Garcia; Caroliny Heloisy Dias Lima; Joana Kelly Alves Costa; Pedro Lucas dos Santos Nóbrega; Livia Mello Pontes

Vínculo Institucional: Universidade Federal do Pará-UFPA.

Palavras-chave: Arte; Cultura; Saúde Mental; Terapia Ocupacional.

Apresentado em: 28/11/2024

As ocupações são um componente fundamental da saúde e do bem-estar humano e refletem a natureza ocupacional inerente aos indivíduos. A participação em ocupações, por sua vez, permite a plena expressão do ser e promove a integração entre mente, corpo e espírito. Dessa forma, a relação entre ocupações e saúde destaca a relevância da identidade ocupacional para uma vida rica, eficaz e satisfatória. Nessa perspectiva, a arte pode servir como uma ferramenta importante, proporcionando expressão emocional, relaxamento, aumento da autoestima e uma sensação de bem estar. De acordo com a perspectiva de Vigotski, a arte, em seu alcance humanizador, evoca emoções que contribuem para a conscientização de si mesmo, dos outros e do mundo. Ela fomenta no indivíduo um estado coerente de ser, estar, pensar e agir, desempenhando um papel transcendente no cuidado à saúde mental. Este trabalho tem por objetivo relatar as experiências vividas por um grupo de acadêmicos de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Pará a respeito da utilização de atividades artísticas como ferramenta na promoção da saúde mental. Trata-se de um trabalho qualitativo e cartográfico que visou relatar as vivências dos autores em um dos encontros realizados pelo Centro Acadêmico de Terapia Ocupacional (CATO) da Universidade Federal do Pará (UFPA), que compôs o evento chamado “Circuito Cultural”. O encontro em específico teve como tema “Cultura e Arte no Contexto da Saúde Mental” e foi realizado em junho de 2024. Deu-se início com a visita guiada ao Museu de Arte de Belém (MABE), que permitiu aos participantes, graduandos do curso de Terapia Ocupacional (TO), analisar e apreciar diferentes obras, enquanto o guia contava sobre os contextos e significados delas. No seguinte momento, a docente convidada realizou uma roda de conversa, incentivando o compartilhamento da experiência dos participantes. Ao final, a mediadora propôs ao grupo uma vivência artística onde pudessem utilizar a arte para se expressar de forma livre dentro do tema e contexto da visita. Dentre as percepções que os organizadores do encontro observaram, podemos destacar as seguintes: a arte como linguagem para contar a história da cidade, a arte como forma de expressão de ideias e sentimentos e a arte também como recurso terapêutico da TO. Então, a partir disso, a docente pôde relacionar as percepções com saúde mental, trazendo suas experiências como profissional na área. As experiências dos acadêmicos de Terapia Ocupacional da UFPA evidenciam que a arte é fundamental na promoção da saúde mental, proporcionando um espaço para expressão pessoal e coletiva. A visita ao Museu de Arte de Belém e as vivências artísticas permitiram uma profunda conexão emocional, facilitando a compreensão de si e do contexto cultural da cidade. Essas experiências reforçam a perspectiva de Vigotski sobre a arte como um meio humanizador, essencial para fortalecer a identidade ocupacional e promover o bem-estar e a reintegração social dos indivíduos.

A criação de oficinas artísticas em uma enfermaria de agudos em um hospital psiquiátrico: desafios e potencialidades

Agatha Cristina Pereira Carlos dos Santos; Ana Luiza Ramos Fernandes; Bianca Abreu de Paula; Gabriele Dias França da Silva; Geovana de Almeida da Silva

Vínculo Institucional: Multiprofissionais.

Palavras-chave: Arte; Saúde Mental; Atenção Psicossocial.

Apresentado em: 28/11/2024

A iniciativa surgiu do interesse dos residentes multiprofissionais em desenvolver atividades e oficinas coletivas, atendendo às necessidades dos usuários e à observação da ociosidade no cotidiano das enfermarias. Com a proposta dos residentes, essas atividades se transformaram em uma experiência prática dentro do programa de residência. O grupo responsável por essa ação foi formado por cinco residentes multiprofissionais, uma estagiária de terapia ocupacional e uma supervisora que faz parte do colegiado da residência. A arte "é a transformação idealizada desta realidade e possibilitadora da criação de uma nova realidade" (Castro; Silva, 2002). Seguindo esse ponto, as oficinas artísticas foram inicialmente idealizadas para permitir a expressão subjetiva dos usuários, considerando que, durante a internação, suas histórias e singularidades tendem a ser ofuscadas pela rotina e regras de uma instituição total. A estrutura das oficinas foi construída gradualmente, com base no interesse de cada profissional e nas propostas apresentadas pelos usuários, além do desenvolvimento de estratégias para sua organização. Um calendário semanal foi criado para as oficinas, que foram divididas em três modalidades: oficina de poesia, artes manuais e teatro. A oficina de poesia tinha como objetivo a elaboração de escritos por usuários, profissionais e estagiários, a partir de uma poesia disparadora, explorando as diversas temáticas que emergiam durante as conversas. Na oficina de artes manuais foram utilizadas revistas para colagem e argila como ferramentas de expressão criativa, com a estrutura da oficina sendo moldada aos poucos a partir dos encontros. A oficina de teatro visava reconstruir, através de exercícios cênicos, vivências selecionadas pelos usuários, estimulando novas possibilidades narrativas. Durante a implementação das atividades, enfrentamos desafios profissionais, institucionais e clínicos, como a lacuna na formação acadêmica sobre a construção de atividades em grupo, a falta de um espaço coletivo consolidado na instituição que integrasse o trabalho nas enfermarias, a escassez de recursos materiais, as questões relacionadas à arquitetura e rotina que seguem a lógica hospitalocêntrica, e a dificuldade de lidar com cada situação clínica de crise durante as oficinas.

As oficinas terapêuticas são práticas de cuidado em Saúde Mental essenciais e capazes de potencializar o tratamento, sendo imprescindível aprofundar esses conhecimentos para produzir cuidado conforme a lógica psicossocial (Freitas, 2024). Diante dessas questões, as práticas desenvolvidas proporcionaram o envolvimento sociocultural dos usuários durante o período de isolamento hospitalar, contribuíram significativamente para nossa formação como sujeitos e profissionais da atenção psicossocial, destacaram a importância dos espaços coletivos além da clínica individualizada e possibilitaram a troca entre pares para suporte mútuo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, E. D.; SILVA, D. M. Habitando os campos da arte e da terapia ocupacional: percursos teóricos e reflexões. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 13, n. 1, p. 1-8, jan./abr. 2002.

FREITAS, B. F. Oficinas terapêuticas em saúde mental: potencialidades e desafios. 2024. 27 f. Trabalho de Conclusão de Residência (Residência em Ciências da Saúde) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024.

Ensaio acerca de oficinas artísticas na atenção psicossocial

Peder de Faria Salles

Vínculo Institucional: Residência Multiprofissional em Saúde Mental (SMS).

Palavras-chave: Oficinas; tecnologias leves de cuidado; atenção psicossocial.

Apresentado em: 28/11/2024

O presente trabalho se estrutura no formato de Ensaio. Propõe refletir sobre os processos de execução de oficinas em instituições de saúde mental que fazem uso de dispositivos artísticos. Versa sobre possíveis capturas manicomializadas que acometem tais dispositivos e reflete sobre possibilidades de sustentar uma prática antimanicomial por meio de implicações políticas dos processos criativos que compõem as oficinas. A discussão permeia também as complexidades acerca do fenômeno da catarse, da interpretação, do dito artista louco e da sua relação com o artista não-louco. Com o intuito de atualizar e relembrar 'para quês' do dispositivo oficina na atenção psicossocial, o Ensaio destaca os tensionamentos entre o fazer técnico e as vicissitudes do trabalho em ato, e de como se mostram imprescindíveis as conexões com o território e as formas de vida em sua diversidade. Traz, ainda, a pertinência de tratar sobre o tema da técnica artística na construção e execução de oficinas, relacionando-a com a clínica e as tecnologias leves de cuidado. Trata-se, aqui, de questionar se a oficina que se propõe no serviço de saúde mental está de fato alinhada com uma ética antimanicomial. O dispositivo oficina terapêutico-expressivo, por seu formato artístico, tende a ter a maior possibilidade de ser permeado por manicomialidades, em função de carregar em sua proposta uma 'boa intenção'. Nelas há de se estar mais atento que nunca, pois é onde mais facilmente pode-se exercer a velha psiquiatria em nome de um trabalho antimanicomial, como disse Cristina Rauter. Também objetiva-se, com este ensaio, retomar a historicidade das 'atividades terapêuticas' exercidas em instituições de saúde mental, com intuito de rememorar de onde o dispositivo oficina veio. Observando seus caminhos históricos, podemos avaliar se as propostas atuais repetem o modelo do hospital psiquiátrico ou não, e com isso planejar novos caminhos para as artes na saúde mental e, principalmente, em contato com 'o fora' das instituições.

Sextou: relato sobre a construção de um espaço de música, convivência e surpresas

Andréa Vieira Marcolan

Vínculo Institucional: Prefeitura Municipal de Magé.

Palavras-chave: Arte; Narrativas.

Apresentado em: 28/11/2024

Depois de uma semana intensa de trabalho, corre-corre do dia-a-dia, o que fazer num Caps às sextas feiras a tarde? Estava desenhando uma proposta de oficina com oferta de um espaço de lazer, com jogos, cinema, leitura e música. Já vinha atenta e reconhecendo alguns pacientes que se interessavam por manifestações artísticas e até um que já tinha trabalhado profissionalmente como músico mas que a bebida e a depressão haviam prejudicado muito sua carreira. Até a primeira surpresa: no final do dia de uma sexta-feira de janeiro, escuto um batuque vindo da mesa da varanda e digo: “isso daí dava um bloco de carnaval, hein?...sabia que existe Caps que tem bloco? Umas duas horas depois recebo um áudio e uma proposta: “vamos fazer nosso bloco?” Era um samba com o refrão - O Caps III não é só medicalização. Realizamos meio a toque de caixa a primeira apresentação do bloco Unidos do Caps III no carnaval deste ano ainda. Aproveitei o embalo e a partir da semana seguinte foram se juntando mais pacientes, alguns instrumentos sendo doados e uma afeição por cantar, dançar e se divertir. Aqui cabe um parêntese sobre o lugar do qual estou falando. Trata-se de um Caps III de um município da baixada fluminense, território de muita vulnerabilidade e precariedade social. Depois do carnaval, surge a proposta de um sarau em homenagem às mulheres em março. Em maio, participamos do evento da Luta Antimanicomial na praça central da cidade. Apresentamos três músicas, mas duas tornaram-se marcantes na trajetória dessa oficina: Sufoco da Vida, da banda Harmonia Enlouquece e Canta, canta minha gente, de Martinho da Vila, que ganhou uma versão própria do Sextou, em que o refrão diz: “vem pro caps cantar alto que a vida vai melhorar”.

Nos meses das festas juninas, cantamos e dançamos muito forró. Eis que surge mais uma surpresa. D., uma das nossas pacientes mais criativas, começa a cantarolar uma versão para Maria Chiquinha, de Sandy e Junior: “Quê que ocê foi fazer no Caps Maria Chiquinha, quê que ocê foi fazer no Caaaps?”. Juntei-me a ela e fizemos uma paródia incluindo alguns funcionários do Caps e a própria festa junina. Em setembro fizemos um piquenique festivo com o Sextou e pacientes de grupos terapêuticos. Ao som da playlist, com canções como: Dias melhores, do Jota Quest, Andar com fé – Gilberto Gil, cantamos: “a beleza de ser um eterno aprendiz” junto com Gonzaguinha. Em outubro faremos uma roda de samba e já começamos uma versão à moda Sextou: “Deixa o caps me levar, caps leva eu”. O Sextou é um happy hour do Caps? Apesar de parecer ser esse lugar de entretenimento e festa, não se restringe nem se identifica só com isso. É uma oficina terapêutica onde é preciso situar um fio condutor para a participação de cada um, no que lhe é mais singular. Seus efeitos podem ser recolhidos nas surpresas que vão acontecendo a cada sexta-feira.

A produção audiovisual como dispositivo em saúde mental: uma busca por protagonismo

Natália Aparecida Vargas de Oliveira

Vínculo institucional: Universidade Federal Fluminense - Campos dos Goytacazes.

Palavras-chave: Audiovisual; saúde mental; loucura.

Apresentado em: 28/11/2024

O presente trabalho surge durante o processo de produção do documentário “Não sou doutor, sou rei!”, que acontece a partir dos encontros entre Grande, nome fictício que será utilizado até o lançamento do documentário, e a equipe de estagiários de psicologia, realizados no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA/UFF Campos), tanto na clínica quanto pelo acompanhamento terapêutico, de onde também decorreram os registros. As questões oriundas do desenvolvimento do documentário que motivam a escrita deste trabalho: é possível o audiovisual servir como intervenção terapêutica no trabalho com pacientes de Saúde Mental? Tal como se dá na clínica psicanalítica, as gravações desse projeto se deram pela potência da fala, desta vez em frente a uma câmera e que, para além do analista, Grande conta sua história para quem estiver disposto a se libertar da lógica manicomial. Segmentado pela via do desejo, o projeto prioriza a autonomia e conta, a partir de sua perspectiva, suas vivências, subjetividades e a relação que mantém com uma cidade muito atada aos estigmas. Ainda, segundo Ramalho (2007), o trabalho na clínica das psicoses consiste em uma aposta no paciente, que permite a construção de uma narrativa própria que o leve à condição de sujeito. A questão do olhar aqui contempla uma dimensão importante - é pelo belo que pacifica, e também por uma dimensão do horror, que é capaz de fascinar ou aterrorizar - a imagem é dotada de poder ao fisgar o desejo do sujeito justamente por estas características, por mais que seja dito, ainda há aquilo que não pode ser representado ou nomeado. A arte impera no irrepresentável, carrega potências ao produzir novos afetos. O audiovisual enquanto dispositivo dá lugar ao sensível, subverte a lógica manicomial ao dar passagem às potencialidades da vida contada pelo usuário, do funcionamento do serviço de saúde mental e em como a cidade recebe as individualidades de cada um (Sonego; Gageiro, 2022). A imagem na psicanálise é parte principal na constituição psíquica do sujeito, desde os primeiros escritos sobre o narcisismo de Freud e ao Estádio do Espelho, como formador da função o eu por Lacan, ambos demarcando de diferentes maneiras o momento em que a criança passa a reconhecer a si mesma e segue em busca de sua alteridade. Sabe-se que na estrutura psicótica, na teoria psicanalítica, a imagem do corpo não se constitui da mesma maneira que na neurose, gerando sintomas que por muito tempo serviram de alibi para o encarceramento dessas pessoas, enclausuramento esse que hoje cobra dos profissionais de Saúde Mental medidas que libertem corpos institucionalizados. É também onde a arte mais uma vez se apresenta. Não tratamos aqui sobre o resultado dessa produção documental, que tem, sim, sua fundamental importância ao impulsionar vozes - vide Estamira (2004). No entanto, é o processo que possui grande habilidade terapêutica que dá contorno, a cada encontro, cada cena, cenário e história, e assim como Estamira, o documentário que inspira esse trabalho também carrega o nome de seu protagonista - “Não sou doutor, sou rei!”.

Ocupando pela arte: como um cuidado trilhado através da arte e da cultura é potente no trabalho de um Centro de Convivência

Rebeca Ramos de Freitas; Lana Romano Moura

Vínculo Institucional: Estagiária e ex-estagiária do CECCO Trilhos do Engenho.

Palavras-chave: CECCO; arte; cultura.

Apresentado em: 28/11/2024

Neste trabalho visamos debater os entrelaces entre arte, cultura e Psicologia a partir da experiência como estagiárias e conviventes no serviço do Centro de Convivência e Cultura (CECCO) Trilhos do Engenho. O dispositivo, pertencente à Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), tem como foco o cuidado integral do sujeito e sua especificidade como serviço foca em três pilares de atuação: a cultura, a arte e a cidadania. O principal enfoque desta apresentação é tentar disseminar um pouco da potência do cuidado promovido pela arte e pela cultura, com trabalho no território e ocupação deste através de dispositivos artísticos e culturais, além de intervenções. Desse modo, é através de uma clínica itinerante que o serviço entende a cidade como um espaço de encontros, trocas e convívio, concebendo o território como um agente de produção de cuidado e ampliação da autonomia de usuários. Quando abordamos cuidado em Saúde Mental, nosso olhar ainda muito atravessado pela lógica manicomial rapidamente nos direciona para medicalização, psicoterapia, sessões de psiquiatria, sem ao menos considerar um potencial terapêutico da arte e da cultura. Neste trabalho, buscamos, então, exemplificar, através de narrativas que perpassam desde saídas culturais até a aproximação com culturas não hegemônicas, como batalhas de rima e de bomb de grafite, o potencial transformador que o cuidado em saúde mental, atrelado às diversas formas de se fazer e experienciar a arte, podem proporcionar aos usuários e as equipes dos serviços de saúde. Entendemos, assim, a arte tanto como uma ferramenta de cuidado presente nos serviços, a exemplo dos grupos e oficinas realizadas nos CAPS, como também um fio condutor que nos convoca a refletir sobre saúde, território e loucura para além das amarras do estigma manicomial. É a partir e pela arte que conseguimos repensar a lógica de cuidado em saúde mental, tendo, assim, a atuação no CECCO Trilhos do Engenho, como um exemplo de serviço que se utiliza desse viés artístico e territorial para compreender e praticar um cuidado que vai além do consultório e adentra a comunidade.

As artes e seus destinos: uma cartografia dos processos artísticos nos cotidianos da Rede de Atenção Psicossocial

Clara Lobo e Ana Cabral

Vínculo Institucional: Hospital Psiquiátrico de Jurujuba e Universidade Federal Fluminense.

Palavras-chave: RAPS; Arte Contemporânea; Anarquivamento; Cultura.

Apresentado em: 29/11/2024

Quais destinos temos dado às artes nos cotidianos da rede de atenção psicossocial (RAPS)? Quais caminhos e usos elas têm tomado nos processos de desinstitucionalização da manicomialidade que opera nos corpos e nas cidades da Latino América? Tais indagações, feitas pelo Laboratório das Artes: Cultura, memória e territorialidades — dispositivo interinstitucional de transversalização da Universidade Federal Fluminense e do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba entre a RAPS e a Rede de Cultura —, apontam para uma atenção à construção de metodologias de reconhecimento, acolhimento e encaminhamento de processos artísticos nos territórios nos quais eles se dão e sobre os quais eles narram. Onde o que se coloca em jogo não é tanto o movimento de garimpar raridades e lançar luz sob genialidades individuais, mas sim de recolher fragmentos dessas histórias singulares e coletivas em suas produções poéticas e potências criativas. Desse modo, o Laboratório constitui procedimentos capazes de dar-lhes passagem junto às políticas de memória que, por sua força contra-hegemônica, anarquivam histórias, de modo que esses fragmentos possam se narrar de outros lugares e ampliar porosidades institucionais participando efetivamente da reinvenção do cotidiano da cidade e do presente.

Arte, cultura e saúde mental na escola: uma abordagem libertária

Dilma Mesquita de Lacerda Loureiro

Vínculo Institucional: Colégio Pedro II.

Palavras-chave: Educação; arte; cultura; teatro; literatura; loucura.

Apresentado em: 29/11/2024

O trabalho intenciona abordar as ações e projetos vinculados à proposta de execução das três Semanas de Saúde Mental no Colégio Pedro II. Partindo do pressuposto de que a arte e a cultura são capazes de promover o encontro e proporcionar, através do diálogo horizontal e afetoso, uma ampla discussão acerca da promoção da saúde mental no ambiente escolar, serão apresentadas diretrizes e resultados de projetos como o sarau público Sopa de Letras, o Teatro das Histórias e outras ações que tem como base a ideia de que educar para os sentidos - e não adestrar os sentidos - é a base para a formação de uma cidadania crítica e mentalmente saudável. Autores como Paulo Freire e Nise da Silveira são referenciais importantes para a pesquisa que antecede a prática; a afirmação de Ligia Clark de que não há objeto de Arte, mas sim objeto de relação, abre novos caminhos de leitura e é igualmente inspiradora - a partir dela apresentamos a proposta de um sarau relacional (o Sopa de Letras) e também criamos novas possibilidades de trabalho com as linguagens do teatro e das artes visuais, seja através da montagem e mediação de exposições que tratam da temática da saúde mental, seja através da construção de espetáculos e performances baseadas no resgate das histórias de vida da comunidade, transformando, assim, a criação artística em instrumento poderoso e eficaz de escuta e cura. Daremos espaço também ao relato vinculado ao processo de criação do Ledsme, grupo dedicado à discussão acerca de mecanismos e ações capazes de promover a saúde mental na escola. O Ledsme, grupo interdisciplinar que reúne professores, alunos e funcionários, está no seu segundo ano de atividade e atende alunos de todos os segmentos, promovendo debates, incentivando as trocas e buscando exercitar em especial a escuta como ferramenta principal de conscientização e quebra de resistências e preconceitos na problematização do tema.

A Contribuição de Yvonne Lara para o campo da saúde mental e da musicoterapia no Brasil

Kezia Paz

Vínculo Institucional: Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP).

Palavras-chave: Musicoterapia; Saúde Mental; Ivone Lara.

Apresentado em: 29/11/2024

Este trabalho apresenta uma pesquisa de Mestrado em andamento no Programa Mudança Social e Participação Política (promuspp), da EACH/USP, na linha de pesquisa “Arte e Sociedade”. O objetivo é aprofundar a trajetória de Yvonne Lara no campo da saúde mental, destacando suas contribuições para a reforma psiquiátrica, a luta antimanicomial e a musicoterapia no Brasil. Dona Yvonne Lara, pioneira mulher negra, enfermeira, assistente social, terapeuta ocupacional, cantora e compositora, usou a música como ferramenta terapêutica nos hospitais em que atuou entre os anos 40 a 70, no Rio de Janeiro. A pesquisa, de metodologia qualitativa, inclui revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas narrativas biográficas. Resultados preliminares indicam que Lara influenciou práticas humanizadas em saúde mental antes da formalização da reforma psiquiátrica, com experiências sonoro-musicais pioneiras, antecedendo a institucionalização da musicoterapia no Brasil. Conclui-se que a pesquisa resgata a invisibilizada contribuição de Yvonne Lara para a musicoterapia e a saúde mental no Brasil, oferecendo novas perspectivas para políticas públicas de saúde e cultura. A atuação de Lara não só enriquece a história da reforma psiquiátrica, mas também destaca a interseção entre arte e cuidado, fundamental para práticas terapêuticas contemporâneas. Este estudo espera fomentar novas iniciativas que integrem música e saúde mental, valorizando a contribuição histórica de Yvonne Lara.

Encontros de Luta Antimanicomial em Curitiba (2024): interlocuções entre arte, cultura e ciência

Fabiane Helene Valmore; Hamilton de Jesus Assunção

Vínculo Institucional: Luta Antimanicomial; Curitiba; Arte; Cultura e Ciência; Harmonia Enlouquece.

Apresentado em: 29/11/2024

A despeito do curitibano e militante histórico da Luta Antimanicomial Austregésilo Carrano (1957-2008), a cidade de Curitiba tem realizado ações alusivas ao Dia Nacional de Luta Antimanicomial de maneira bastante tímida e pontual comparadas com os Atos do 18 de Maio realizados nas cidades de São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, por exemplo. Considerando este fato e também a minha própria experiência de sofrimento psíquico e de pesquisa sobre Arte e Loucura a partir das Ciências Sociais e também de militante da Luta Antimanicomial em defesa da participação direta dos usuários da RAPS no Controle Social do SUS e da valorização e reconhecimento dos Artistas da Loucura, durante a Oficina Participa +: Formação para o Controle Social do SUS oferecida pelo Conselho Nacional de Saúde e realizada em novembro de 2023 na cidade de Curitiba, eu pude sugerir a realização de um Encontro de CAPS de Curitiba como uma das Ações Multiplicadoras desta Oficina que reuniu pessoas de várias regiões do Paraná. Acabaram-se desdobrando daí, portanto, a construção e realização de três Encontros de Luta Antimanicomial na cidade de Curitiba entre 11 e 16 de Maio de 2024, objeto deste Relato de Experiência, organizado por mim e por Hamilton de Jesus Assunção, cantor e compositor da Banda Harmonia Enlouquece, integrante do Coletivo Carnavalesco Tá Pirando, Pirado, Pirou!, Mediador de Saúde Mental e Militante da Luta Antimanicomial do Rio de Janeiro. Importante ressaltar que a construção e a organização destes três Encontros se deram de um modo muito solitário, sem recursos/apoio institucionais e buscando pautar no 18 de Maio de Curitiba a aproximação entre Saúde Mental e Cultura com a participação de pessoas usuárias da RAPS e/ou em situação de rua. Todos estes encontros foram construídos a partir de temáticas específicas que orientaram a composição das mesas de palestrantes constituídas por usuários, trabalhadores e gestores da RAPS; docentes, pesquisadores e estudantes universitários; músicos, artistas e pessoas em situação de rua. “Violência Social, Resistência, Saúde Mental e Direitos Humanos” foram os temas que nortearam o primeiro destes encontros realizado no Núcleo Periférico – Centro Cultural que atende/acolhe pessoas em situação de rua e egressas do sistema prisional. “23 anos de Harmonia Enlouquece” aconteceu no Auditório Bráulio Itiberê da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná e “Equidade, Dignidade, Cidadania e Participação no Controle Social do SUS” foi o tema do encontro realizado na Reitoria da Universidade Federal do Paraná. Todos estes com a presença de Hamilton de Jesus Assunção (voz e violão) acompanhado de diversos músicos instrumentistas de Curitiba que aceitaram o convite e o desafio encantador de conhecer e tocar ao vivo nas apresentações musicais de encerramento destes encontros, canções do Harmonia. Dito isso, desejamos neste Memórias da Loucura 7 poder apresentar e discutir um pouco dos desafios, limites e alcances destes encontros que teve no da UFPR, inclusive, a participação do Ministério da Saúde. Vale dizer também que o Departamento de Filosofia da UFPR reconheceu/validou o encontro realizado dentro desta universidade assim como ofereceu apoio para os próximos 18 de Maio.

Ações realizadas pelos profissionais e usuários do CAPS II Estação Mental de Barra Mansa em espaços públicos do município

Nairá Antunes de Oliveira

Vínculo Institucional: Coordenadora CAPS II - Estação Mental de Barra Mansa.

Palavras-chave: Autonomia; arte; equipe; espaço público.

Apresentado em: 29/11/2024

Trata-se este trabalho de um relato de experiência realizado pela equipe e usuários de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II) localizado no município de Barra Mansa, Rio de Janeiro, que possui 1.404 pacientes cadastrados, sendo que até oito anos atrás possuía 36 pacientes institucionalizados em hospital psiquiátrico. Em 2018, o referido CAPS funcionava em uma casa muito pequena, porém bem localizada e contava com uma equipe de profissionais novatos, sem nenhuma experiência com o serviço. Sendo o espaço físico um problema, a equipe encontrou caminhos que a levou a compreender a real meta da instituição que é promover a autonomia dos usuários, bem como naturalizar a presença deles nos espaços públicos da cidade. Assim, a equipe, buscando inserir os pacientes em atividades artísticas e culturais, passou a construir "relações" com tais espaços. Dentre eles a Secretaria Municipal de Cultura, um clube, um jardim e uma Biblioteca Municipal. Pode-se dizer que, a partir de um "incômodo coletivo" da equipe com o trabalho ambulatorial que vinha sendo realizado em um espaço físico tão reduzido, novas formas de se relacionar com a cidade foram sendo construídas pela equipe junto aos usuários, das quais cita-se: - oficina de capoeira, realizada no "Corredor Cultural" da cidade juntamente com um professor da Secretaria Municipal de Cultura, espaço este aberto, que oportuniza que pessoas da comunidade também participem; - participação de nossos pacientes em uma oficina de dança, oferecida por um clube da cidade; - grupo "Fazendo Arte" realizado num espaço da Secretaria Municipal de Cultura que inclusive cedeu o professor; - criação da "Caminhada Terapêutica" realizada pelos técnicos do CAPS nos espaços da cidade, como: jardins, praças, academias e etc.; - "Clube do livro" realizado dentro da Biblioteca Municipal, onde são trabalhadas questões literárias partindo do interesse e experiência dos usuários. Destaca-se que tais atividades foram se ampliando e possibilitando também novas construções como por exemplo uma parceria com o SESC de Barra Mansa, oportunizando em diversos momentos o acesso da equipe e usuários a shows e peças teatrais; visita, em 2022, ao Museu de Imagens do Inconsciente no Instituto Nise da Silveira e em 2023 ao Museu Itinerante Frida Kahlo, no Forte de Copacabana. Desta forma, pode-se dizer que, além da inserção dos usuários nos espaços públicos, houve a aproximação e o desejo em expandir o contato com a Arte. A realização de todo este trabalho também inspirou e teve como consequência a criação da Lei Municipal 5.056/2023 que instituiu de forma simbólica o Centro de Convivência Cultural Cidade do Inconsciente que tem como objetivo abrigar as atividades realizadas pelos CAPS e outras instituições de cuidado do município, promovendo cada vez mais a autonomia, autoestima, realização pessoal, bem como a inserção dos mesmos nos espaços culturais da cidade.

Participar e pertencer: o engajamento em atividades de cultura popular na Amazônia para a promoção da saúde mental

Bianca do Socorro Lima da Silva e Silva; Joana Kelly Alves Costa; Carla Eduarda Santana Garcia; Kaylane Santana Trindade; Laís de Sousa Tavares; Flávia dos Santos Coelho

Vínculo Institucional: Universidade Federal do Pará (UFPA).

Palavras-chave: Terapia Ocupacional; Cultura; Saúde Mental.

Apresentado em: 29/11/2024

Em terapia ocupacional, a ocupação humana configura-se como atividades em que os indivíduos se envolvem, atribuindo sentidos e significados ao viver. Um dos principais objetos teórico-práticos do terapeuta ocupacional é facilitar o engajamento humano em ocupações, que porventura foi limitado por desafios da vida, auxiliando no reestabelecimento de condições necessárias para viver, como a saúde mental. Nessa interface, apresentamos a prática cultural do Boi-Bumbá “Pavulagem” de Belém do Pará, a qual produz atividades ligadas à música, à dança e à arte circense no período junino. A miscelânea cultural dessas atividades é denominada “Arraial do Pavulagem”, identificando-se o envolvimento de diversas pessoas nas atividades propostas. Além da importância cultural à região, importa-nos refletir o impacto do Arraial na vida das pessoas que cotidianamente engajam-se nas atividades. Objetivamos relatar o envolvimento em atividades culturais enquanto estratégia de promoção da saúde mental. O trabalho trata de um relato da experiência das duas primeiras autoras nas atividades do Arraial do Pavulagem ligadas à dança e à arte circense - a primeira autora participa do movimento há 3 anos e a segunda, há 1 ano. A reflexão ocupacional dessa prática foi oportunizada por ciclos de debates sobre ocupação humana e cultura, promovidos por entidades estudantis de terapia ocupacional de Belém-PA. A cada ciclo de debates, registros foram produzidos em diários de experiência e, posteriormente, o conteúdo dos registros foi analisado tematicamente, evidenciando os benefícios do engajamento em atividades culturais à promoção da saúde mental. Anterior ao envolvimento nas práticas do Arraial, as duas primeiras autoras vivenciavam episódios de baixa estima, pouco envolvimento em atividade de entretenimento, frustração ligada à escolhas pessoais e sociabilidade diminuída, os quais prejudicavam o engajamento ocupacional ligado aos contextos da vida estudantil, social e afetiva. Motivadas a participar das atividades do Arraial, por interesse pessoal e após ter presenciado cortejos do grupo e se identificado com as linguagens artísticas, as discentes iniciaram sua trajetória nessa prática cultural. Isto possibilitou o cuidado em saúde mental, principalmente ligado à estruturação emocional, devido à produção do pertencimento, ampliação das atividades de lazer, fortalecimento de vínculos afetivos e o favorecimento da criatividade. Práticas culturais podem favorecer a saúde mental, devido à produção do pertencimento com o fazer, o território e a coletividade que realiza tais atividades. Isto dialoga com a dimensão simbólica de cultura, na medida em que a experiência individual e coletiva dos indivíduos pode criar símbolos capazes de demarcar a sua existência com o mundo. Essas práticas podem favorecer o lazer além do produtivismo, favorecendo a estruturação cotidiana dos sujeitos, combinando diversão e relaxamento, favoráveis à redução do estresse e sintomas de ansiedade. A vivência das autoras também proporcionou a criação e fortalecimento de vínculos com os demais integrantes, manifestados pela socialização, laços afetivos e as trocas de experiências e saberes. Nas práticas artísticas, as autoras deram forma a elementos constitutivos de si, sinalizando a expressão autônoma e coletiva requeridos pela criatividade humana. Portanto, o envolvimento dos indivíduos em práticas culturais significativas pode auxiliar na promoção de saúde mental, devido às possibilidades de acionamento do pertencimento, do lazer, dos vínculos afetivos e da criatividade. A vivência com as múltiplas atividades artísticas do Arraial possibilitaram o relaxamento, a diversão, a organização emocional e o bem-estar, considerando o conteúdo de sentidos e significados entre as autoras com a cultura popular.

Reflexões sobre a importância de narrativas escritas para o rompimento do silenciamento da loucura

Júlia Goulart Gomes

Vínculo Institucional: Fiocruz.

Palavras-chave: Narrativas escritas; reforma psiquiátrica; protagonismo; desinstitucionalização.

Apresentado em: 29/11/2024

Este trabalho tem como objetivo analisar a importância da escrita e dos escritores para o rompimento do silenciamento da loucura. Dizemos que a loucura foi silenciada devido ao processo de surgimento dos manicômios e a imperatividade dos saberes psiquiátricos, que consideravam os sujeitos loucos como cidadãos sem direitos, associados às ideias de periculosidade, de insensatez e de incapacidade (Amarante, 2007). Como descrito por Basaglia (1985), eles habitavam instituições da violência, que se limitavam a definir, catalogar e gerir as doenças. No Brasil, o movimento de desinstitucionalização, que surgiu com a Reforma Psiquiátrica, em 1980, permitiu uma nova concepção de tratamento, além de colocar a doença entre parênteses, priorizando o sujeito acima da sua enfermidade. Ademais, o crescimento do movimento da Luta Antimanicomial também favoreceu essas mudanças e o investimento em um novo lugar social para a loucura. Mesmo com a desinstitucionalização, ainda hoje precisamos encarar situações em que a lógica manicomial prevalece (Torre, 2022). No entanto, a partir de tais transformações, as produções artístico-culturais se tornaram indispensáveis para a Reforma Psiquiátrica. Com o tempo, os projetos culturais que surgiram inicialmente em dispositivos de saúde mental foram conquistando maior autonomia e passaram a ter um objetivo essencialmente cultural, separado de uma atividade terapêutica. Aqui, utilizando a nomenclatura de Torre (2022), chamamos essas produções artísticas de narrativas da loucura e teremos como foco aquelas que foram desenvolvidas por escritores, principalmente aqueles que relataram as violências e torturas sofridas dentro dos manicômios. Assim, esses escritos são de extrema importância para uma reconstrução histórica da memória da loucura, visto que rompem com o discurso médico e permitem o acesso às experiências de sofrimento pelo olhar dos próprios sujeitos. Ao escrever sobre as práticas violentas sofridas ao longo da internação, surgem uma variedade de testemunhos, como: o questionamento sobre o saber e o poder médico, a história de vida dos sujeitos posterior à internação, o tratamento e a cura da doença (Wadi, 2011). Nesse sentido, a escrita surge como uma forma (talvez a única) de expressar o sofrimento. Escrever pode ser considerado um ato de coragem, visto que frequentemente escreve-se sobre algo que tem origem em uma experiência dolorosa. Apesar de uma posição incômoda para expor algo que parece, de certa forma, indizível, o papel se torna um aliado no sentido de que ele não impede que algo seja dito. A importante saída do lugar de internado para o de escritor está associada a uma busca por reconhecimento do outro diante da situação limite vivida (Dias, 2017). Entretanto, no texto “A escrita de si” de Foucault (1983), o autor reflete sobre como, ao escrever para o outro, escreve-se também para si. Assim, constitui-se sujeito no próprio ato de escrever. Embora o texto possa estar direcionado a um leitor, é também pela escrita que o sujeito se reconhece como escritor e como participante daquela experiência. Por fim, busca-se sinalizar a importância do reconhecimento do sujeito como escritor para seu protagonismo e autonomia como cidadão.

Narrativa sobre si: corpo e linguagem como dispositivo de resistência e a criação como estratégia de sobrevivência

Breno de Sant' ana Gouveia

Vínculo Institucional: Estudante do 9 período de psicologia da UFF Campos dos Goytacazes.

Palavras-chave: Narrativa; escrevivência; corpo e linguagem; artes; experimentação.

Apresentado em: 29/11/2024

O presente trabalho busca trazer a discussão e reflexão sobre o que é ser um corpo LGBTQIA+ e sua rotulação pela sociedade a partir do desconhecimento, do preconceito e de analogias equivocadas ao longo da história, que aniquila subjetividades e diminui existências e potências. Nesse sentido, desde a minha infância, o termo pejorativo “viado” esteve presente em minha vida e acredito que na vida de outras crianças que, assim como eu, apresentavam ações e comportamentos não esperados social e culturalmente para o seu corpo. Dessa maneira, busca-se fazer uma leitura e interpretação da série de trabalhos autobiográficos, “vinhadinho”, deste autor, apresentando e afirmando “Viado” como expressão validada para denominar o percurso e trajetórias homossexuais masculinos, deixando o contexto negativo e preconceituoso, para assumir a potência libertadora da palavra. Serão compartilhadas diversas imagens sobre seu trabalho e pesquisa para tensionar e materializar metáforas e, pela repetição da imagem do veado, trazer diferentes olhares para as vivências do corpo LGBTQIA+, a partir da minha experiência como homem gay e periférico. Por fim, associar à simbologia do “viado” a outra conotação que não seja a negativa, mas de liberdade e afirmação de identidade, dando a possibilidade de corpos LGBTQIA+ se reconhecerem e terem sua experiência como legítima. Assim, por meio da minha biografia, pretende-se conectar corpos a suas trajetórias singulares e, a partir disso, sua potência. Além disso, promover a inserção de arte e clínica como produção e reinvenção de uma vida para reinterpretar a palavra “viado” no discurso social, proporcionando movimentos de descolonização, ou seja, transformar a forma e o conteúdo da produção do saber para refletir sobre o corpo para além do controle social, corpo pleno constituído por mais autonomia e mais liberdade. Ainda, ressignificar, experimentar a cura a partir de reconexão com lugares, histórias e memórias, a oportunidade de reconhecimento legítimo, já que ao longo da história nossos corpos LGBTQIA+ foram negados, brutalizados e feridos física e psiquicamente.

Por fim, refletir sobre os efeitos da violência e da homofobia no adoecimento psíquico, trazendo um olhar para além do desejo capturado, trabalhando a multiplicidade e a pluralidade de territórios existenciais, ampliando as possibilidades expressivas do ser, proporcionando um movimento de desterritorialização e reterritorialização. Sair do “meu deus, eu me odeio” para o “meu deus, eu sou normal”, ressignificando o sentimento, reconhecendo a si mesmo como homossexual, entendendo a homossexualidade como um modo de viver tão legítimo quanto a heterossexualidade. Dessa forma, quando nos abrimos às experimentações, nos damos a possibilidade de mudar a nossa forma de sentir, desejar e pensar nossos territórios existenciais, construindo um mundo e uma vida diferente.

Metabolizando conflitos emocionais em reinos ficcionais

Fernanda Pinto Miranda

Vínculo Institucional: UERJ (PPFH).

Palavras-chave: Saúde Mental; ressignificação; ficção; afetos; sentidos.

Apresentado em: 29/11/2024

Esse trabalho teve seu tema estruturado mediante uma pesquisa de modalidade documental que visa refletir sobre como os vínculos afetivos, idiossincráticos e singulares entre pessoas e obras ficcionais – ou obras artísticas e literárias de modo geral – podem ser uma estratégia de resistência potente para a manutenção da saúde mental e enfrentamento das adversidades que permeiam a vida cotidiana. Contudo, mais do que falar sobre a busca por “válvulas de escape” esta pesquisa analisa as relações mais peculiares entre cotidiano e ficção, e a potência existente nesta dimensão de uma ficção-realidade. Diante inclusive de condições humanas que seriam classificadas como loucura, desde vivências desagradáveis às perdas mais graves, realidades muita vezes insuportáveis e adoecedoras onde as opções costumam ser a morte ou o estigma, a escolha entre o nada ou o caos. Perante esta dimensão trágica da vida as narrativas ficcionais emergem como um modo acessível de manutenção de saúde mental sem a medicalização como única opção e um mecanismo válido de desconstrução da desesperança em algo que possa ser ressignificado, tendo como estratégia um respiro necessário que possibilita buscar caminhos para um fortalecimento emocional que visa lidar de modo mais leve e possível com as experiências cotidianas para reelaborá-las. Uma das principais referências neste trabalho, Michelle Petit, aborda a relação tênue entre real e ficcional através do ponto de vista da imersão dos sujeitos nas histórias e seus cenários, apresentando-nos como em diversos casos graças a experimentarem por algum tempo uma mescla entre ficção e cotidiano conseguem que tal imersão, e a ressignificação de seus afetos através dela, seja uma estratégia de sobrevivência diante de atribulações tais como: luto, guerras, depressão, falta de co-pertença, ou a vida em ambiente hostil ou opressor... Como diz Petit sobre o espaço que a ficção passa a ocupar no cotidiano: “Para quem vive em um ambiente caótico, esse espaço permite encontrar um sentimento de continuidade. Para isso, contribuem tanto a permanência do recurso possível como a estrutura do objeto (o código, feito de folhas reunidas) e das histórias que abriga (dotadas de um começo, de um desenvolvimento e de um fim).” (PETIT, 2009, p.35) Construo assim uma pesquisa que pretende ajudar o maior número possível de pessoas a compreender melhor suas idiossincrasias em relação com narrativas ficcionais e como estas podem gerar estratégias que se associam às fabulações para promover saúde mental e bem estar, podendo desvelar realidades, desenvolver repertórios culturais, gerar sentimento de pertença e criar modos de vida potentes e resistências através de como a cognição pode acessar referências e afetos gerados pelas ficções, para ressignificar suas experiências e seguir vivendo em tempos muito difíceis ou realidades insólitas. Então venho compartilhar aqui um breve recorte desta pesquisa e fazer uma reflexão pensando como as ficções podem conversar com a temática da saúde mental tendo seu potencial para enriquecê-la.

Oração às alienadas

Azulabula; Tatiana Pinto

Vínculo Institucional: Artistas e pesquisadoras independentes.

Palavras-chave: Louca; feminino; memória.

Apresentado em: 29/11/2024

“Oração às Alienadas” é uma composição artística de múltiplos suportes, reverenciando as mulheres julgadas loucas, chamadas de alienadas, que habitaram a Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro desde 1911, atualmente conhecida como Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira.. A composição se baseia em uma pesquisa documental sobre o início da colônia agrícola, que foi criada para abrigar exclusivamente mulheres desenvolvendo a praxiterapia, ou seja, a terapia através do trabalho. Muitas das que foram julgadas loucas apresentavam diagnósticos que hoje são considerados triviais, como menopausa, confusão pós-parto e outras condições inerentes a ser mulher. A pesquisa levanta questões sobre o julgamento e aprisionamento de corpos femininos explícitos nos tratamentos psiquiátricos do início do século visando questionar a contínua marginalização do outro, o diferente e do que é considerado loucura. A reflexão sobre a banalidade dos diagnósticos e sobre a maneira como essas questões eram tratadas busca desmistificar o que realmente é loucura. O trabalho artístico ocupa um dos antigos quartos do hospital psiquiátrico, atualmente conhecido como Espaço Travessia, sob direção e curadoria de Marcelo Valle. Trazer a história para o local e refletir sobre práticas do passado nos oferece a oportunidade de questionar o presente e projetar o futuro. No seminário iremos apresentar a pesquisa e as composições artísticas que se desenvolveram a partir de “Oração às Alienadas”. Toda oração tem um verbo.

O estigma da loucura: o diagnóstico psiquiátrico frente à sexualidade

Anna Clara Fernandes Silva

Vínculo Institucional: UFF (Universidade Fluminense).

Palavras-chave: Sexualidade; Loucura; Subjetividade.

Apresentado em: 27/11/2024

O presente trabalho se coloca como tentativa de problematizar a compreensão moderna de loucura em que associa a pessoa com transtornos mentais à desrazão, sobretudo às questões relativas à sexualidade em que há a concepção de que as condutas afetivas e sexuais são desviantes e até tomadas como sintoma. Partimos da sexualidade como modo de expressão de valores, direitos e identidade considerados essenciais na constituição da subjetividade. Assim, contamos com uma reflexão sobre os aspectos históricos e estigmas que se fazem presentes em nossa sociedade quando relacionados ao diagnóstico psiquiátrico associados à sexualidade humana. Nesse sentido, as consequências da invalidação da experiência, atreladas à loucura, é o estigma, a marginalização e a discriminação na vivência dessa sexualidade. No campo da saúde mental, a sexualidade é concebida a partir de uma ideia repressiva, sugerindo-se que esses são seres desprovidos deste componente tão influente na constituição do ser, preconizando a manifestação desta como figura comprometidora das ações provedoras de saúde. Podemos perceber, em concordância com Foucault, a loucura em um sistema punitivo, sua liberdade e autonomia cerceadas, bem como a autonomia e seu discurso frequentemente desvalidado. A discussão se acentua quando a consideramos um desafio nos serviços de atenção psicossocial, assistência e saúde. Dessa forma, o debate propõe a desnaturalização da repressão desses corpos, vislumbrando o desmonte dessa lógica de controle e tutela que os atravessa. Diante disso, de que forma desenvolvem-se ações promotoras de autonomia com o usuário sem esbarrar no paradigma da tutela? Será possível trabalhar em consonância com a reforma psiquiátrica e ousar que o diagnóstico deixe de preceder componentes que influem no ser e estar no mundo, como a sexualidade? Como produzir visibilidade para essas questões de maneira a não construir mais barreiras no acesso aos equipamentos, pensando sempre em como reformar as ofertas de cuidado? E, mais do que isso, quais ferramentas temos para produzir intervenções outras que nos aproximem do usuário e suas experiências?

Mapeamento das políticas públicas LGBTQIA + no Rio de Janeiro e o Ballroom como proposta de cuidado

Letícia Martinez Miguel

Vínculo Institucional: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Ballroom; Políticas; Saúde.

Apresentado em: 27/11/2024

Entende-se a arte como política em estado de revolução. O presente resumo apresenta a discussão do meu projeto de trabalho de conclusão de residência do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tal projeto tem como objetivo realizar um mapeamento das políticas de saúde voltadas para a população LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias, entre outros) e, a partir de tal levantamento, pontuar a importância dos movimentos sociais para a luta e formulação de direitos. Além disso, dialoga-se com o eixo ao revisitar a história da comunidade LGBTQIAPN+, história essa marcada por violência e estigmas sociais. Percorrendo o corpo histórico LGBT, este sempre foi posto de forma marginalizada, configurando-se, ora como pecado, ora como crime. Foi então a partir de 1948, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que as possibilidades de existência para toda uma comunidade começaram a ser pensadas. No entanto, tal Declaração não foi o suficiente, visto que os grandes poderes ainda não a consideravam ao depender da situação. A Constituição Federal de 1988 possibilitou a abertura de algumas portas, mas também não contemplou por completo as necessidades e direitos solicitados. O projeto propõe uma reflexão sobre a arte, nesse caso, o Ballroom, enquanto forma de ação política e de cuidado, analisando as políticas públicas em saúde voltadas para a população LGBTQIAPN+, onde política é entendida como práxis de formação social e de formação humana, e tendo a intenção de promover uma articulação teórico-investigativa no amplo leque de problematizações cabíveis no que diz respeito ao Ballroom como espaço de produção de saúde, tendo uma leitura crítica e pensando na articulação intersetorial. Ao se dizer sobre o Ballroom, vale dizer que este iniciou num movimento de resistência da comunidade LGBTQIA + e, em meados dos anos 60, ganhou força no cenário underground nova-iorquino e, em seus primórdios, era composto majoritariamente por homens cis gays brancos e drag queens brancas. No entanto, é importante frisar que o movimento tal como conhecido hoje em dia se iniciou de uma mudança no cenário racista hegemônico e se difundiu a partir de uma cultura periférica, onde travestis e drag queens negras lutavam por espaços dentro de uma comunidade racista e embranquecida. Assim, é indispensável pensar na interseccionalidade das lutas, uma vez que o corpo que se fala é atravessado, além das questões de gênero, pela raça e pela classe social. Portanto, é necessário que o movimento LGBTQIAPN+ seja concebido, não de forma isolada, mas sim em diálogo com as relações sociais mais amplas e com o contexto sócio-histórico que o atravessa. Dessa forma, a pesquisa não apenas se propõe a mapear as políticas públicas, mas busca também se aproximar da articulação entre arte, saúde e direitos humanos articulados no território.

Qual o lugar da raça na atual Reforma Psiquiátrica brasileira?

Vitória Maria França de Paula; Paulo Vitor Fernandes Costa de Lima

Vínculo Institucional: Estudante de graduação.

Palavras-chave: Reforma Psiquiátrica; Relações étnico-raciais; Saúde mental.

Apresentado em: 28/11/2024

O presente trabalho foi desenvolvido pelo grupo de pesquisa em História da Psicologia intitulado “Uma densa e curta história de transição: a implementação do CAPS na cidade do Rio de Janeiro na perspectiva de suas práticas cotidianas”, que tem por intuito analisar historicamente as práticas em saúde mental nos dispositivos substitutivos ao modelo manicomial a partir do arquivo morto de dois Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) da Zona Norte do Rio de Janeiro: CAPS Rubens Corrêa – localizado em Irajá e o primeiro implementado na cidade, em 1996 – e CAPS Clarice Lispector – localizado em Engenho de Dentro. Em tal pesquisa, propõe-se uma análise da Reforma Psiquiátrica brasileira a partir de seus dispositivos cotidianos. No decorrer dessa investigação, constatou-se poucos registros que incluem a raça do usuário. Dessa forma, o objetivo do presente trabalho é problematizar e buscar entender ao que esse deve a ausência desses registros, especialmente considerando todo o embasamento crítico associado à Reforma. Além disso, busca-se averiguar em que medida os CAPS, como dispositivos da Reforma, estão de fato contemplando as questões relacionadas à raça como elementos pertinentes à saúde mental. Uma vez compreendido o racismo como fator determinante das condições de saúde (Brasil, 2009), justifica-se a relevância do presente trabalho para dar corpo teórico à questão levantada visando preencher algumas das lacunas dos estudos sobre os atravessamentos raciais no campo da saúde mental. Como procedimentos metodológicos serão tomados os prontuários dos CAPS - Rubens Corrêa e Clarice Lispector -, entendendo que esses registros contribuem para uma melhor análise dos casos e das relações que se dão nesses dispositivos. É importante pontuar que esse trabalho diz respeito a uma pesquisa em andamento em que, no estado atual, foram localizados seis prontuários que continham informações sobre a raça dos usuários. A partir disso, pauta-se a hipótese de que a Reforma, mesmo priorizando a humanização, não menciona um aspecto crucial na saúde de boa parte da população: as relações raciais. Desse modo, pode haver indicativos de que a Reforma não consideraria em seu viés crítico vetores raciais e socioeconômicos. Portanto, com base no trabalho da autora Rachel Gouveia Passos (2018), abre-se a possibilidade de se tomar o racismo enquanto um fator desumanizador oculto na construção e efetivação da Reforma e nas práticas cotidianas dos CAPS. Essa ausência pode indicar o quão pequeno é o espaço dado à questão da raça pela Reforma e pelos prontuários e ressaltar que, apesar dos avanços da Reforma em termos de levar em consideração os determinantes sociais e as violências ao pensar a saúde mental, há a necessidade de se pensar os atravessamentos relacionados à raça na Reforma e nos dispositivos de atenção psicossocial.

O Impacto do racismo institucional na integralidade do cuidado em saúde mental

Cleiton Gomes Figueiredo

Vínculo Institucional: Residente em Saúde Mental - UERJ.

Palavras-chave: Racismo Institucional; Integralidade; Saúde Mental.

Apresentado em: 28/11/2024

De acordo com Werneck (2016), o racismo institucional é a dimensão mais negligenciada do racismo, desloca-se da dimensão individual e instaura a dimensão estrutural, correspondendo a formas organizativas, políticas, práticas e normas que resultam em tratamentos e resultados desiguais. Garante a exclusão seletiva dos grupos racialmente subordinados, atuando como alavanca importante da exclusão diferenciada de diferentes sujeitos nesses grupos. O presente trabalho tem como objetivo analisar o que se tem discutido a respeito do impacto do racismo institucional na integralidade do cuidado em saúde mental. A metodologia do estudo desenvolve-se como uma revisão narrativa de literatura, inclinando-se para descrever o estado da arte da temática sob o ponto de vista teórico e contextual, mediante análise e interpretação da produção científica existente. Dados de um estudo do IPEA (2016) mostraram que 74% dos indivíduos que utilizam o SUS se declaram pretos ou pardos. Embora seja maioria nos serviços de saúde, a integralidade do cuidado desses sujeitos ainda é negligenciada, uma vez que o racismo, sobretudo o institucional, ainda é um fator que dificulta o acesso aos serviços e impacta diretamente na qualidade do atendimento oferecido a essa população. A partir disso, cabe-nos refletir “para quem está o lugar de cuidado?”. Santos (2018) afirma que o Estado não estabelece apenas os corpos que devem viver e morrer, mas também “aqueles que devem ter saúde mental, e os que podem viver atormentados em seu sofrimento produzido pelas condições sociais”, o que está diretamente ligado ao racismo institucional. No campo da saúde mental, a integralidade objetiva permitir o contato e o acolhimento do sofrimento psíquico, apresentando respostas diferentes daquelas orientadas pelo modelo biomédico. O desafio que se coloca é romper com a visão linear para ações de saúde e abarcar uma gama plural de outros profissionais para uma prática que exige individualização do sujeito para dar lugar a sua subjetividade. Logo, no que desrespeita a saúde da população negra, é impossível se pensar em integralidade sem atravessar a questão racial, fazendo-se necessário combater a concepção descorporificada de que os sujeitos são ausentes de determinações sociais. Portanto, é possível identificar quanto o racismo institucional impacta na integralidade do cuidado em saúde mental e, além disso, quanto os serviços ainda carecem de letramento racial para refletir o cuidado da população negra, cabendo-nos refletir a respeito da importância do recorte racial no cuidado em saúde mental, uma vez que há no Brasil uma conformação importante do racismo que se apresenta como um mecanismo de banalização da temática que reflete efeitos danosos à subjetividade da população negra brasileira. Os efeitos subjetivos do racismo institucional ainda são pouco explorados no campo da saúde mental e tal ponto merece uma análise mais cuidadosa e atenciosa, uma vez que o racismo se apresenta como um problema seminal nesse campo.

"Estava cego na comunidade (...) Agora consigo enxergar o mundo": relato de um caso clínico do CAPS II Neusa Santos Souza e seus impasses clínicos-institucionais em um território marcado pela violência

André Henrique Godinho Morse

Vínculo Institucional: CAPS II Neusa Santos Souza.

Palavras-chave: Loucura; Droga; Violência; Território; RAPS.

Apresentado em: 28/11/2024

Este trabalho consiste no relato de um caso clínico de um usuário de saúde mental acompanhado pelo CAPS II Neusa Santos Souza desde 2016 e auto-entitulado "o primeiro paciente do CAPS". Abordaremos os diversos manejos e impasses clínicos a partir de um caso de psicose com histórico de uso abusivo de múltiplas substâncias (cocaína e crack, principalmente), em situação de vulnerabilidade psicossocial e em risco num território marcado pela incidência da violência e pela atuação do poder paralelo. Gabriel, pseudônimo criado para nomeá-lo neste relato, é um homem preto que vivencia deste a sua infância as marcas da violência do território, do uso intenso de drogas em seu meio familiar e da loucura, também presente em sua família. O nosso trabalho com Gabriel foi iniciado e continuado ao longo desses 8 anos de existência do CAPS II Neusa Santos Souza desde o seu primeiro surto psicótico, em 2016, quando Gabriel trabalhava como Auxiliar de Serviços Gerais em um hospital psiquiátrico. Onde trabalhava, foi contido e internado. Desde então o acompanhamos em suas inúmeras crises, perdas importantes e diversos tipos de violências sofridas e por ele causadas. Diante desta realidade, analisaremos como "loucura", "droga" e "violência" marcam este sujeito e o colocam diante do impossível de sustentação do laço social. Além disto, também identificaremos os efeitos das violências para a equipe técnica do CAPS II e uma possível direção do tratamento diante destas. Por fim, será descrito neste trabalho como as articulações realizadas dentro da RAPS com seus dispositivos (CAPS III e UAA) e fora dela - nas articulações com o território, se mostraram de fundamental importância para possibilitar a atenção psicossocial deste usuário.

“Fugiu do CAPS”: os memes da internet como perpetuadores de preconceitos sobre o cuidado em saúde mental

Caroliny Heloisy Dias Lima; Ísis Fernanda Ferreira de Sousa Alves

Vínculo Institucional: Universidade Federal do Pará e Fundação Hospital de Clínicas Gaspar Vianna.

Palavras-chave: Estigma social; Saúde Mental; Redes Sociais.

Apresentado em: 29/11/2024

Em tempos recentes muito se discute sobre saúde mental e seu importante papel. Ainda assim, identifica-se uma imagem bastante negativa vinculada aos transtornos mentais e sofrimento psíquico de qualquer natureza. A imagem vinculada à loucura rotula os indivíduos como perigosos, preguiçosos, imprevisíveis, nascidos de um estigma há muito presente na sociedade. Goffman (1988) conceitua estigma como uma marca, um sinal altamente depreciativo utilizado para gerar o afastamento de um grupo ou indivíduo, cujas características físicas ou comportamentais os tornem diferentes do dito normal, de modo a gerar rejeição, discriminação e exclusão dentro de suas participações sociais. Tais estigmas se perpetuam diante da divulgação das representações distorcidas das pessoas ditas doentes mentais, de modo que, conforme a sociedade evolui a nível de tecnologia e comunicação, os estigmas se renovam em novos formatos. Nesse contexto, as redes sociais se apresentam como fonte copiosa de estimas, compartilhados em tom de piadas e no formato de memes populares. Este trabalho objetiva evidenciar os estigmas sociais associados à saúde mental em conteúdos de humor nas redes sociais. É um estudo qualitativo do tipo exploratório, sendo feita a análise com base em uma breve pesquisa realizada nas plataformas digitais X (antigo Twitter) e Instagram. A busca revelou inúmeros comentários estigmatizantes normalizados e banalizados em diversos contextos. Um dos formatos mais comuns gira em torno da frase “Do jeito que o CAPS gosta”, a qual faz referência aos Centros de Atenção Psicossociais, associando-os erroneamente ao conceito manicomial. Outro formato bastante frequente traz como base a frase “Ele está certo, errado está o psiquiatra que lhe deu alta”, a qual não somente reforça os estigmas de loucura como desmoraliza e desmerece o trabalho realizado pelos profissionais psiquiátricos. Comentários pejorativos acerca da saúde mental modificaram-se e hoje geram conteúdos para os famosos “memes” na internet, resultando na perpetuação de preconceitos, ainda que velados, com pessoas em sofrimento psíquico, segregando ainda mais aqueles que são marginalizados, e distancian-do a sociedade de conhecer a pluralidade dos serviços ofertados pelos dispositivos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), logo não reconhecendo sua importância, tanto no tratamento como na prevenção.

Corpos dissidentes: uma reflexão sobre as encruzilhadas cotidianas de pessoas em sofrimento psíquico

Jardele Fagundes Santana; Nathália Nunes Lins Etelvino

Vínculo Institucional: Universidade Federal Fluminense (UFF).

Palavras-chave: Loucura; Normal e Patológico; Interseccionalidade.

Apresentado em : 29/11/2024

Neste resumo propõe-se elucidar as reflexões sobre saúde mental considerando questões étnico-raciais, vulnerabilidades, violências e estigmas sociais em corpos dissidentes. Proveniente de um trabalho avaliativo da disciplina de Psicologia e o Campo da Saúde Mental, oferecido na Universidade Federal Fluminense (UFF) em Campos dos Goytacazes – RJ, no primeiro semestre de 2023, no qual foi utilizado como aporte teórico, principalmente, os textos “Holocausto ou Navio Negreiro?: inquietações para a Reforma Psiquiátrica brasileira” da autora Rachel Gouveia Passos (2018), o conceito do autor Achille Mbembe - necropolítica, e recurso audiovisual do Conselho Federal de Psicologia (CFP), “Intervenção na Cidade, Militarização do Medo”, publicado no ano de 2018. Dessa maneira, o objetivo deste trabalho consiste em refletir sobre as concepções de ‘normal’ e ‘patológico’, considerando os marcadores sociais da diferença nas relações sociais, a militarização do medo e os impactos dessas questões na saúde mental quando o indivíduo é atravessado pela loucura. Ademais, visa pensar o normal para quem está alinhado com o estereótipo social, sem nenhum sofrimento psíquico e patológico, em contraponto para todos que fogem dessa regra. Para tal, a metodologia utilizada levou em conta uma análise das vivências de pessoas em sofrimento psíquico, relacionando-a ao conceito de necropolítica e levantamento bibliográfico, Achille Mbembe (2018) conceitua necropolítica como sendo formas de dominação e diversos modos de exercício de poder sobre corpos específicos que fogem da norma, além de considerar a militarização do medo através das mídias sociais, intensificando os estereótipos da loucura e também desses corpos tidos como marginais. Tendo em vista tal análise, é possível concluir que há um estigma na sociedade brasileira em relação à loucura, que marca uma intensificação desses preconceitos de forma violenta, quando o indivíduo tem em seu corpo marcas que fogem do padrão branco, hétero e burguês. Isto é, quando é marcado pela interseccionalidade de questões raciais, sociais e de gênero, ao ponto que essas pessoas são desumanizadas e privadas de direitos e cuidados, indo de encontro à Reforma Psiquiátrica e ao fim dos manicômios físicos, pois a lógica manicomial ainda é transitante na sociedade brasileira.

A terapia ocupacional na saúde mental: uma perspectiva antropológica

Luciana de Souza Prudencio; Maria Eduarda Pignaton de Melo Bahia; Davyd Robert Trindade Ferreira

Vínculo Institucional: Unisuam.

Palavras-chave: Terapia; ocupacional; sociedade.

Apresentado em: 29/11/2024

A concepção deste documentário se dá a partir de uma colagem estética e artística, onde estarão representados personagens em diferentes contextos biopsicosociais tais como música, dança, atividades laborais e entrevistas com profissional terapeuta ocupacional. A compreensão antropológica da saúde mental amplia as relações históricas como ferramenta de discussões teóricas no campo da terapia ocupacional e seu modo particular na gestão de transtornos e disfunções biopsicosociais incutidas na tradição brasileira contemporânea. O objetivo deste trabalho é pensar o Brasil antropológicamente, como um lugar onde viviam grupos distintos e miscigenados, - indígenas e negros - vistos como inferiores na escala social. Tem suas raízes na formação da nação, imprimindo um aspecto racial e étnico nas questões de saúde mental contemporâneas e suas particularidades, como medicina alternativa, história do corpo, sexualidade, aspectos de alimentação e vestimentas, habitação e cultura popular, consolidando assim, aspectos particulares da etnografia brasileira. A cultura e o ambiente são fatores cruciais na construção de nossa identidade e as atividades cotidianas que realizamos têm influência direta em nossa saúde mental. Mas como a terapia ocupacional, que coloca o foco no 'fazer humano', pode ser compreendida em diferentes contextos culturais? E de que forma essa prática nos conecta ao nosso ser coletivo e individual? Com a entrada dos negros na sociedade branca após a abolição da escravidão, “as condições impostas aos negros para que se inserissem nas relações de trabalho e nos espaços de cidadania demonstram que a segregação e a marginalização operavam como fatores patogênicos”. Bastide (2016) afirma que as doenças mentais estão ligadas às falhas nos mecanismos de defesa. “Elas ocorrem quando os meios de defesas fornecidos pela cultura são insuficientes para que o indivíduo possa reprimir suas pulsões culturalmente distônicas” ou “quando um indivíduo entra em contato com uma sociedade que não possui os mesmos mecanismos de defesa que os de sua sociedade nativa” (Bastide, 2016, p. 352). Essa distrofia social e econômica levava a população negra a buscar abrigo e conforto em manifestações religiosas de caráter ancestral, que posteriormente, passaram a ser interpretadas como ferramentas de cura e adaptação social. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), “a saúde mental é definida como um estado de bem-estar no qual o indivíduo é consciente de suas capacidades, pode lidar com as tensões normais da vida, trabalhar de forma produtiva e contribuir para a sua comunidade.” No campo da multidisciplinaridade, a terapia ocupacional atua como agente de reinserção biopsicosocial, devolvendo ao sujeito a capacidade de percepção de si e do meio em que vive - seja família, trabalho ou atividades sociais e de lazer. Reabilitar este sujeito para suas rotinas, oferecendo ferramentas para gerenciamento das emoções atreladas ao estresse, promover atividades prazerosas, fortalecer habilidades sociais de enfrentamento, além de aumentar a autonomia, têm o objetivo de resgatar sua qualidade de vida, reinserindo-o em suas atividades diárias. Compreender a terapia ocupacional sob uma perspectiva antropológica nos permite uma visão mais ampla e inclusiva do ser humano. A terapia ocupacional, mais do que uma prática clínica, é um reencontro com o 'fazer humano' profundamente enraizado nas tradições culturais. Ao reconhecer a riqueza das práticas culturais, ela nos lembra que as atividades têm o poder de curar, reconectar e transformar.

Perguntar ofende? O censo psicossocial e a importância dos marcadores sociais para a equidade no cuidado

Michael Santana da Paz; Rachel Gouveia Passos; Tatiana Wargas de Faria Baptista; Joana de Medina Barbalho; Lucas Moura Santos Silva

Vínculo Institucional: UFRJ.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Censo; luta antimanicomial; Atenção psicossocial; racismo; sexismo.

Apresentado em: 29/11/2024

Desde 2020, o Projeto de Pesquisa e Extensão Luta Antimanicomial e Feminismos, da Escola de Serviço Social da UFRJ, se debruça sobre o debate da luta antimanicomial, com ênfase no imbricamento entre saúde mental e relações de gênero, raça, classe, sexualidade, entre outros marcadores sociais. Em 2024, numa parceria com a Coordenação de Atenção Psicossocial da Secretaria Estadual de Saúde do estado do Rio de Janeiro (SES/RJ) o projeto deu início à primeira etapa do Censo dos usuários da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do Estado do Rio de Janeiro - que abrange Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e Serviços Residenciais Terapêuticos (SRT). O objetivo geral do Censo é identificar o perfil e os atravessamentos interseccionais que impactam na saúde mental dos usuários da RAPS do Rio. O Censo é uma iniciativa inédita no Brasil e atende à urgência de mapear o perfil da população atendida na Atenção Psicossocial no Estado. Espera-se com este estudo fortalecer as práticas de cuidado a partir de um entendimento sobre quem são as pessoas acompanhadas na RAPS e os impactos do racismo, sexismo, entre outras opressões e violências vivenciadas no cotidiano. Com isso, visamos contribuir para o desenvolvimento da política de saúde mental que corresponda às configurações sociais da população brasileira e suas pluralidades. Temos a compreensão de que um cuidado em saúde, de qualidade e referenciado, é potencializado quando se consideram as diversas particularidades vivenciadas por estes usuários dos serviços de saúde. Para que se faça valer o princípio da equidade, faz-se necessária a compreensão interseccional do sujeito e seus atravessamentos. Pois a falta do trato delicado e não consideração dos marcadores sociais da diferença podem levar esta proposta de cuidado em saúde mental a mais um reprodutor de violência para o indivíduo. Por isso, nesta primeira etapa que teve início em abril de 2024, estão sendo realizadas oficinas de educação permanente sobre os marcadores sociais da diferença nas nove regiões do Estado do Rio de Janeiro, com a participação de pelo menos dois representantes (um gestor e um técnico) de cada serviço de cada município das regiões. Nas oficinas vêm sendo possível sensibilizar os trabalhadores para o tema dos marcadores sociais, observar suas percepções, os atravessamentos no cuidado e levantar as principais barreiras para a identificação do perfil das pessoas acompanhadas nos serviços. Promovemos, nas oficinas, um espaço aberto para debate, acolhimento e formação política. Os temas que trabalhamos juntos aos profissionais partem de uma iniciativa de sensibilização acerca dos marcadores sociais da diferença como questões de classe, gênero, raça, território e outros, através de dinâmicas que permitem o diálogo e a troca das impressões entre estes profissionais, o que também nos permite compreender as diferentes realidades da Rede de acordo com as determinações sociais que atravessam cada região, município e serviço.

As mil faces do preconceito

Ana Paula Da Silva Ribeiro; Thaylane Lara David; Ana Vitória De Oliveira Machado; Ivi Diniz; Márcia Cristina Da Silva De Jesus; Maria Eduarda Silva Alexandre

Vínculo Institucional: Aluno.

Palavras-chave: Preconceito; Esteriótipos; Respeito.

Apresentado em: 29/11/2024

Está sendo falado dos tipos de preconceito que não se dissolveram totalmente com a colonização e perduram até hoje e mexem muito com a saúde mental daqueles que sofrem algum desses preconceitos - a dificuldade de descolonizar e a sociedade romper as barreiras da mente. Os muros manicômios caíram, porém os muros mentais ficaram. Tudo o que é diferente é excluído. Fala-se sobre o preconceito racial, de gênero, religioso, com PCD, com profissional do sexo. Tem um poema que descreve e fala da linha tênue de todos os preconceitos velados que hoje é pior. Tem uma entrevista com a professora da Unisuam, pesquisadora, psicóloga comunitária, mulher, negra e como tem que se revalidar todos os dias pois a cobrança que ela teve foi bem maior que outras. E com isso queremos mostrar o quanto esses tipos de preconceito ferem e levam a problemas que mexem com o psicológico, que causa baixa estima, levando à depressão e até mesmo ao suicídio. Os muros dos manicômios caíram, mas o da mente de muitos não, como a régua social. Só mudou de uma área de para outra, tentando desmistificar a doença mental, porém uma doença silenciosa chamada preconceito e tão arraigada e ainda e mexe diretamente na área mental. Por mais que estamos acostumados a passar por preconceitos, aqueles que os sofrem vivem, porém, sempre na defesa e esperando o segurança ir atrás de um negro na loja, um homem agredir um casal homoafetivo, uma mulher disputando uma vaga com um homem e mesmo que seu currículo seja melhor, a vaga será dele, porque ela é mãe e tem um bebê. Uma menina, que nunca mais será respeitada por um vizinho, entrou em uma boate em que ela trabalha. Mas também mostra superação de pessoas negras, mulheres e deficientes físicos que tomaram seu lugar e mostraram que suas limitações ou a cor de suas peles ou a suas opções sexuais não os fazem menos intelectuais que ninguém. Esse é um breve resumo do jornal da existência.

Promoção da acessibilidade aos serviços de atenção básica de saúde e o autocuidado para mulheres em situação de vulnerabilidade

Ainá Abayomy da Silva Santos; Paula Guedes de Magalhães Alves; Sara da Silva Soares; Maria Lúcia Machado Dias; Joseane Oliveira

Vínculo Institucional: Universidade Estácio de Sá.

Palavras-chave: Mulher; moradoras em situação de rua; autocuidado; profissionais de saúde.

Apresentado em: 29/11/2024

Introdução: Este estudo se refere a uma prática realizada em um abrigo feminino no bairro da Tijuca/RJ com foco na higienização pessoal (autocuidado) - que significa o ato de cuidar de si. É de conhecimento geral que o modo de vida dessas pessoas está rodeado de limitação que inclui o acesso ao saneamento básico. E também outras necessidades foram observadas, pois muitas delas não conseguem acesso aos serviços de saúde porque não possuem nenhum documento de identificação, comprovante de residência, que facilitariam serem atendidas em outros tipos de serviços. A constituição de 1988 diz que é dever do Estado garantir o acesso à saúde, bem como é responsável pelas medidas públicas para zelar pelo bem-estar físico de todos os cidadãos brasileiros. Os profissionais da área da saúde que atuam nesse ramo não só prestam o atendimento imediato, mas também desempenham um papel essencial na formação de vínculos e na coordenação com outros serviços. Atualmente o abrigo possui 72 vagas/camas, que são preenchidas todos os dias e abrigam mulheres com idade entre 18 e 59 anos. **Objetivo:** Relatar experiência de atividade onde as discentes realizaram uma ação educativa com as ouvintes a respeito do autocuidado e práticas de higienização com mulheres em situação de vulnerabilidade. **Método:** Relato de experiência realizado por acadêmicas de enfermagem no abrigo Dercy Gonçalves através de uma roda de conversa somados ao trabalho das trancistas para incentivar volta da autoestima. **Resultado:** O projeto foi apresentado com auxílio de banners para 30 pessoas de diversos gêneros e faixas etárias no abrigo, com duração de aproximadamente de 3 horas. E no campus do Maracanã, para os alunos de enfermagem e docentes - durou cerca de 1 hora. As participantes se mostraram interessadas e participativas contribuindo para a dinâmica com suas histórias de vida. **Considerações finais:** Ao protagonizar essa ação de educação em saúde, a atividade possibilitou ao público a reflexão e sanar dúvidas acerca do tema. Levando-se em consideração esses aspectos, nesse sentido, as estratégias de promoção à saúde feitas por acadêmicas de enfermagem desempenham um papel crucial na prevenção de doenças e incentivam hábitos saudáveis, promovendo a dignidade e o bem-estar dessas mulheres por meio de campanhas de conscientização e prestação de assistência de cuidados de enfermagem, distribuindo kits de higiene pessoal em locais de vulnerabilidade. Portanto, a fim de que a dignidade defendida por Kant seja estendida a todos os habitantes do país, é preciso que toda a sociedade em conjunto desperte a solidariedade em relação a esse grupo.

A intersectorialidade como aposta para o cuidado em saúde mental: um relato de experiência em territórios vulnerabilizados da Zona Oeste

Fabio Oliveira Lima; Flaviane Umbelina Expedito; Gustavo Menchini Santos Tauche; Suellen Salustino De Oliveira

Vínculo Institucional: CLT - Instituto Gnosis - Caps Ad II Julio Cesar de Carvalho.

Palavras-chave: Serviços de Saúde Mental; Vulnerabilidade em saúde; Redes Comunitárias.

Apresentado em: 29/11/2024

A proposta atual da política de saúde mental é ofertar cuidado no território buscando recursos de base comunitária para inserir os usuários em circuitos potentes de vida e de participação na comunidade. É necessário operar o cuidado com enfoque na constituição de redes intersectoriais que possibilitem a produção de um cuidado integral e ampliado. Este relato de experiência trata de um coletivo da Zona Oeste do Rio de Janeiro que se constituiu durante a pandemia de COVID -19. O mesmo se formou a partir da iniciativa de trabalhadores de um CAPS AD, que compreenderam a necessidade de articulação entre diferentes dispositivos para ofertar um cuidado ampliado e resolutivo em um território extremamente vulnerabilizado. O relato é baseado em uma análise documental e de banco de imagens das ações realizadas no período de janeiro de 2021 a agosto de 2024. O coletivo se reúne mensalmente, circulando pelos serviços do território como CAPS II, CAPS AD, CRAS, CREAS, ILPI, ongs, CAS e outros, e se estrutura a partir da adesão de trabalhadores da rede intersectorial e usuários dos serviços de saúde mental, além de membros da sociedade civil. Em abril de 2023 foi realizado o “I Fórum do Coletivo Intersectorial”, com 214 participantes, que abordou as principais demandas nos processos de trabalho com os usuários da rede e o destaque foi o cuidado da população em situação de rua - o Fórum foi fundamental para a estruturação do coletivo. No ano de 2024 o coletivo adotou como temática a insegurança alimentar e nutricional, tema que atravessa os serviços no território e, em julho de 2024, aconteceu a pré-Conferência Livre, com 162 participantes e com a presença de diversos atores do território, tais como o CONSEA- Colônia de Pescadores de Sepetiba-, produtores da agricultura familiar, coletivos de combate à fome, cozinhas solidárias, entre outros. O objetivo foi introduzir o debate da insegurança alimentar e disparar a I Conferência Livre a ser realizada em dezembro de 2024. Podemos analisar com a experiência do Coletivo como a cooperação intersectorial potencializa o compartilhamento de conhecimentos entre diversos profissionais, melhorando assim a qualidade da assistência oferecida. O cuidado em saúde mental, a partir da lógica da intersectorialidade, fomenta a integração de vários setores como saúde, educação, assistência social, justiça, sociedade civil, visando melhorar a integração dos serviços e do cuidado. A intersectorialidade é essencial para uma melhor assistência em saúde mental e podemos verificar que a implementação de estratégias construídas coletivamente podem promover saúde e inclusão social para pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade e se cuidam em serviços da RAPS.

Promoção da acessibilidade aos serviços de atenção básica de saúde e o autocuidado para mulheres em situação de rua

Ainá Abayomy da Silva Santos

Vínculo Institucional: Universidade Estácio de Sá.

Palavras-chave: Mulher; moradoras em situação de rua; autocuidado; profissionais de saúde.

Apresentado em: 29/11/2024

Introdução: Este estudo se refere a uma prática de disciplina extensionista realizada em um abrigo feminino no bairro da Tijuca/RJ, com foco na higienização pessoal (autocuidado). De modo geral essa população está rodeada de limitações dentre elas, acesso ao saneamento básico. Após contato com as usuárias outras necessidades foram observadas - muitas delas apresentam dificuldades e restrição do acesso a serviços de saúde pois não possuem documentos, comprovante de residência, que facilitariam serem atendidas ou a acessarem outros tipos de serviços. Atualmente o abrigo possui 72 vagas/camas, que são preenchidas todos os dias e abrigam mulheres com idade entre 18 e 59 anos. **Objetivo:** Relatar experiência de atividade onde as discentes realizaram uma ação educativa com as ouvintes a respeito do autocuidado e práticas de higienização com mulheres em situação de vulnerabilidade. **Método:** Relato de experiência realizado por acadêmicas de enfermagem no abrigo Dercy Gonçalves através de uma roda de conversa somados ao trabalho das trancistas para incentivar volta da autoestima. **Resultado:** O projeto foi apresentado com auxílio de banners para 30 pessoas de diversos gêneros e faixas etárias no abrigo com duração de, aproximadamente, 3 horas. E na universidade, para os alunos de enfermagem e docentes - durou cerca de 1 hora. As participantes se mostraram interessadas e participativas contribuindo para a dinâmica com suas histórias de vida. **Considerações finais:** Ao protagonizar essa ação de educação em saúde, a atividade possibilitou o público a reflexão e sanar dúvidas acerca do tema. Levando-se em consideração esses aspectos, nesse sentido, as estratégias em promoção à saúde feitas por acadêmicas de enfermagem desempenham um papel crucial na prevenção de doenças e incentivam hábitos saudáveis promovendo a dignidade e o bem-estar dessas mulheres por meio de campanhas de conscientização e prestação de assistência de cuidados de enfermagem, distribuição kits de higiene pessoal em locais de vulnerabilidade. Portanto, a fim de que a dignidade seja estendida a todos os habitantes do país, é preciso que toda a sociedade em conjunto desperte a solidariedade em relação a esse grupo.

"Políticas de limpeza": o higienismo como direção de trabalho de equipamentos assistenciais

Lorrana Dias Guimarães; Mariana Alonso Argôlo

Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Assistência Social e Economia Solidária.

Palavras-chave: Saúde mental; Assistência Social; Práticas Higienistas.

Apresentado em: 29/11/2024

O presente trabalho trata do relato de experiência de duas educadoras sociais atuantes em um equipamento da assistência social, abordando pessoas em situação de rua. Conseguimos fazer um marco temporal sobre o trabalho a partir de dois momentos. Inicialmente, a função apresentada às educadoras era garantir e proteger, através de políticas públicas, direitos básicos para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Consegue-se perceber que, nesse primeiro momento, era possível tecer algum tipo de trabalho, construir vínculo e, de fato, ofertar algum cuidado e assistência, mesmo diante de muitas adversidades e estigmas que já se mostravam presentes. O segundo cenário se inicia com as intensificações das ações em conjunto com outros órgãos públicos, as chamadas “ações de zeladoria”. Fazendo uma leitura do funcionamento da assistência, é possível perceber a influência das eleições que se aproximam. O trabalho da assistência social, então, passa a ter um outro perfil, o objetivo de garantir a proteção social se perde e percebemos que a direção do trabalho passa a ser um “sistema de higienização social”. Através das ações de zeladoria, a assistência junto com órgãos da limpeza, ordem pública e saúde atuam em conjunto com o intuito de “limpar a cidade”. Assim se inicia o “zelo com a rua” e a desassistência com as pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Com a intensificação dessas ações, o objetivo higienista ficou mais evidente. Os serviços da assistência acabavam ficando em segundo plano e a direção do trabalho passa a ser orientar os órgãos de limpeza a retirarem os pertences das pessoas abordadas, deixando-as em maior vulnerabilidade social. Diante desse novo cenário, o vínculo construído com os usuários se perde, muita violência institucional acontece e direitos humanos são desrespeitados. Diante de tantas violações/violências e do próprio adoecimento dos trabalhadores que não concordam com essa “política de limpeza higienista”, temos como grande desafio tentar construir possibilidades e inventividades que vão em direção ao viés da atenção psicossocial.

Os efeitos da institucionalização: o acompanhamento terapêutico enquanto dispositivo de cuidado e produção de autonomia

Hellen Souza Guimarães; Gabriela Rocha Guimarães

Vínculo Institucional: Universidade Federal Fluminense - Campos dos Goytacazes, RJ.

Palavras-chave: Acompanhamento Terapêutico; Autonomia; Desinstitucionalização; Cuidado; Vínculo.

Apresentado em: 29/11/2024

O presente trabalho tem como objetivo produzir reflexões acerca da potencialidade do Acompanhamento Terapêutico (AT) enquanto ferramenta de cuidado no processo de desinstitucionalização. O desenvolvimento histórico de segregação de pessoas tidas como loucas em um viés higienista atua por meio da lógica manicomial de tutela e institucionalização, atravessando os modos de vida desses sujeitos e produzindo danos. Entende-se o AT como dispositivo clínico-político cujo espaço de intervenção clínica se faz no território, no cotidiano, resgatando vínculos, fortalecendo a cidadania e construindo possibilidades de vida através do afeto e constituição de redes. A prática do método supracitado advém do Grupo de Pesquisa e Intervenção em Saúde Mental e Justiça (GPISMJ) da Universidade Federal Fluminense de Campos dos Goytacazes - RJ. Como efeito do processo institucional, tem-se a cronificação desses corpos com o rompimento de tudo aquilo que perpassa enquanto alicerce para a existência humana. Logo, produzir reflexões acerca da prática de AT como uma aposta em novas estratégias de cuidar é o cerne para o caso de Luna (nome fictício), produzindo a autonomia e reinserção no território. Dessarte, nota-se como o modelo tutelar, patológico e medicalizante atravessa o modo como ela enxerga a sua existência e as formas de ser, estar e se relacionar. Com históricos de internações em hospitais psiquiátricos, Luna, pautada no estereótipo da mulher louca, tem sua subjetividade mortificada ao longo do tempo. A relação com a casa, o dinheiro, as pessoas, o território, os desejos e a religião: tudo passa a ser atravessado pelas violências advindas da institucionalização. Por não corresponder à normatização imposta, Luna não se enxerga enquanto pertencente à sociedade, merecedora de afeto e enquanto sujeito capaz de gerir a própria vida. A aposta do cuidado é de acolher o sofrimento produzido por anos em sua trajetória. É no acompanhamento terapêutico que a ressignificação de ser e estar passa a ser moldada por meio da construção do vínculo, possibilitando novas formas de existir enquanto protagonista de sua própria história. O dispositivo do AT vem, enquanto potência, para o processo de desinstitucionalização, sendo Luna o primeiro caso de desinterdição e mudança de curatela do GPISMJ. É nas andanças do território que o corpo se cria em cena; é no ordinário que a loucura encontra seus caminhos pela liberdade.

Luta antimanicomial: articulações entre os processos manicomiais e de colonização

Larissa Alves Lima Campos; Rhuana Alves de Souza Santos da Silva

Vínculo Institucional: Larissa Alves - Psicóloga Clínica, Mestranda em Psicologia na UFRRJ; Rhuana Alves - Psicóloga clínica, Pós-graduanda em Saúde Mental na PUC/MG.

Palavras-chave: Antimanicomial; Colonização; Saúde Mental.

Apresentado em: 29/11/2024

A luta antimanicomial examina a interseção entre processos manicomiais e colonialidade, destacando mecanismos de dominação e desumanização. Com base em teorias decoloniais, entende-se que a modernidade e a noção de "sujeito" surgiram através de processos genocidas de colonização. Considerar os efeitos da colonização na saúde mental é fundamental para entender as complexidades do sofrimento psicológico em contextos historicamente marcados pela opressão e exploração. A colonização não apenas saqueou recursos materiais, mas também minou identidades culturais e espirituais, desumanizando povos inteiros. A noção da ideia de uma humanidade eurocentrada e ocidental, coloca o homem, hétero, branco, cis em uma posição de "sujeito ideal". Dessa forma, pessoas não brancas, a população LGBTQIA+, mulheres, os loucos etc., não são lidos como sujeitos, dotados de direitos e de suas próprias subjetividades. É através da concepção de normalidade que se constrói desviantes sociais, a que chamamos de loucura. Estes traumas históricos e contínuos se traduzem em problemas de saúde mental, muitas vezes exacerbados por políticas públicas que ainda hoje podem refletir dinâmicas de dominação. Ao reconhecer esses efeitos, podemos criar estratégias de cuidado mais eficazes, promovendo o fortalecimento das comunidades. Em resumo, sem essa compreensão, qualquer abordagem em saúde mental corre o risco de ser superficial e inadequada. Traremos autores que contribuam para tais articulações entre os manicômios e a colonização, dentre eles: Foucault, que nos ajuda a pensar a história da loucura e como essa se deu através das noções de irracionalidade e imoralidade que vão para lados opostos ao do sujeito considerado ideal em nossa sociedade. Frantz Fanon, nos ajuda a pensar os processos de colonização dos povos africanos e, através de suas obras, é possível refletir como o pensamento psicológico chegou ao Brasil através de uma configuração colonial. A tese de doutorado de Emiliano David (2022) é uma importante referência ao conceituar o termo "luta antimanicomial" citado no início desse resumo, enfatizando da reforma psiquiátrica brasileira uma relação histórica que torna impossível dissociar a luta antimanicomial da luta antirracista. Esperamos que esse trabalho reverbere de forma a colocarmos referências decoloniais em nossa prática em saúde mental, em nossas pesquisas, em nossa prática clínica enquanto psicólogas(os). Que possamos fazer estas vozes plurais e contracoloniais ressoarem em nossos ouvidos. Antônio Bispo dos Santos já nos disse: "Quando nós falamos tagarelando e escrevemos mal ortografado. Quando nós cantamos desafinando e dançamos descompassado. Quando nós pintamos borrando e desenhamos enviesado. Não é porque estamos errando. É porque não fomos colonizados."

O lugar do peso como marcador social da diferença: uma denúncia de mulheres assistidas pela rede de atenção psicossocial

Klysna Imbroinisio de Souza

Vínculo Institucional: Residente no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental da SMS/RJ.

Palavras-chave: Mulheres; Preconceito de Peso; Marcador social da diferença.

Apresentado em: 29/11/2024

O contexto social, cultural, econômico e político de cada época influencia diretamente a forma como as pessoas vivem e percebem seus corpos. No contemporâneo, o culto ao corpo ideal – jovem, magro e musculoso – se torna cada vez mais difundido pela mídia, através da publicidade e propagação de estilos de vida. Além disso, o saber médico reforça os modelos de corpos aceitáveis quando associa o corpo magro à beleza e saúde, e enquadra, totaliza e estigmatiza o corpo gordo como doença. Com isso, constroem-se estereótipos, e os corpos que fogem dos padrões impostos são discriminados. Isso acontece especialmente com mulheres, devido à inferiorização e controle de seus corpos ao longo da história. Uma das faces dessa discriminação é a gordofobia – que, segundo Jarid Arraes, militante gorda brasileira, é a “forma de discriminação estruturada e disseminada nos mais variados contextos socioculturais, consistindo na desvalorização, estigmatização e hostilização de pessoas gordas e seus corpos”. A concepção do que é normal em uma sociedade é construída a partir de relações culturais, políticas e econômicas. Assim, pessoas/grupos que possuem características que não se encaixam na norma social, vivenciam situações de discriminação, exploração, opressão e marginalização, carregando, portanto, marcadores sociais da diferença, como é o caso das pessoas gordas. Este escrito tem como objetivo confirmar o lugar do peso/gorda como marcador social da diferença. Trata-se de um estudo com delineamento descritivo, de caráter narrativo e reflexivo, cujos dados são provenientes da minha atividade profissional como terapeuta ocupacional que atua como residente multiprofissional em saúde mental pela Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro. Estudos confirmam que a vivência da gordofobia é frequente na vida de pessoas gordas – sobretudo, mulheres – e que se manifesta através de (pré) julgamentos, na moda, nos espaços públicos, nos serviços de saúde, por meio de apelidos e falas gordofóbicas, através de olhares de reprovação e julgamento, no mercado de trabalho, nas relações amorosas e através de violência física. Os discursos de mulheres que acompanhei no primeiro ano de residência e que acompanho neste segundo ano, corroboram com a literatura, já que denunciam a vivência da gordofobia, principalmente através de (pré) julgamentos, falas gordofóbicas e olhares de reprovação e julgamento. Essas mulheres também explanam como essa vivência interfere na relação com o próprio corpo e na saúde mental. Ante o exposto, reforça-se o lugar do peso/gordura como marcador social da diferença, já que ser gorda/o é motivo de opressão, desigualdade, discriminação e marginalização. Considera-se que as combinações entre diferentes marcadores sociais da diferença podem agravar e aprofundar as relações de opressão. Sendo assim, ressalta-se a necessidade de analisar o marcador social de diferença do peso junto a outros marcadores, como gênero, raça, classe social, orientação sexual, entre outros. Confirmado o lugar do peso/gordura como marcador social da diferença, evidencia-se a necessidade de estudos posteriores que explorem quais os desdobramentos disso para o cotidiano, principalmente no que se refere aos impactos emocionais/psiquiátricos, e analisem esse marcador interseccionado a outros.

A experiência da oficina de geração de renda - Caps III Clarice Lispector

Aline Fontinelle Ferraz; Lidiane Mattos Eloy dos Santos; Lígia de Azevedo Penna Menezes

Vínculo Institucional: Caps III Clarice Lispector.

Palavras-chave: Trabalho; Renda e Socialização.

Apresentado em 27/11/2024

Esse trabalho destina-se a descrever a trajetória da oficina de geração de renda (Escalda Pés – Cápsulas da Terra, Canetas Clarice – Escrevendo Sonhos) do CAPS III CLARICE LISPECTOR. Com o advento da Reforma Psiquiátrica brasileira e como é um processo ainda em curso de desativação dos hospitais psiquiátricos no Brasil, os serviços de atendimento psicossocial territorial em saúde mental passaram a buscar estratégias que promovam a ressocialização dos usuários que permaneceram por longos anos privados do convívio com a sociedade. Dentre estas, a inclusão pelo trabalho tem sido um importante mecanismo de transformação social, por permitir não somente (re)inserção social, mas também um meio de geração de renda. Levando em consideração que o adoecimento mental e o desemprego possuem relação direta, já que o sofrimento psíquico pode apresentar quadros temporários ou definitivamente incapacitantes, dificultando assim o processo produtivo do indivíduo (ASSUNÇÃO, LIMA E GUIMARÃES, 2017), a inclusão social pelo trabalho pode representar um instrumento emancipador capaz de produzir o “autoconhecimento e a autorrealização”, promovendo empoderamento e diminuindo a ociosidade (VECHI, CHIROSI e PRADO, 2017, p. 113). Nesse sentido, a junção entre a arte e o trabalho sob forma de Economia Solidária foi a solução encontrada entre equipe e usuários para alavancar um processo terapêutico que pudesse unir geração de renda, inserção social e território. Assim, no início do ano de 2024, duas atividades a serem apresentadas neste trabalho: a produção de escalda-pés (Cápsulas da Terra) e a produção de canetas decoradas (Canetas Clarice - Escrevendo Sonhos) foram implementadas no serviço. Os usuários participam de todo o processo de produção, marketing, venda e discutem em grupo, junto com a equipe de profissionais e alunos envolvidos, as formas de investimento de compra de material, de porcentagem de lucro e recebimento de pagamento. Para tal organização, vem sendo implementado processos administrativos e capacitação dos usuários para sua emancipação como empreendedores independentes, apesar do serviço apresentar desafios burocráticos que dificultam o desenvolvimento dessas atividades como cooperativas independentes.

Rubens Saboaria: um relato de experiência

Marina da Rocha Amorim Queiroga; Thais Lima Soares Noro; Luiza Pereima Conde

Vínculo Institucional: CAPS Rubens Correa.

Palavras-chave: Geração de renda; atenção psicossocial; CAPS; oficina de sabonete; trabalho.

Apresentado em 27/11/2024

Desde o início da história da loucura, o trabalho foi utilizado, dentro do conhecido tratamento moral, como a primeira forma de intervenção terapêutica. O tratamento dentro das instituições totais se caracterizavam por meio de oficinas de trabalho que visavam a normatização dos indivíduos, contribuindo para o combate da ociosidade e para a manutenção dos manicômios (FOUCAULT, 1972). Com os movimentos de Reforma Psiquiátrica, o trabalho passou a ser visto como um direito dos sujeitos. Com isso, a portaria nº 3.088 coloca como um dos objetivos específicos da RAPS promover a reinserção do indivíduo por meio do acesso ao trabalho (BRASIL, 2011). Muitas são as estratégias propostas para possibilitar que os indivíduos tenham acesso a alguma renda, podendo ser divididos em duas formas de inserção: projetos de geração de renda que seguem a lógica da Economia Solidária; e inclusão no mercado de trabalho formal. Nesse sentido, diferentemente do trabalho no sistema capitalista, que visa prioritariamente o lucro, o processo de trabalho na Economia Solidária é pensado coletivamente e as decisões são tomadas em grupo, pela participação democrática e pelo princípio da autogestão (SINGER, 2003). Considerando a importância do trabalho para a reabilitação psicossocial e observando as demandas dos usuários do nosso serviço de terem um complemento à sua renda, pensamos ações para a criação de uma Oficina de Geração de Renda. Com isso, organizamos alguns encontros em formato de roda de conversa com os usuários para pensar alguma oficina de geração de renda que fizesse sentido para eles. A maioria desses usuários resgataram a oficina de sabonete que acontecia no serviço e decidimos em conjunto pela sua retomada. A entrada de novos usuárias(os) nesta oficina passa por uma indicação da equipe e pela decisão coletiva daqueles que dela participam, baseado no princípio da autogestão da economia solidária. Assim, os participantes assinam um contrato concordando com os termos definidos em coletivo. A oficina acontece semanalmente na segunda-feira, no horário de 14hs até 16hs na sala de atividades do CAPS Rubens Correa. O fazer se dá por meio da confecção de sabonetes utilizando diversos tipos de materiais, comprados no território, com parte da renda das vendas. Os sabonetes são vendidos no CAPS, por meio de encomendas através das redes sociais, na loja Polo Ciclos e em eventos no território. Por isso, pensamos na importância de uma constante e cada vez maior articulação com o território para as vendas e participação em cursos e oficinas para que possamos ampliar nossos espaços de venda e aprimorar a técnica.

No exercício da experimentação: Ateliê-Aberto como dispositivo de cuidado anti-manicolonial em Volta Redonda

Luiza Meira do Nascimento; Paulo Sergio da Silva; Lorena Santos Pellegrini Pacheco

Vínculo Institucional: Universidade Federal Fluminense.

Apresentado em 27/11/2024

Na urgência de buscar interlocutores com atuações em políticas públicas de saúde mental que se contrapunham às lógicas manicomiais e coloniais, este trabalho se endereça com reverência ao VII Seminário Memórias da Loucura, um espaço de referência e inspiração aos acontecimentos propostos pelo dispositivo “Ateliê-Aberto” inserido na região sul Fluminense, em Volta Redonda. Trata-se, pois, da divulgação de um trabalho em curso que se inicia em 2022 no grupo de estágio curricular Cidade, Cultura e Coletivos (ICHS-UFF), orientado pela professora Ana Cabral Rodrigues, e que segue construindo desdobramentos na Rede de Atenção Psicossocial do município. Por essa perspectiva, afirmamos as potencialidades de trabalhos iniciados na universidade em diálogo com o território e com efeitos nas políticas públicas. O Ateliê-Aberto se consolida enquanto um espaço de convivência, como um modo de ativar encontros mediados pelas artes, e vem sustentando práticas de cuidados pela via da ampliação do direito à cidade e à cultura, utilizando-se da estratégia de ocupação semanal do Memorial Zumbi dos Palmares. Norteado pela radicalidade da noção de anti-manicolonialidade (David, 2023), nossa proposição incide sobre a categorização do cuidado em saúde mental restrito aos espaços institucionais de saúde. Ou seja, o Centro de Atenção Psicossocial deixa de ser o único espaço de encontro e de produções para deslocar e pulverizar a outros territórios da cidade, em especial ao referenciado espaço cultural de memória e resistência da população negra, uma oferta de produção de vida, inclusão e de outros pertencimentos a sujeitos assistidos pelo programa de saúde mental. Dessa maneira, buscamos produzir um espaço coletivo de investigação pela via da experimentação artística e estética e da troca de saberes em direção à produção de um comum e dos enfrentamentos às violências que acometem corpos - e experiências - não hegemônicas. Reivindicamos, pois, uma prática transdisciplinar entre as artes, a política e o cuidado que interroge a razão moderna colonial, possibilitando com que histórias contra-hegemônicas sejam vivenciadas, experimentadas, performadas e que, sobretudo, tenham seus direitos garantidos e ampliados sem que abram mão de suas singularidades.

Arte Culinária na Atenção Psicossocial

Rosângela Moreira; Annelyse Teixeira; Hercília Maria; Mariana Damas; Marcos Murtha; Rosana Brandão; Eneida Spadari; Raldo Bonifácio; Clara Lobo

Vínculo Institucional: Hospital Psiquiátrico de Jurujuba (HPJ).

Palavras-chave: Culinária; Saúde Mental; Cuidado; Arte; Atenção Psicossocial.

Apresentação em: 27/11/2024

O projeto Arte Culinária na Atenção Psicossocial iniciou-se no ano de 2022 como uma prática clínica terapêutica vivenciada no formato de oficinas realizadas na cozinha experimental do serviço de nutrição do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba. A aposta em realizar oficinas de capacitação em culinária com receitas saudáveis, sustentáveis, com aproveitamento integral dos alimentos apresenta-se também como uma atividade produtora de conhecimento privilegiando a culinária saudável, como arte e como valor cultural, assim como empreendimento econômico para geração de renda em consonância com as diretrizes da Reforma Psiquiátrica brasileira, da Economia Solidária e da Atenção Psicossocial. O projeto nasceu a partir da necessidade dos usuários da instituição terem atividades terapêuticas para explorarem, descobrirem e resgatarem da memória as suas habilidades culinárias, assim como, experienciar um espaço de convivência, em um ambiente acolhedor e exterior às enfermarias. Dessa forma desde o ano de 2022, se constroem desdobramentos das oficinas tendo como direcionamento o efeito terapêutico que acontece através de um cuidado que recebe o olhar e manejo de uma equipe multiprofissional; o empreendimento econômico, que capacita os usuários para geração de renda; o olhar sustentável e o potencial artístico, que reaproveitam o que seria descartado transformando em arte culinária e arte de mosaico. Alimentação sustentável é um conceito que envolve muitos aspectos além da comida que colocamos no prato. É um conjunto de hábitos que promovem a saúde das pessoas e do meio-ambiente que envolve a escolha de alimentos produzidos com baixo impacto ambiental e que sejam saudáveis. Há alguns princípios simples que promovem uma alimentação mais sustentável como: evitar perdas e desperdícios trabalhando no sentido do aproveitar e reaproveitar o alimento de forma integral, otimizando o seu consumo e diminuindo o descarte. Se fizermos algumas mudanças nos nossos hábitos, de pouquinho em pouquinho conseguimos fazer uma grande diferença em nossa comunidade, economia e principalmente na saúde. Muitos esforços dirigidos à mudança das formas de cuidar e as estratégias de inclusão social das pessoas com transtornos, têm como perspectiva garantir-lhes um novo modo de cuidado. Tal prática reforça os princípios do SUS e contribui para consolidação da Reforma Psiquiátrica e é nessa “brecha” que o projeto Arte Culinária se insere, objetivando fortalecer os vínculos entre os usuários participantes das oficinas, acolhendo as múltiplas formas de expressão da loucura, estimulando o resgate das memórias afetivas tão presentes no ato de cozinhar, que nos conecta com aromas, formas, prazeres, vivências familiares, culturas. Quando se está nas oficinas o estigma produzido pela loucura se “esvai” - naquele lugar os usuários são pertencentes, protagonistas, não há invisibilidade. O espaço do Arte Culinária é espaço de múltiplos encontros. Encontros muitas vezes com a aridez do que foi um dia vivido, uma casa que existia, uma família ausente, uma ceia de Natal compartilhada, o encontro com as sobras/ restos dos alimentos culturalmente descartados no lixo e ali transformados em receitas fartas, saborosas, de baixo custo, estimulando e aprendendo hábitos alimentares sustentáveis e as muitas possibilidades que esse espaço terapêutico produz.

As experiências do Rasga Tristeza: um dispositivo fruto da Reforma Psiquiátrica no sertão pernambucano

Larissa Beserra dos Santos

Vínculo Institucional: Doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense.

Palavras-chave: Centro de Atenção Psicossocial; Sertão; Rasga Tristeza.

Apresentado em: 28/11/2024

O Centro de Atenção Psicossocial I (CAPS I) Rasga Tristeza foi inaugurado em abril de 2007, na cidade de Salgueiro – PE. No cenário da Reforma Psiquiátrica brasileira, a abertura do Rasga Tristeza partiu de uma interiorização do cuidado. O estabelecimento de um CAPS no sertão era uma resistência diante de uma centralização da implementação de serviços setoriais que se localizavam expressivamente em Recife, capital do estado. Irrompia a demanda por uma atenção psicossocial que estivesse fixada no próprio município de Salgueiro. Os trabalhadores da saúde, mobilizados a partir de alianças com a Secretaria de Saúde, construíram um Projeto Terapêutico (2007) a fim de solicitar a habilitação do dispositivo junto ao Ministério da Saúde. Em 2012, na prática de funcionamento da instituição, a equipe do Rasga Tristeza sentiu que a demanda do serviço se apresentava maior do que os recursos que chegavam e que eram ofertados à população. Os profissionais avistaram horizonte aberto de luta para habilitar o Rasga Tristeza enquanto CAPS II, na tentativa de oportunizar melhorias no atendimento aos usuários e às usuárias. Os trabalhadores da saúde mais ativos do Rasga Tristeza elaboraram, portanto, mais um projeto, desta vez para requisitar a mudança de I para II. No entanto, em uma conjuntura nacional de desmontes e tensões políticas no próprio município, este projeto, elaborado em momento de transição eleitoral, não recebeu o suporte que precisava, não se desenvolvendo, sendo uma questão incerta até hoje. O Rasga Tristeza chega ao enfrentamento da pandemia de Covid-19 debilitado dos anos anteriores e continua sentindo os efeitos disso, sofrendo um descaminho na Reforma Psiquiátrica. O dispositivo tem lidado ainda com o aumento das Comunidades Terapêuticas no território. Proponho investigar aqui, a partir das experiências do cotidiano do CAPS Rasga Tristeza, um dispositivo substitutivo em saúde mental, como se desenrola o cuidado em liberdade no sertão pernambucano diante dos desafios do tempo presente.

Cuidado colaborativo: a prática de uma teoria

Carla Renata Capelli Garcia; Natassja Thaise Silva Aires

Vínculo Institucional: Carla Capelli - Psicóloga Servidora Pública do Ambulatório do Instituto Municipal Nise da Silveira (IMNS); Natassja Aires - Estagiária de Psicologia do Ambulatório do IMNS.

Palavras-chave: Cuidado; estratégia; território.

Apresentado em: 28/11/2024

A demanda pela gestão da saúde mental na implementação do novo dispositivo Deambulatório resultou na aproximação entre o Ambulatório de Atenção Psicossocial e o CMS Carlos Gentile de Mello. Essa colaboração visa lidar com as demandas da Atenção Básica e ampliar os recursos territoriais. O principal objetivo deste trabalho é destacar o cuidado colaborativo como uma nova proposta e estratégia para expandir a rede de suporte e fortalecer o apoio mútuo no território dos usuários de saúde mental, aproveitando os conhecimentos tanto dos profissionais quanto dos próprios usuários. A estratégia, juntamente com o Apoio Matricial, mostrou-se eficiente para proporcionar uma atenção mais fluida ao usuário e consolidar o compromisso com o território. Isso também possibilitou a criação de uma interação harmônica e regular entre as equipes, além de promover a construção de laços sociais entre profissionais, usuários e o território. Outro ponto importante é que esse modelo de cuidado já representa uma forma de trabalhar a transição do apoio dos serviços de saúde mental especializados para a própria rede, de maneira cuidadosa. Isso evita que o usuário se sinta invadido ou tenha seus direitos violados, aproximando-o dos serviços territoriais de base e garantindo assistência sem que ele sofra ou enfrente mais violências até alcançar o tratamento adequado. Por fim, as reuniões também destacaram a necessidade de criação de um grupo terapêutico devido às diversas demandas de quadros leves de depressão e ansiedade. Esse grupo foi concebido como um espaço para a partilha de vivências de sofrimento e conflitos, além de um fórum para discutir possíveis estratégias de enfrentamento.

A medicalização na atenção básica e as consequências para o cuidado psicossocial

Débora Carvalho Grion

Vínculo Institucional: ENSP/Fiocruz.

Palavras-chave: Medicalização; atenção básica; atenção psicossocial.

Apresentado em: 28/11/2024

A atenção básica (AB) é responsável pela resolução de 80% da demanda em saúde da população. No que diz respeito à saúde mental, a AB compõe a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e é responsável pela organização do cuidado psicossocial dos usuários enquanto equipe de referência. As interações entre os profissionais de nível superior da AB – com uma formação biomédica – e os usuários do sistema de saúde – inseridos atualmente em contexto histórico em que as pessoas têm entendido seu sofrimento pelo prisma da psiquiatria biomédica – têm produzido encontros altamente medicalizantes. A medicalização pode ser definida como a expansão do campo de estudo e intervenção da biomedicina, que interpreta fenômenos de várias ordens como se fossem problemas médicos, autorizando, portanto, intervenções médicas e muitas vezes se limitando a estas. O aumento da incidência e prevalência dos chamados transtornos mentais se deve em parte ao processo de medicalização. O sofrimento psicossocial é interpretado como uma ou mais categorias diagnósticas médicas devido às pressões medicalizantes tanto da instituição saúde e seus profissionais quanto dos usuários, também submetidos às pressões culturais desse processo. Como consequência, há um aumento da busca por cuidado especializado em psiquiatria. A demanda já chega psiquiatrizada aos serviços especializados, encaminhados pelo serviço de AB que enquadrava o sofrimento dentro da lógica biomédica. Muitas vezes os usuários chegam ao serviço especializado nosografados e com histórico de uso de psicotrópicos, mesmo em casos considerados leves. Os números crescentes de psicofármacos prescritos pela atenção básica é outra consequência da medicalização. A formação em saúde tem um papel central na pressão medicalizante da saúde mental na AB. Construída por uma epistemologia biomédica, os profissionais são formados pela ciência na qual o chamado transtorno mental é uma afecção neuroquímica, ontológica do usuário. O rompimento com a epistemologia da psiquiatria hegemônica é um dos pilares fundantes da Reforma Psiquiátrica brasileira, com o surgimento do cuidado psicossocial como uma alternativa possível.

No entanto, não cabe somente ao profissional dos serviços especializados tensionar a lógica biomédica patologizante. O poder do profissional de saúde no encontro com o usuário na AB pode validar e cancelar ou não a pressão medicalizante cultural trazida pelo usuário. Portanto, a AB há de reconhecer a medicalização como um processo presente e ativo na clínica enquanto analisador do tipo de cuidado oferecido. É possível, assim, que a AB integre o convite realizado pela atenção psicossocial a um outro olhar sobre si e a sociedade, visando à construção de um plano terapêutico que não reduza a pessoa em sofrimento psicossocial imediatamente a uma categoria diagnóstica e a um tratamento fármaco-centrado protocolar. Há de se tensionar em direção a uma reorganização das metas e valores biomédicos que organizam a clínica na AB, com a possibilidade de relativizar as categorias diagnósticas para uma compreensão mais complexa do sofrimento. Ao se complexificar o sofrimento, é possível orientar os planos de cuidado para caminhos desmedicalizantes e construtores de autonomia do usuário.

Avaliação de humor em usuários da saúde mental: uma experiência nas oficinas de exercícios físicos do Caps III Clarice Lispector

Ricardo Chaves de Oliveira

Vínculo Institucional: Profissional de educação física CAPS III Clarice Lispector.

Palavras-chave: Saúde mental; exercícios físico; educação física.

Apresentado em: 29/11/2024

Como profissional de educação física no CAPS III Clarice Lispector, observei que alguns usuários apresentavam um comportamento mais ativo após a realização das atividades que envolviam exercícios físicos. Esse fato pode ser justificado através de algumas variáveis científicas e comportamentais. O humor pode ser uma delas. Pensando nisso, tive a ideia de tirar fotos do rosto dos usuários antes e depois das oficinas que envolviam exercícios físicos com a finalidade de comparar e verificar se seria possível notar diferenças no humor dos usuários através das expressões faciais. As oficinas escolhidas foram: Em Movimento, Natação e Futebol.

Oficina Em Movimento acontece semanalmente em uma academia da terceira idade no território, promovendo exercícios de flexibilidade, força, condicionamento cardiorrespiratório e outras atividades que envolvem o corpo e o bem-estar. O cuidado com a saúde física e mental é o foco principal, proporcionando melhorias na mobilidade, força e equilíbrio, além de ajudar na redução do estresse e na promoção do bem-estar geral. Natação: em parceria com a Academia Acto (território), o Centro de Convivência Trilhos do Engenho, o Polo Esportivo do Nise e o CAPS Clarice Lispector, as aulas de natação promovem a adaptação ao meio líquido e o aperfeiçoamento dos diferentes estilos de nado. Essas atividades também ajudam a desenvolver autocompetência, superação de limites, autocontrole e prazer de se exercitar em grupo, além de estimular a socialização. Futebol localizado na Vila Olímpica do Encantado em parceria com o Centro de Convivência Trilhos do Engenho, e os CAPS Clarice Lispector, Raul Seixas e EAT. Os jogos promovem interação, socialização, melhora da capacidade aeróbica, aumento da coordenação motora e musicalização através dos cantos das torcidas organizadas durante os jogos.

Existem estudos científicos que comprovam que a combinação de exercícios físicos e interação social em oficinas terapêuticas contribui significativamente para a melhora do humor e saúde mental dos usuários. Essas fotos sugerem a importância dos exercícios físicos no tratamento de transtornos mentais.

Uma linha muito tênue: a vivência na infância e adolescência perante a tutela do corpo infante

Jordana Neves de Almeida Guimarães; Flávia Helena Miranda de Araújo Freire

Vínculo Institucional: Universidade Federal Fluminense (UFF).

Palavras-chave: Autonomia do usuário; tutela; relato de experiência; infância e adolescência; cuidado em saúde mental.

Apresentado em: 29/11/2024

O estágio na infância e adolescência faz emergir diversas dimensões acerca do ser-criança. Realizo estágio curricular em psicologia no CEMAIA (Centro Especializado Multidisciplinar de Atenção à Infância e Adolescência) no município de Pirai - Rio de Janeiro, a partir do convênio com a Universidade Federal Fluminense (UFF). Trata-se de um dispositivo do SUS atuante no cuidado da saúde e educação de crianças e adolescentes. Iniciei meu percurso de estagiária este ano no campo da saúde e sigo construindo o estágio por meio de grupos terapêuticos e atendimentos individuais. Através destas atividades, percebe-se como os responsáveis demandam que se eduquem seus filhos, seja a partir de demandas como “a escola reclama muito” ou “ele não para quieto”. Tal expectativa se insere numa lógica da rede de instituições que impera na sociedade disciplinar, a partir do que Foucault apresenta, formulando instituições que buscam normatizar e disciplinar os sujeitos. No caso da infância e adolescência, o estado, a escola e a família se enquadram enquanto instituições que visam corrigir condutas indesejáveis, diante do que é considerado “normal” e hegemônico, a partir de certas tecnologias e dispositivos. Um destes mecanismos refere-se à tutela que, segundo Emerson Merhy, atua na perspectiva outorgada, ou seja, trata-se de uma articulação de políticas pelo estado direcionadas à infância e adolescência sem que elas participem de sua construção. Sob esse viés, compreende-se como a tutela é intrinsecamente pertencente à sociedade ocidental, não possibilitando observar, neste momento, as relações institucionais sem sua existência. Nesse sentido, cabe aos profissionais e estagiários da saúde mental atuar, mesmo que permeado por essa tecnologia, de forma a produzir autonomia e cuidado direcionado a modos de criar outras formas de ser e estar no mundo. Tal visão centra-se na concepção de uma tutela autonomizadora que, ao contrário de uma tutela castradora, possibilita a produção de autonomia dos sujeitos. Assim, cabe refletir se os serviços de saúde e as práticas de cuidado dos estagiários e profissionais, ambos permeados por relações institucionais, não se somam a mais uma tecnologia normatizadora promotora de uma tutela castradora que inviabiliza as crianças e adolescentes em suas vidas. O ser-criança deve ser impulsionado e não restringido; deve-se estimular o questionamento, a exploração de diferentes territórios antes não pisados a fim de proporcionar um espaço no qual adultos, crianças e adolescentes estejam de igual para igual, com o objetivo de amenizar a hierarquia sobre tais corpos, a qual é reforçada no restante dos segmentos sociais. Não cabe aos estagiários e profissionais educá-los, mas inventar um espaço seguro no qual se sintam confortáveis para compartilhar seu sofrimento. É nesse cuidado que, atravessado por uma tutela autonomizadora, busco estabelecer no meu projeto de estágio, maneiras de criar e produzir autonomia das crianças e adolescentes. Seja a partir da escolha conjunta de qual atividade realizaremos ou pelo estabelecimento de contratos nos quais as crianças participem. Entretanto, ainda há muito a se fazer nesta construção coletiva com vistas à produção do cuidado, onde a tutela autonomizadora seja o foco do encontro com as crianças e adolescentes.

Tecendo laços: reflexões de uma clínica da convivência na saúde mental infanto-juvenil

Guilherme Abranches Sucupira; Elisa Lopes Torres

Vínculo Institucional: Estagiários da rede.

Palavras-chave: Convivência; clínica; infanto-juvenil; atenção psicossocial.

Apresentado em: 29/11/2024

A convivência é um dispositivo que ocupa uma posição central dentro das instituições de saúde mental infanto-juvenil e que necessita de uma maior atenção. Deste modo, este trabalho tem como intenção fazer uma reflexão contribuindo com possíveis caminhos para uma convivência que faça mais sentido para os principais atores do tratamento: os usuários e seus familiares. Assim, será discutido sobre o que é a convivência tendo como fio condutor a seguinte questão: como as instituições podem valorizar o dispositivo da convivência? A ideia deste trabalho é responder com o desenvolvimento dos três seguintes aspectos: o propósito clínico da convivência, a implicação da equipe no processo e a condução da equipe em relação à relevância da direção de tratamento para os próprios usuários e familiares. A convivência é uma frente de trabalho que está na essência da atenção psicossocial e que é, ao mesmo tempo, um dos dispositivos mais complexos de se colocar em prática. Para Gomes (2023) ela é um acontecimento que se constrói fruto de uma relação que não necessita de um espaço físico, desenrolando-se pela disponibilidade de uma escuta atenta. Inicialmente é necessário se pensar como se dá esse trabalho, o que se realiza durante esse momento, quem participa e o que se colhe como efeito dessa dinâmica. Por isso é importante buscar entender as indicações avaliadas pela equipe e que fazem parte do Projeto Terapêutico Singular dos usuários. Com as indicações, torna-se imprescindível ter um norte das possíveis propostas que sustentem essa clínica da convivência. Entendendo que essas propostas podem se dar de forma a não ter necessariamente uma vinculação com a dinâmica apresentada, podendo ser reconstruída de acordo com as particularidades de cada usuário. Com base no segundo aspecto, para que a clínica da convivência aconteça com qualidade é preciso da consciência da equipe em relação ao seu valor dentro da organização de trabalho, já que seus efeitos clínicos dependem muito de uma troca qualificada da equipe. Nesse sentido, valem os questionamentos: qual é o espaço de discussão da convivência nas reuniões de início e final de turno das equipes e na supervisão clínico-institucional? Qual é a prioridade que a gestão e a equipe dão em relação ao fazer da convivência? Quanto ao terceiro aspecto, deve-se ter uma comunicação clara por parte do profissional para com os usuários e familiares sobre a importância da convivência interna e externa como parte do tratamento avaliado pelo serviço. Além de ser informada aos responsáveis a indicação de tratamento para que tenham uma implicação no cuidado. Investir na promoção da clínica da convivência é uma estratégia que, quando bem implementada, pode aliviar a sobrecarga perante outras frentes de trabalho, como o atendimento individualizado e a atenção à crise. Assim, é possível reconhecer o potencial terapêutico da convivência para o campo da saúde mental infanto-juvenil, onde se acolhem as diferentes formas de participação, permitindo a construção de um laço social que promova uma autonomia ao sujeito e também outras formas de estar na vida exercendo sua cidadania.

Marquinhos Valadinho - cuidando da saúde mental infanto-juvenil no território

Carla Graziela Paes Ladeira; Carolina dos Santos de Oliveira; Kaique Jesus da Silva; Rafael Freitas Aleixo de Bartolo; Rebeca Pegoral de Sá dos Santos

Vínculo Institucional: Clínica da Família Marcos Valadão (CFMV).

Palavras-chave: Saúde Mental Infanto Juvenil; Intersetorialidade; Cuidado em liberdade. Apresentado em: 29/11/2024

Em um contexto de crescente patologização, medicalização e mercantilização de diagnósticos, crianças têm sido encaminhadas para serviços de saúde, nos quais ainda se observa a reprodução de uma lógica de cuidado reducionista e estigmatizante em saúde mental.

Com o objetivo de promover o cuidado ampliado em saúde mental que não se restrinja ao atendimento dentro de um serviço de saúde, buscamos nos aproximar do território, promovendo o cuidado em liberdade e utilizando-se de ferramentas leves e leve-duras, tais como diálogo, ludicidade e produção compartilhada do cuidado. Através da ampliação da rede com trabalho intersetorial, buscamos parcerias com serviços da educação, da assistência social, do terceiro setor e de espaços comunitários para oferecer mais locais de promoção de saúde, além da construção de uma rede de suporte para usuários e familiares. Este trabalho é um relato de experiência de um grupo denominado Marquinhos Valadinho, realizado intersetorial e conjuntamente por profissionais da Clínica da Família Marcos Valadão (CFMV), equipe Multidisciplinar da Atenção Primária à Saúde (e-Multi APS), Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) Acari e Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (Capsi) Heitor Villa-Lobos.

A proposta de realizar uma atividade em grupo, com periodicidade mensal para o público infantil, surgiu a partir da grande demanda por atendimentos e/ou reavaliações de crianças com quadro de alterações do neurodesenvolvimento, sobretudo após as devoluções à Atenção Primária à Saúde (APS) das solicitações na fila de espera para acesso à rede especializada em saúde mental infantojuvenil pelo Sistema de Regulação (SISREG) municipal em agosto de 2024. O primeiro encontro do grupo foi proposto pela Equipe Rio Acari da CFMV, em parceria com a e-Muti APS, e aconteceu em 28 de setembro de 2023, com a participação de 16 crianças acompanhadas de seus responsáveis. Nesse encontro e nos subsequentes, os profissionais dividiram-se entre 2 grupos, um com o desenvolvimento de atividades lúdicas com as crianças e outro com uma roda de conversa entre pares com os responsáveis. A partir de 24 de abril de 2024, quando ocorreu a Supervisão Territorial de Saúde Mental - Eixo: Infantojuvenil abordando o tema “Autismo e o cuidado em rede”, o grupo consolidou novas parcerias com o Capsi Heitor Villa-Lobos e o CRAS Acari. Desde 10 de julho de 2024, são realizados encontros mensais em articulação desses dispositivos com os equipamentos sociais locais como o Núcleo de Assistência ao Cidadão (NAC) e a Associação de Moradores de Acari. Em contrapartida, a grande demanda já existente nos serviços de saúde dificulta a construção sistemática de uma agenda de atividades. Além disso, as situações de violência territorial também se tornam um entrave à realização das atividades em determinados momentos. Por fim, notam-se ainda desafios na adesão das famílias à perspectiva contrahegemônica do cuidado em saúde mental.

Percepções sobre juventude e o sistema socioeducativo brasileiro

Júlia Gabriele de Oliveira; Julia Pivoto Paiva dos Santos

Vínculo Institucional: Universidade Federal Fluminense (UFF).

Palavras-chave: Juventude; socioeducação; projeto de vida.

Apresentado em: 29/11/2024

Este trabalho pretende explorar um recorte de uma pesquisa nomeada como Dimensões do Presente, realizada na Universidade Federal Fluminense (UFF) dentro do campus de Volta Redonda. No projeto, busca-se compreender quais as percepções sobre a juventude que vêm sendo produzidas no e pelo campo da Psicologia Social brasileira. Dentro desse contorno, elegem-se aqui para análise aqueles que, selecionados inicialmente em critério do tema “juventude”, tratam mais especificamente sobre o sistema socioeducativo, categoria que compõe então um resultado parcial da pesquisa em curso. Por meio da naturalização e universalização – nas teorias mais tradicionais – da juventude enquanto categoria etária, predomina-se a concepção da socialização secundária como a principal característica ou função desse jovem (Grosso, 2017). A juventude é então colocada em um não-lugar, isto é, um entre transicional da infância à fase adulta. Assim, o olhar desenvolvimentista exposto demonstra como historicamente se interessou pela juventude no campo da pesquisa: menos pelo que a juventude é, mas mais pelo que será ou deveria ser chegada a adultez (Grosso, 2017). Nesta pesquisa buscamos referenciais que trabalhem o jovem, não como etapa biológica transicional mas sujeito ativo de direitos, composto por inúmeros marcadores sócio-histórico-culturais que atravessam os processos de subjetivação dos quais participa. Como ferramenta metodológica, a pesquisa apoiou-se em uma revisão bibliográfica de artigos publicados na revista “Psicologia & Sociedade” da ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social) entre os anos de 2002 e 2021, os quais referem-se ao tema da juventude e seus atravessamentos. Por meio do uso de palavras-chave como “jovem”, “juventude”, “juvenil”, “criança” e “adolescente”, foram 93 artigos divididos até então pelo grupo em 10 grandes temas. Dentre eles, 14 correspondem ao tema da socioeducação, refletindo questões em torno dos jovens institucionalizados. A análise percorreu a leitura, produção de fichamentos e discussão grupal, nos quais nós alunos procuramos identificar o lugar do jovem nos textos, a conceituação de juventude utilizada pelos autores, o referencial teórico, o contexto de produção e informação relevantes. Dentro dos resultados obtidos, identificou-se que as pesquisas se concentraram na região sudeste do país, embora o estado com maior número de trabalhos seja o Rio Grande do Sul. Somente quatro dos 14 artigos apresentavam o jovem como coadjuvante ou critério para recorte de investigação, enquanto os outros 10 utilizavam a juventude como objeto central para a análise. O referencial teórico mais utilizado é o da Psicologia Social e os resultados em geral apresentam como temas mais recorrentes projetos de vida e família. Verificou-se uma baixa quantia de trabalhos sobre os processos de subjetivação dessa juventude que, em comparação com os artigos sobre seus planejamentos de futuro, demonstra uma percepção ainda muito conservadora nas produções. Ao não priorizar também o aspecto que envolva o contexto presente no/do sistema socioeducativo, os trabalhos endossam a compreensão de uma juventude enquanto período de incompletude e transição. Nesse sentido, ressaltam-se os desafios em pensar práticas de produção de cuidado à juventude em socioeducação que interrompam com a lógica da tutela existente na promoção exclusiva do “por vir”.

Sepetibando: cuidando do sujeito e resgatando o território

Iwerton Correa Rodrigues; Amanda de Carvalho Lisboa dos Prazeres

Vínculo Institucional: Caps Simão Bacamarte.

Palavras-chave: Território; cuidado em liberdade; rede.

Apresentado em: 29/11/2024

O presente estudo se apresenta a partir de uma oficina do Caps que ocorre fora do âmbito institucional, no território de Sepetiba, como uma forma de cuidado aos usuários, porém tendo também como características a retomada do contexto histórico do bairro, potencializando o vínculo com o território e o resgate de práticas artesanais tradicionais. Tal prática vem produzindo a construção de uma rede intersetorial com o local e com outros mecanismos de cuidados de outras áreas programáticas

O papel da conscientização dos educadores na dinâmica com alunos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Bianca Dias Peixoto

Palavras-chave: Psicologia; Autismo; Desintegração Sensorial; Cuidados em Saúde Mental; Infância e Adolescência.

Apresentado em: 29/11/2024

Este texto busca trazer reflexões sobre a conscientização de professores, do ensino fundamental, acerca do transtorno do espectro autista (TEA). O intuito é pensar em práticas no âmbito escolar que não reproduzam lógicas manicomiais com crianças e adolescentes autistas. Segundo o relatório do órgão de saúde Centers for Disease Control and Prevention, em 2023, no mundo, a cada 36 crianças 1 é autista. Isso significa que em uma sala de aula, as chances de um educador encontrar pelo menos uma pessoa autista é grande. Apesar de ser um tema discutido há anos, o TEA ainda é muito estigmatizado, contribuindo para o despreparo de muitos professores, podendo gerar impactos na aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo desse público. A inclusão na rede regular de ensino se torna funcional à medida que encontramos funcionários preparados e um ambiente acolhedor que promova a equidade. Para que isso seja uma realidade em todas as escolas, professores precisam ter conhecimento profundo sobre o tema, colaborando, assim, efetivamente para o desenvolvimento de alunos autistas, lutando contra a exclusão. A estruturação do que é TEA, quais são seus déficits e maiores potencialidades se torna o pontapé inicial para um trabalho fortificado e vivencial. Visconti e Posar (2018) apontam o autismo como um transtorno caracterizado por déficits de interação social e comunicação, bem como por interesses e atividades repetitivas e desintegração sensorial. O foco desta reflexão se dará nesta última, que é a dificuldade em conectar os sentidos com a percepção deles. Como a pessoa não percebe o estímulo estressor, também tem dificuldade de comunicar o incômodo, o que pode gerar uma crise. As chamadas crises sensoriais, muitas vezes vistas como birras por quem observa, são comumente repreendidas para não atrapalhar a aula. Isso abafa o sentimento não compreendido, podendo resultar em desestruturação completa do aluno, com surtos de raiva seguidos de agressividade, tornando o manejo muito difícil. Frequentemente, quando isso acontece repetidas vezes, o discente acaba por ser convidado a se retirar da escola. A reprodução de atitudes como essas marcam a réplica de comportamentos silenciadores e manicomiais, que há tanto tentamos retirar de nossa história. Para transformar a realidade escolar de crianças e adolescentes autistas, faz-se necessário o conhecimento do professor sobre métodos de integração sensorial – capacidade de receber, organizar e perceber os estímulos sensoriais, dando respostas motoras que equilibrem o organismo na relação com o meio, possibilitando que o aluno, com apoio, seja protagonista de seu próprio conforto ao conhecer como seu corpo funciona. Aqui o professor está como agente de mudança. O oferecimento de uma rede de suporte atravessado por um diálogo com a criança, e não sobre ela, possibilita entender suas potencialidades, a criação de um vínculo e extrair o melhor daquele indivíduo naquele contexto, pensando na sala como um ambiente de acolhimento. É possível desenvolver criativamente, com poucos recursos, campos de estimulação cognitivo-sensoriais dos alunos com TEA, e assim tornar possível uma melhor orientação e capacitação de professores quanto ao manejo adequado desses alunos dentro do ambiente escolar.

Discutindo elementos constitutivos de processos de formação e ensino na saúde

Patrícia da Silva Miranda Menezes

Vínculo Institucional: Psicóloga - SMS/SUBHUE/Superintendência de Saúde Mental

Palavras-chave: Formação; Educação Permanente em Saúde; Gestão.

Apresentado em: 27/11/2024

Este trabalho se propõe a apresentar elementos e ferramentas utilizadas para visibilização de saberes durante a construção de processos de formação à luz da Educação Permanente em Saúde (EPS), a partir de um lugar da gestão. Como princípio, a EPS protagoniza práticas e saberes a partir dos impasses trazidos no âmbito do trabalho, que passam a dirigir estudos e a busca de conhecimento daqueles que as vivem (Ceccim, 2005). A disseminação da capacidade pedagógica envolve enfatizar os processos coletivos do trabalho, onde a primazia é do protagonismo daqueles presentes no território. Considerando o campo de práticas em saúde como território vivo de relações de produção de subjetividades, dialogar nele envolve a enunciação de disputas em jogo que se desvelam a partir de encontros entre os atores envolvidos no trabalho. Merhy e Franco (2007) apontam a importância de valorizar a consideração de outros planos de interesse na construção estratégica de processos formativos em redes de saúde, para além das políticas e organogramas oficiais. Desta forma, a posição de gestão envolve o compromisso na esfera das relações, dos encontros e das demandas que os diversos atores a endereçam. Neste trabalho serão apresentados movimentos de negociação, de travessia conjunta com outros atores envolvidos durante impasses surgidos e compartilhados e de experiências concretas acerca de projetos na formação e na produção do cuidado em saúde.

A Oficina do Discurso: uma experiência de encontros, afetos, atravessamentos e transformações

Artur Martins Magdaleno

Vínculo Institucional: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Oficina; Experiência; encontro.

Apresentação em: 27/011/2024

Durante muito tempo, muitos indivíduos que não se enquadram no padrão homo normativo instituído por uma sociedade higienista tiveram a expressão da sua subjetividade reprimida. Porém, como os avanços terapêuticos obtidos ao longo do tempo, os indivíduos que usufruem dos serviços de saúde mental têm retomado a sua autonomia, a sua liberdade e seus modos de expressão próprios, sem as amarras do controle alienante por parte de instituições psiquiátricas. Nessa perspectiva, visando a reinserção, a expressão própria e o suporte social desses indivíduos, a Oficina do Discurso, projeto de extensão do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) que ocorre no CAPS III EAT Severino dos Santos promove um encontro entre os usuários da saúde mental e estudantes do Curso de Psicologia, sendo este realizado com atividades artísticas e lúdicas, além de debates, sendo um trabalho feito na forma de terapia em grupo. Dessa maneira, a Oficina permite, através dessas atividades, com que diferentes modos de ser se encontrem e se potencializem em uma experiência marcada por atravessamentos e transformações e pela construção de formas de agir em conjunto, sempre respeitando a subjetividade individual e no qual cada participante configura uma parte fundamental do todo, exercendo a sua condição de sujeito autônomo. Fica evidente que dentro do trabalho realizado o entrelaçamento entre diferentes formas de existência proporciona relações potencialmente ricas na promoção de saúde e que desestruturam o modo hegemônico de ver e de pensar a saúde mental e a loucura, principalmente para aqueles que buscam o encontro com os usuários, além de possibilitarem infinitas formas de atribuir sentido aos diferentes modos de ser a partir da experiência na oficina. Essa potência é evidentemente perceptível na relação na medida em que tanto os estudantes quanto os usuários acolhem e são acolhidos. Nessa perspectiva, a arte se configura como o principal instrumento utilizado para o estabelecimento de vínculos afetivos que possibilitem aos indivíduos envolvidos afetarem e serem afetados, além de aprendizados e a promoção de saúde e de inserção social a partir dos modos de expressão da subjetividade e da pluralidade das existências. Portanto, o objetivo desse trabalho é retratar sobre a capacidade que a experiência fornecida pela Oficina de Discurso com os usuários tem de atravessar e transformar beneficemente a forma como as pessoas tratam e enxergam a loucura e os serviços de saúde mental, além de também de retratar como eles foram beneficemente afetados e beneficemente afetam os estudantes dentro desse encontro e de desestruturar a verticalidade estabelecida pelo modelo biomédico nessa relação, através do relato de experiências obtidas no encontro com os usuários.

Clínica ampliada na atenção primária: um relato de experiência do brincar como ferramenta de desenvolvimento infantil na saúde coletiva

Angélica Silva de Carvalho; Lohany Silva Corrêa Neves; Myllene Luiza Vieira Lopes; Dayana Vitoria Alves do Nascimento; Kathellyn Cristina da Silva; Larissa Gomes Fernandes da Costa; Milena de Barros dos Santos; Rebeca Rocha Goifman.
Vínculo Institucional: Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria (CSEGSF) / FIOCRUZ.

Palavras-chave: Crianças; desenvolvimento infantil; saúde mental; território; Fiocruz; saúde coletiva; trabalho grupal.

Apresentação em: 27/011/2024

O presente trabalho visa apresentar e discutir fragmentos da experiência de estágio "Projeto Desenvolvimento", realizado no Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria (CSEGSF), departamento da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP) na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Este projeto consiste no acompanhamento do grupo de cuidado destinado a crianças de 5 a 12 anos e seus familiares, que se reúnem semanalmente às segundas e quintas-feiras no CSEGSF, localizado em Manguinhos, em conjunto com as estagiárias de psicologia e o psicólogo Eugênio Carlos Lacerda. As crianças que frequentam o grupo são comumente encaminhadas pela clínica da família de referência ou pela escola, devido a múltiplos motivos. As demandas tendem a ser: questões relacionadas a comportamento, dificuldade de se relacionar em casa e no ambiente escolar, diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade ou a suspeita deles. O projeto utiliza-se do brincar enquanto dispositivo clínico de cuidado com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento infantil e promover saúde, sobretudo mental. Para isso, os jogos e brincadeiras são utilizados enquanto mediadores da subjetividade e por meio dessas ferramentas as crianças ficam livres para se expressar, seja pelo recurso da fala ou comportamental. A perspectiva de uma clínica ampliada voltada ao social permite, assim, conhecer o infante de maneira integral, escutá-lo e promover intervenções terapêuticas de modo individualizado. A linguagem do brincar, enquanto horizonte do nosso trabalho, possibilita colocar a criança como protagonista da compreensão de si mesma e de suas emoções, além de seu próprio desenvolvimento. Através de atividades lúdicas, são trabalhadas, de forma integrada, funções cognitivas como atenção, memória e linguagem, assim como habilidades de interação e comunicação. Durante o grupo há um forte incentivo para que as crianças não brinquem somente com as estagiárias, mas que ocorra uma participação ativa dos responsáveis nesse processo. Objetiva-se que as brincadeiras desenvolvidas tenham continuidade no ambiente familiar, a fim de ultrapassar os dois dias semanais. Essa abordagem visa fortalecer os vínculos familiares, promover o desenvolvimento das crianças e possibilitar que crianças e adultos se conectem mutuamente. É importante ressaltar que o projeto está inserido na Rede de Atenção Básica do SUS, o que implica pensar o cuidado de forma territorializada. Isto é, perceber a potencialidade da noção de saúde de maneira abrangente que engloba tanto a condição individual do sujeito quanto seu contexto e qualidade de vida como cidadão. Reconhecendo assim que o território em cena não é apenas geográfico, mas também subjetivo: possui valor afetivo, apresenta relação histórica de pertencimento e de acolhimento com o sujeito. Somos um espaço, portanto, que está inserido e agrega o contexto territorial em questão. Nesse sentido, partindo do desejo de ampliar a outros territórios este trabalho, reunimos esforços para expandir a atuação em grupo com crianças e famílias em unidades do SUS por meio do brincar, o que já apresenta frutos em prática. Dedicamos, assim, esse trabalho ao Seminário Memórias da Loucura no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira com o objetivo de torná-lo conhecido.

Acompanhamento terapêutico como enfrentamento micropolítico à contrarreforma psiquiátrica: possibilidades para a prática do psicólogo num CAPS

Isabela Alves Diogenes

Vínculo Institucional: Estagiária do CAPS EAT Severino dos Santos.

Palavras-chave: Acompanhamento terapêutico; práticas clínicas.

Apresentação em: 27/11/2024

O objetivo deste trabalho é mapear dispositivos que podem compor práticas clínicas ético-estético-politicamente qualificadas de psicólogos atuantes nos Centros de Atenção Psicossocial, de maneira que é a cartografia que emerge como método a partir da minha experiência de leitura e discussão do referencial teórico e experiência de estágio em um CAPS no Rio de Janeiro. Em tempos de endurecimento do corpo e da escuta em função da sobrecarga de trabalho, processos burocratizados, rigidezes teóricas, insensibilidades interseccionais, entre outros fatores que dificultam a criação de práticas sensíveis por parte dos psicólogos, como escutar e legitimar os sofrimentos que chegam até nós? Esta é uma pergunta fundamental para um trabalho em saúde politicamente comprometido, tendo em vista que as pessoas pobres, pretas, periféricas, LGBT, dentre outros marcadores de exclusão social, são alvo de entrecruzamentos de violências que marcam seus corpos, produzindo sofrimentos muitas vezes inaudíveis ao seu entorno. Para pensarmos como a materialidade destas violências incide sobre o psiquismo, Ferenczi postulou a noção de “desmentido” que diz respeito à recusa do reconhecimento de uma violência, do sofrimento que decorre dela e, em última instância, do próprio sujeito (Canavêz; Vertzman, 2021). Frente a isso, para que tais sofrimentos sejam testemunhados e legitimados de maneira que seja possível construir enfrentamentos, faz-se necessária a invenção de modos de estar capazes de mobilizar a sensibilidade dos psicólogos e operacionalizar a continuidade do cuidado. Para tanto, proponho aqui um paradigma de trabalho: o acompanhamento terapêutico não só como tecnologia clínica, mas também um modo de operá-la (Ribeiro, 2009; Araújo, 2013). Tal modo de operar caracteriza-se por um minimalismo técnico e uma abertura intensiva que permite que intensidades que buscam expressão tornem-se acontecimentos (enquanto produção de outros sentidos) com um lugar na clínica. Assim, entra em ressonância com a proposição ferencziana a respeito da multiplicidade de modos de expressão possíveis a um sujeito, à medida em que, ao intervir junto aos espaços existenciais dos usuários, possibilita o exercício de atenção ao corpo e aos modos emergentes de expressão e relação para além da linguagem verbal. Portanto, o acompanhamento terapêutico torna possível o testemunho que abre possibilidades para a legitimação de enfrentamentos que buscam afirmar a vida digna.

Por um CAPS III Aberto ao seu Tempo: desafios e saídas para uma atenção à crise radicalmente substitutiva

Eduardo Rodrigues Coelho

Vínculo Institucional: Estagiário Acadêmico Bolsista do CAPS III EAT S.S.

Palavras-chave: Atenção à crise; Experiência em um CAPS III; Radicalidade da Reforma Psiquiátrica.

Apresentação em: 27/11/2024

O presente trabalho é um relato da experiência do autor como estagiário de Psicologia do CAPS III Espaço Aberto ao Tempo Severino dos Santos (EAT), serviço que surge de dentro do próprio coração manchado de uma enfermaria psiquiátrica, transformando-a por meio de um movimento de recusa radical às lógicas manicomiais. Movimento este que buscamos, agora sob os moldes de um CAPS III, manter vivo no presente. Buscando realizar uma reflexão crítica sobre nosso momento, elegemos como ponto de partida o questionamento que Lobosque (2011) faz incidir sobre o contemporâneo: “Estaria ameaçada ou não a vitalidade da Reforma Brasileira?”. Conforme a autora, uma das tarefas para manter essa vitalidade é a de concretizar as respostas alternativas ao desafio da atenção à crise desde uma perspectiva territorial, não-asilar e ampliada do cuidado em liberdade. O relato da experiência vivida se construiu tendo como questão principal a de compreender de que modo as práticas de cuidado à crise em um CAPS III podem ser radicalmente antimanicomiais e substitutivas, diferenciando-se tanto dos moldes do leito de emergência psiquiátrica em Hospital Geral, bem como superando a lógica das antigas enfermarias psiquiátricas. Buscando responder a essa questão, o relato foi escrito com o objetivo principal de analisar e refletir criticamente acerca do momento atual do serviço, problematizando os graus de abertura ou fechamento dos dispositivos de atenção à crise. Como objetivo secundário, buscamos colocar a experiência atual em diálogo com a memória e história do EAT e de outros serviços, apostando que um entrelaçamento entre presente-passado pode oferecer valiosas pistas para pensar os modos de acolher à crise. Como metodologia, contou-se primeiramente com as pistas da cartografia para orientar uma análise com base na experiência e implicações do autor, de modo a partir destas para delinear algumas linhas de força que caracterizem os desafios (fechamentos) e saídas (aberturas) presentes nas práticas de atenção à crise atuais. Ademais, para empreender o objetivo secundário contou-se com revisões bibliográficas narrativas de artigos, entrevistas e documentários que versam sobre o passado do EAT e outros serviços pioneiros. Como resultado, apresentaremos três episódios marcantes da experiência de acompanhamento de clientes acolhidos, partindo das afetações e análises clínico-institucionais propiciadas por estes episódios analisadores para delinear algumas pistas cartográficas que nos ajudem fortalecer uma atenção à crise radicalmente psicossocial e substitutiva: I) Uma abertura e disponibilidade afetiva e temporal para se colocar em relação com o cliente em crise, propiciando a criação de vínculos terapêuticos e a continuidade do cuidado; II) uma abertura que nos ajude a colocar em questão os enrijecimentos de nossos modelos técnicos e teóricos e lugares de poder, para, assim, superar a visada puramente psicopatológica do sujeito acolhido e sua restrição a um lugar social de paciente tutelado; III) uma abertura a formas de propiciar uma inserção dos clientes em crise na convivência e no cotidiano vivo do serviço, de modo que ele possa experimentar diferentes trocas, encontros e lugares sociais que rompam o isolamento no leito, enriquecendo assim a potencialidade terapêutica dos dispositivos de atenção à crise.

Relato de caso: vivências [trans]gressoras na atenção psicossocial e os limites dos saberes psi

Emanuelle Anastassopoulos; Marcella Brajão

Vínculo Institucional: IPUB- UFRJ.

Palavras-chave: Transsexualidade; Atenção Psicossocial; Saúde Mental; Psicanálise; SUS.

Apresentação em: 27/11/2024

O presente estudo visa descrever e debater o caso de Jorge/Estefany, paciente de um serviço psiquiátrico. Através da descrição do caso, apresentaremos uma visão ampla sobre o corpo em questão e relataremos sua história social, clínica e territorial. Tendo como ponto de partida a experiência proveniente da ordem do trabalho de articulação teórica e política, necessárias na época e vivenciada durante a condução do caso no contexto da internação psiquiátrica, visaremos fomentar o debate acerca das identidades transgênero, os limites dos saberes psi no âmbito da interpretação de sintomas sociogênicos na atenção psicossocial do SUS e a problematização do diagnóstico de psicose para pessoas transsexuais com vivências de disforia de gênero.

O afeto na luta contra invisibilidade: reconhecendo e valorizando os usuários

Fernanda Borges Soutto Mayor; Fabricia Farias Pereira

Vínculo Institucional: CAPS III Profeta Gentileza.

Palavras-chave: Invisibilização; vínculo; afeto.

Apresentação em: 27/11/2024

A chegada de um paciente no serviço de saúde, principalmente em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) III, costuma ser um evento mobilizador do equipamento e da rede de uma forma geral. Parte disso se dá pela atenção à crise, sendo um momento de bastante demanda por parte do usuário, que tende a vir com necessidades explícitas de um cuidado. No entanto, é necessário refletirmos sobre a continuidade do usuário no serviço. Isto é, o cuidado ofertado em longo prazo, no dia a dia dos serviços - muitas vezes sobrecarregados. Em meio à correria do cotidiano de um Centro de Atenção Psicossocial III, há de fato muitas coisas que escapam: usuários evadem, conflitos acontecem, remédios que faltam... De fato, não há qualquer pretensão em dar conta de tudo, já que buscamos o oposto de uma instituição total. Entender um CAPS como antimanicomial é também deixar que as coisas escapem, sem tutela e sem clausura. No presente trabalho, convidamos para refletir o que nos escapa aos olhos. Para além de coisas, é urgente questionar e pensar sobre nossa prática e o reflexo no cuidado dos usuários que acompanhamos. Com objetivo de re-fazer caminhos, traçar novos percursos e recriar olhares, trazemos o relato de uma experiência vivida que segue sendo construída. A partir de um caso-disparador, poderemos avaliar nossa oferta de cuidados em longo prazo. Seguimos guiadas por indagações e questionamentos. Afinal, como podemos fazer com que os usuários de muitos anos no serviço ou mesmo aqueles com Projeto Terapêutico Singular (PTS) intensivo não sejam invisibilizados no cotidiano do serviço? Como fazer para que possam existir dentro e fora dos muros das unidades com toda sua potência? Apostamos no afeto e no vínculo como os remédios contra a invisibilização e no cuidado como o antídoto para que, assim, não percamos de vista os sujeitos e suas singularidades.

Cartografando o acompanhamento terapêutico: a experiência da desinstitucionalização da Clínica Santa Lúcia em Nova Friburgo - RJ

Thaís Sâmela Castro de Moraes

Vínculo Institucional: EICOS/IP/UFRJ.

Palavras-chave: Desospitalização; Desinstitucionalização; Acompanhamento Terapêutico; Nova Friburgo; Autonomia.

Apresentação em: 27/11/2024

Este seguinte trabalho visa explicar um pouco da minha experiência enquanto psicóloga atuando como acompanhante terapêutica (AT) na desinstitucionalização da Clínica Santa Lúcia em Nova Friburgo - RJ. Esta mantinha 118 pacientes internados, grande parte estava em internações de longa permanência. Em um primeiro momento foram levantados quais internos eram residentes de Nova Friburgo (51) e quais vieram de outras cidades. Objetiva-se apresentar parte do processo vivido com 3 usuários que foram mais próximos nesse processo: compartilhar tarefas de inclusão social e autonomia do sujeito desenvolvidas no processo, como passar a frequentar o CAPS de referência, abrir conta no banco, pedir riocard especial, fazer visitas domiciliares para avaliar a possibilidade do usuário ser acolhido pela família e fazer com que suas vozes fossem ouvidas em espaços que eles não teriam espaço para falar. A metodologia utilizada trata-se de uma cartografia, visto que o próprio encontro com os usuários produz intervenção micropolítica, tanto nas ações de autonomia e com a equipe da desinstitucionalização, além de substituir a lógica de “pesquisar sobre” por “pesquisar com” (TEDESCO, 2015). Justifica-se a importância deste trabalho a partir do trabalho do AT ser pouco falado nas universidades e mal remunerado pelas instituições públicas e privadas, porém é uma ferramenta riquíssima de produção de subjetividades e produção de cuidado. É de grande importância também destacar a diferença da desospitalização para a desinstitucionalização, visto que esta segunda é um ato que deve acontecer no cotidiano, nas pequenas ações, no fortalecimento do protagonismo do usuário, baseados no vínculo terapêutico. Guiando-nos teoricamente pelas portarias do Ministério da Saúde (BRASIL, 2001) que garantem o tratamento de saúde mental em liberdade, a desospitalização dos pacientes durou um ano e meio e contou com intervenção do Ministério Público e também da Secretaria do Estado de Saúde do Rio de Janeiro (SES-RJ). A partir deste movimento, foram construídas três residências terapêuticas em Nova Friburgo e os outros internos, alguns conseguiram retornar para o seio familiar com Projeto Terapêutico Singular (PTS) bem amarrado junto ao CAPS; já outros usuários foram remanejados para outras residências terapêuticas (RT) do Estado, principalmente no município de Carmo que já contava com 22 RTs provenientes da desinstitucionalização do Hospital Estadual Teixeira Brandão, este que chegou a ter 460 internos, em forma de colônia agrícola (AUFASSAMC, 2024). Conclui-se a importância da parceria com a SES-RJ, visto a dificuldade de abrir RTs em Nova Friburgo e também para a desinstitucionalização cotidiana, levando em conta sonhos e desejos dos sujeitos em recuperação de autonomia, desde escolher o que querem comprar no mercado até idas a jogos de futebol no Maracanã.

Convergências possíveis entre as diretrizes do SUS e a ética da psicanálise nos CAPSis

Carla Jeucken.

Vínculo Institucional: Universidade Federal Fluminense (UFF).

Palavras-chave: Saúde mental; psicanálise; instituição; caps; prática entre vários.

Apresentação em: 27/11/2024

A prática entre vários surgiu na França como uma espécie de modalidade de trabalho dos psicanalistas de orientação lacaniana alocados em instituições belgas e francesas voltadas ao acolhimento de crianças e adolescentes autistas e psicóticas. Trata-se de uma possibilidade norteadora do trabalho “em equipe”, isto é, de preceitos teórico-conceituais que possibilitariam afiná-lo para que as intervenções dos parceiros das crianças e adolescentes atendidas nessas instituições confluem na mesma direção de tratamento. No Brasil, atribui-se a responsabilidade pelos atendimentos a crianças e adolescentes com graves transtornos mentais ao Estado, regulados, sobretudo, pelas diretrizes estabelecidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e o aparato jurídico (Leis e Portarias) que orientam a oferta da assistência na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). A assistência a esses usuários com grave comprometimento psíquico e social tem sido capitaneada pelos Centros de Atenção Psicossocial infantojuvenis (capsis) cujas equipes são multidisciplinares. Estas, além de oferecer o complexo suporte que lhes cabe, possuem também como função o ordenamento da rede, ou seja, a articulação entre diferentes setores que constituem os laços desses usuários com o território. Dentre os técnicos destas instituições, incluindo coordenadores e supervisores, vários possuem formação em psicanálise de orientação lacaniana. Neste trabalho, temos como foco a inserção da Prática entre Vários nos capsis como estratégia para o trabalho orientado pela psicanálise em articulação com as diretrizes do SUS, valendo-nos dos estudos que respaldam essa prática, dos registros referentes ao surgimento de serviços de atendimento clínico a crianças e adolescentes que contaram com a participação comprometida de psicanalistas – NAICAP, caps Maria Clara Machado -, além da experiência de trabalho na rede. Considerando devidamente as diferenças contextuais, discutiremos a possibilidade de convergência entre a Prática entre Vários e as diretrizes do SUS, confluência que pode funcionar como um diapasão ético para o trabalho em equipe (interinstitucional) e em rede (intersetorial). Assim, abordaremos as maneiras como os membros da equipe orientada pela psicanálise podem se tornar parceiros do trabalho subjetivo já realizado pelas crianças autistas e psicóticas. Destacamos que a responsabilidade nos atendimentos não se baseia apenas na especialização técnica, mas pela posição ética, subjetiva de cada profissional e instituição na escuta dos usuários. Por fim, destacamos que haveria efetividade no trabalho “em equipe” lastreado nas diretrizes do SUS e na ética da psicanálise, quando neste contexto se considera que a criança e o adolescente são seres falantes, que devem ser escutados para, efetivamente, participarem da construção de seus próprios projetos terapêuticos.

Por que ainda precisamos lutar? Perspectivas de acadêmicos acerca da luta antimanicomial

Ana Clara Fragallo Ferreira

Vínculo Institucional: Liga Acadêmica de Terapia Ocupacional em Saúde Mental Nise da Silveira (LATONISE) e vinculada à Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Palavras-chave: Luta Antimanicomial; Saúde Mental; Estudantes.

Apresentação em: 27/11/2024

A Luta Antimanicomial é um processo político e social complexo, composto de atores, instituições, movimentos sociais e territórios diversos. Através desta é possível promover transformações de práticas, saberes, valores culturais e sociais voltados ao cuidado humanizado no âmbito da saúde mental, prevendo assistência que valorize a vida, saberes, culturas e subjetividades. Compreendendo o cenário político, social e assistencial atual, ações de educação voltadas a essa temática são essenciais, visando ampliar espaços de debates e discussões sobre. Este estudo objetiva explicar as perspectivas de acadêmicos acerca da lógica manicomial, dos estigmas em saúde mental e do cuidado em liberdade. O presente trabalho é relato de uma ação de educação em saúde voltada à saúde mental, promovida pela Liga Acadêmica de Terapia Ocupacional em Saúde Mental Nise da Silveira (LATONISE), da Universidade do Estado do Pará (UEPA), realizada em abril de 2024, em um ciclo de capacitações acerca da Luta Antimanicomial. Foi utilizado o recurso “Mentimeter” para obter respostas dos acadêmicos, a sua maioria sendo da área de Terapia Ocupacional, acerca de suas percepções sobre questionamentos voltados para três temáticas: “Conceitos e recorte da realidade atual de instituições manicomiais”, “Lógica manicomial, estigmas e Saúde Mental”, e “Para não desistirmos da luta”. As interações foram feitas de forma anônima, formando nuvens de palavras e caixas de respostas. Ao se tratar de conceitos e recortes da realidade atual de instituições manicomiais, os acadêmicos caracterizaram tais espaços como instituições de longa permanência, onde pessoas com transtornos mentais são exiladas de forma desumanizada e excludente, remetendo à ideia de isolamento, segregação, tortura e privação de direitos. Referiram ainda a permanência de espaços com funcionamento manicomial, como hospitais psiquiátricos e comunidades terapêuticas. Além disso, abre-se o debate de que a lógica manicomial está presente para além de muros institucionais. Ao exemplificar esses atos, os estudantes relataram sobre referir-se a transtornos de forma discriminatória; diminuir, banalizar ou ridicularizar pessoas em sofrimento mental; a ideia de periculosidade; o favorecimento de discursos de ironia que remetem à ideia de repulsa pela loucura, além da perpetuação de narrativas estigmatizantes e falsas acerca dos serviços da Rede de Atenção Psicossocial, principalmente no ambiente virtual. Referente ao combate aos estigmas e práticas regidas por uma lógica antimanicomial, os acadêmicos apontaram como estratégias pautadas no cuidado em liberdade o acolhimento, o atendimento e cuidado humanizado, a empatia, a escuta terapêutica ativa, os PTI’s e as PICS, a expressividade e o olhar para a volição, ou seja, por aquilo que move o sujeito e que é significativo para o seu existir e sua forma de viver. Cotidianamente podemos realizar ações que façam a diferença. Segundo as respostas colhidas, envolve acolher pessoas em sofrimento, a conscientização pessoal e populacional, corrigindo falas estigmatizantes, não reproduzindo e nem engajando esses atos. Enfoca-se a importância de se apropriar da luta antimanicomial, de criar espaços de discussão, democratizar informações, compreender o entendimento da RAPS e de assegurar a voz de usuários da rede, buscando produzir mudanças socioculturais relacionadas à loucura e práticas e serviços pautados na liberdade.

A regionalização como estratégia de cuidado em saúde mental: como não transformar um ato de cuidado em violência

Clara de Farias Hungara; Beatriz Sampaio Moraes

Vínculo Institucional: Estagiária de Psicologia; Empregada CLT Assistente Social.

Palavras-chave: Regionalização; Território; Cuidado em Saúde Mental.

Apresentação em: 27/11/2024

Um princípio fundamental para garantir o acesso universal e igualitário aos serviços de saúde no Sistema Único de Saúde é a divisão por território. O SUS é organizado em diferentes níveis de complexidade e hierarquia, com serviços de saúde distribuídos conforme as necessidades de cada região. Esse processo é realizado de forma integrada com a rede de atenção psicossocial (RAPS) do SUS, desde a atenção primária até os serviços especializados em saúde mental (CAPS e ambulatórios) garantindo assim que os pacientes recebam um atendimento contínuo e adequado às suas necessidades, cada um em sua área de abrangência.

A partir disso, o município do Rio de Janeiro se divide em 10 áreas programáticas (APs) e o Ambulatório de Atenção Psicossocial de Saúde Mental do Instituto Municipal Nise da Silveira está inserido na AP 3.2 que conta com mais dois serviços de média complexidade destinados ao atendimento de pessoas com transtornos mentais: os deambulatórios do Magarão e do Rodolfo Rocco. O ambulatório do NISE, por ser o primeiro ambulatório de saúde mental do Rio de Janeiro, apresenta algumas características únicas, como a presença de pacientes com histórico de tratamento prolongado, profissionais concursados e pacientes que, apesar de não pertencerem mais ao território do NISE, continuaram recebendo atendimento na instituição. O encaminhamento desses pacientes para seus respectivos territórios é um processo importante para garantir o cuidado em rede e a integralidade do atendimento. Neste contexto, o ambulatório do Nise e o deambulatório do Magarão se uniram para avaliar os pacientes pertencentes ao território do Magarão/CAPS III Clarice Lispector, considerando que são a maioria dos casos. Desde abril deste ano as equipes compostas por uma assistente social, uma psicóloga, uma técnica de enfermagem e duas estagiárias de psicologia, têm se reunido quinzenalmente para realizar avaliações e determinar o local mais adequado para continuidade do tratamento, seja no CAPS, Deambulatório ou Atenção Básica/ Equipe Multiprofissional da Atenção Primária (E-MULT), além de outros serviços, como os Centros de Convivência e o Polo de Atividades Terapêuticas Assistidas com Animais (PATAA). Esses encontros com os usuários permite que a equipe do Deambulatório compreenda as especificidades e o histórico de tratamento de cada paciente. Objetivo deste trabalho é compartilhar como os encaminhamentos estão sendo realizados, de maneira cuidadosa, visando evitar que os usuários se sintam negligenciados em seu sofrimento ou tenham seus direitos violados. Afinal, estamos falando de usuários que fazem tratamento que se estende por muitos anos e que possuem grande vínculo com a instituição e com os profissionais de saúde.

A Rede de Atenção Psicossocial como rede formadora: estudo etnográfico em um CAPS AD na zona oeste

Naila Pereira Souza; Sandra Maria Fernandes Mendes; Fabio Ribeiro Rodrigues; Suellen Salustino de Oliveira; Gustavo Menchini Santos Tauche; Tais Quevedo Marcolino

Vínculo Institucional: UFSCAR e IFRJ.

Palavras-chave: Formação Profissional em Saúde; Serviços de Saúde Mental; Centros de Atenção Psicossocial.

Apresentação em: 27/11/2024

A política pública de cuidado em saúde mental no Brasil organiza ações e serviços por meio da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), cuja finalidade é a articulação de pontos de atenção à saúde para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e necessidades decorrentes do uso de álcool e outras drogas. A RAPS se organiza para fortalecer de forma técnica e, principalmente política, a lógica de cuidado que foca a desconstrução do manicômio e o fortalecimento dos dispositivos de cuidado territorial. Nesse contexto os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) assumem particular relevância, pois são dispositivos estratégicos para a reversão do modelo manicomial em direção ao cuidado no território. Esses dispositivos são, além de operadores da clínica, espaços formadores para novos trabalhadores e pesquisadores do campo da saúde mental. Este trabalho é recorte de uma pesquisa etnográfica, parte de um doutorado em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Aprovada pelos Comitês de Ética da UFSCAR e da SMS/RJ, foi realizado por meio de imersão no cotidiano do trabalho de um CAPS AD na zona oeste do município do Rio de Janeiro, entre março e agosto de 2024, cuja ferramentas de coleta dos dados foram o registro de reflexões e cenas vivenciadas em um diário de campo, entrevistas semi estruturadas, roda de conversa e fotografias. A análise dos dados etnográficos seguiu pela organização, gerenciamento e classificação do material coletado. Este processo visa escolher e selecionar as observações, acontecimentos e cenas mais importantes, relacionando-as com o contexto da pesquisa e o objeto investigado. O estudo foi realizado na CAP 5.3 (Santa Cruz, Sepetiba e Paciência), com uma população cadastrada na APS de 478.428 habitantes. Os primeiros resultados do estudo apontam para alguns eixos que permeiam o processo de cuidado no CAPS AD nesse território: a população atendida no dispositivo se caracteriza em sua maioria por homens pretos e pardos, com nível de escolaridade fundamental incompleto; uma parte significativa da população atendida tem como única fonte de renda o bolsa família; muitos usuários não pertencem ao território pois chegam ao serviço por estarem em uma Unidade de Reinserção Social (URS) que fica na localidade e muitos usuários estão em situação de rua. O território é marcado por violência do poder paralelo, é um território muito vulnerável e desigual. Diante dessa caracterização algumas chaves temáticas surgiram para compreender o processo de cuidado em saúde mental: a importância de compreender o cuidado na perspectiva territorial; as implicações da violência no cuidado em saúde mental; como a interseccionalidade dos marcadores sociais de raça, classe e gênero impactam o cuidado em saúde mental; como o acesso ao cuidado em saúde mental reverbera no cotidiano das pessoas que se cuidam na RAPS e a necessidade de sustentar o cuidado em rede e na perspectiva intersetorial. Apesar do estudo ainda não estar finalizado, podemos avaliar que é primordial fomentar processos de pesquisa na RAPS, pois os mesmos podem contribuir para o aprimoramento da política pública de cuidado em saúde mental no município e no país.

Ateliê de memórias autobiográficas e do lugar

Andréa Alvarenga do Carmo; Patrícia de Moraes Mendes de Sousa; Maria Isabel Duarte Soares Gatti

Vínculo Institucional: Memorial da Loucura do Engenho de Dentro.

Palavras-chave: memória; narrativa; experiência.

Apresentação em: 28/11/2024

Como psicólogas do Memorial da Loucura concordamos em pesquisar sob a perspectiva da psicologia fenomenológica existencial, a partir de um recorte do pensamento do filósofo, ensaísta e crítico literário Walter Benjamin em sua obra “O narrador” e “A obra de arte na era de sua reprodutividade técnica”, em que ele apresenta a narrativa como uma modalidade de pesquisa e aponta a experiência como possibilidade de renovação e transformação ao ser contada/narrada. Em sua tese apresenta que a história deve ser contada a partir do depoimento/testemunho daqueles que vivenciaram a experiência tornando-se assim legítima. Sugere que uma narrativa/testemunho não pode ser apagada, é um registro legítimo, diferente de monumentos que podem ser destruídos, independente do poder de Estado vigente. Quanto à reprodutividade técnica (à época cinema e fotografia) afirma que embora a arte perca sua “aura”, a reprodução pode ser mais democrática, por atingir um maior número de pessoas. Em nossa pesquisa concordamos com o uso do Instagram, por ser atualmente uma ferramenta de divulgação mais abrangente. A experiência de estágio no Memorial da Loucura foi essencial para suscitar as primeiras ideias da pesquisa. Em seguida, pudemos acompanhar diversos processos e em nossas andanças nos dispomos a conhecer os que circulam pelo território do Instituto, não apenas para pesquisar mas para promover encontros, no sentido de facilitar o florescimento dos afetos provenientes das narrativas, das memórias vivenciadas por cada pessoa. Para tanto, foi imprescindível circular pelos dispositivos, frequentar alguns serviços, como as rodas de conversa e conhecer o funcionamento do lugar. Nesse movimento contínuo, idealizamos essa pesquisa cujo objetivo será avaliar o impacto das mudanças dentro do Instituto. Nosso método será organizar perguntas relacionadas à história da pessoa e à sua experiência em relação ao Instituto e suas memórias remotas e atuais, segundo as normas do Comitê de Ética. São perguntas breves e que serão realizadas em um único encontro, com duração de poucos minutos, com o propósito de organizar um Ateliê de Memórias no Instagram. Disponibilizaremos também um formulário no Google Forms, sob a orientação do CETAPE, com o intuito de ouvir os que estão aqui de forma sazonal, como os visitantes e os moradores do bairro do Engenho de Dentro e adjacências.

A convivência na enfermaria psiquiátrica e a função do acompanhamento terapêutico: relatos dessa experiência

Ana Clara Cruz Lopes; Nina Wettreich Goldbach; Vinicius de Souza Queiroz Lima; Rebecca Di Lucia; Nathália Ayala Duncan; Gabriel dos Santos; Daniel Szwarcfiter Cunha; Eduardo Müller da Ponte (preceptor)

Vínculo Institucional: Instituto Municipal Philippe Pinel.

Palavras-chave: Convivência; Acompanhamento Terapêutico; Enfermaria Psiquiátrica.

Apresentação em: 28/11/2024

Iniciado no período pós pandemia - final do ano de 2021 - o Projeto do Espaço de Convivência do Instituto Municipal Philippe Pinel criou e desenvolve um conjunto de dispositivos clínicos coletivos com o objetivo de reduzir os danos da internação e produzir alguma reflexão sobre essa experiência. Tendo como elemento propulsor esse espaço, o presente trabalho visa discutir, por intermédio do olhar e da experiência dos estagiários e estagiárias, a práxis ali tecida, a qual carrega algo do acompanhamento terapêutico no contexto da atenção à crise. Compreendemos o Acompanhamento Terapêutico presente em nosso horizonte de trabalho enquanto uma função que pretende construir um vínculo por meio da presença. A um só tempo, ela se faz capaz de aproximar e articular a experiência vivida na Convivência com a prática clínica mais tradicional do hospital, contribuindo na construção e execução dos projetos terapêuticos durante a internação psiquiátrica. Essa articulação de distintas práticas se torna potente, uma vez que o Espaço ensaja a clínica do coletivo, se valendo da heterogeneidade das relações que se interessam pelo espaço e seu sistema de objetos. Para embasar a singularidade desse trabalho engendrado no Espaço de Convivência, lançamos mão de autores e conceitos como: espaço, proposto por Milton Santos, enquanto um sistema de valores resultante da interação dialética e inseparável entre um sistema de objetos e um sistema de ações, sujeito à transformação permanente (Santos, 2006); coletivo, de Jean Oury, como função que permite a emergência das particularidades a partir da heterogeneidade de relações, favorecendo a construção de uma clínica da psicose através de uma transferência “espalhada” (Vertzman; Gutman, 2009); e provisão ambiental positiva de Winnicott, como o que proporciona uma maior autonomia do sujeito, ao mesmo tempo em que supõe a presença de um outro (ibidem). À vista da apresentação de tais ferramentas conceituais, as quais dialogam com nosso saber de campo, será explorada a singularidade do trabalho do(a) estagiário(a) como um “não lugar”. Isso porque ser estagiário(a) no contexto da crise implica uma maleabilidade na atuação e uma construção singular que se dá a cada dia, em cada conversa e com cada equipe. Esse “não lugar” se torna potente no trabalho de cuidado aqui exposto, tendo em vista que corrobora a fluidez e o movimento entre as diversas modalidades de cuidado presentes no Espaço de Convivência. Além disso, ele também utiliza seu trânsito como ferramenta para a comunicação com as demais estruturas hospitalares. Por fim, cabe destacar que, visando tornar mais concreto o cotidiano do espaço com suas articulações e potencialidades, serão expostas em nossa apresentação algumas experiências de casos clínicos mediadas por estagiários e estagiárias em formação. Esperamos, dessa maneira, trazer à tona algumas questões que nos permitam avançar e identificar possíveis pontos de virada da atenção psicossocial no interior do hospital psiquiátrico.

1º Torneio de Xadrez Fazendo Arte: relato de experiência sobre o Centro de Convivência e Cultura da Zona Oeste (CECCOZO)

Mariane Cristine Medeiros Da Silva

Vínculo Institucional: Centro de Estímulo ao Desenvolvimento no Transtorno do Espectro Autista (CEDTEA).

Palavras-chave: Saúde Mental; Intersetorialidade; Cultura; Território Sociocultural.

Apresentação em 28/11/2024

O xadrez é um jogo milenar e um patrimônio cultural da humanidade. Sua origem é incerta e estudos apontam que o xadrez teve uma possível origem num jogo com o nome sânscrito de Chaturanga no início do século VII, na Índia, e atravessou culturas diversas como a China, a Europa Medieval, Egito, União Soviética e o Ocidente, sendo um jogo entre 2 jogadores sob um tabuleiro quadrado dividido em 64 casas brancas e pretas, dispostas alternadamente. Cada jogador possui 16 peças brancas e pretas: oito peões, dois cavalos, dois bispos, duas torres, um rei e uma dama. É composto por regras e tem por objetivo principal atingir o rei adversário com um xeque-mate, finalizando o jogo de forma estratégica. O xadrez mostra aspectos e expressões em cinco visões diferentes, tais como atividade lúdica, recurso pedagógico, esporte, manifestação artística e expressão lógico-matemática. Desenvolve tanto os aspectos individuais quanto coletivos. Praticantes dessa atividade podem ser de diferentes faixas etárias. Atualmente no Brasil há iniciativas desenvolvidas em escolas, praças, clubes de xadrez, centros esportivos e Centros de Convivência e Cultura, como o Centro de Convivência e Cultura da Zona Oeste (CECCOZO) — Fazendo Arte, que consiste em um dispositivo da Rede de Atenção Psicossocial vinculado à atenção primária e tem como diretriz a promoção de arte, cultura e lazer no território, reinaugurado no ano de 2023 no bairro de Campo Grande. Tem como proposta oferecer à comunidade eventos, oficinas e outras atividades a partir de projetos, tais como o xadrez. Uma dessas atividades é o Torneio de Xadrez Fazendo Arte, que visa promover a convivência e a participação social mediante atividades culturais (edições anuais de torneio) e fomentar a cultura enxadrística com pessoas da comunidade das Zonas Oeste e Norte do Rio de Janeiro. Neste trabalho foram utilizadas como metodologias: um mapeamento das áreas das Zonas Oeste e Norte do município, constando 10 serviços de diferentes setores que desenvolvem atividade de xadrez; construção do plano de ação e de indicadores avaliativos qualitativos e quantitativos; execução de articulações e contatos com os serviços e uma reunião de pré-produção; período para inscrições; organização de recursos humanos, materiais e ambientais; e a realização do 1º Torneio de Xadrez Fazendo Arte, gratuito e aberto ao público. O evento ocorreu no dia 23 de janeiro de 2024, no turno da tarde, em um shopping do bairro de Campo Grande e foi registrado o número de 24 participantes das Zonas Oeste e Norte do Rio de Janeiro e de Itaguaí e serviços parceiros na construção da atividade. Foram utilizados o sistema suíço para a definição das rodadas e a premiação ao final do torneio. O evento favoreceu a participação, a inclusão e a interação social, o engajamento da comunidade, incluindo as pessoas usuárias e familiares dos serviços de atenção psicossocial, em atividades culturais e de lazer, parcerias intersetoriais para ações interdisciplinares, a produção de vínculos, laços sociais, o conhecimento de novos espaços do território e do Centro de Convivência para posterior participação nas atividades deste serviço.

Produção do conhecimento coletivo: a formação dos profissionais da RAPS como pilar do SUS

Marcos Eduardo Pereira de Lima; Aline Vieira de Souza; Helena Martins de Moraes da Costa; Bruno Pascale Camarota;

José Rebelo Torres Junior; Marinete Tavares de Oliveira; Allan Macedo dos Santos

Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Saúde e IMAS Juliano Moreira.

Palavras-chave: Educação Permanente; Formação; Rede de Atenção Psicossocial.

Apresentação: 28/11/2024

Elaborar capacitações e aperfeiçoamentos voltados para a formação da rede de atenção psicossocial é um desafio significativo que envolve não apenas investimento financeiro, mas também um esforço considerável em termos de planejamento e execução dos atores envolvidos. Desde a definição de conteúdos relevantes até a logística necessária para a realização do evento, o processo exige um comprometimento substancial de tempo e recursos. Entretanto, mesmo após todo esse investimento, muitos profissionais, gestores e estudantes frequentemente não aderem às iniciativas propostas. Essa realidade levanta questões cruciais sobre os atravessamentos que podem estar por trás desse desinteresse. Algumas hipóteses e perguntas são disparadas: Trata-se de falta de tempo? Desconexão com as necessidades? Gestão? Desinformação? Falta de autonomia? Desinteresse? Pois bem, pensando nessas aqui levantada, há possíveis respostas, não são absolutas, porém devem ser consideradas como ponto de partida: - falta de tempo: os profissionais da saúde enfrentam uma carga de trabalho elevada, o que pode tornar a participação em capacitações uma tarefa difícil de conciliar com suas responsabilidades diárias; - desconexão: se o conteúdo do curso não estiver alinhado com as demandas práticas do trabalho em saúde mental, os potenciais participantes podem não ver valor em sua participação; - gestão: podem ter uma cultura que não valoriza a formação contínua, resultando em uma falta de incentivo para que os profissionais se engajem em atividades de capacitação; - desinformação: a ausência de uma comunicação eficaz sobre os benefícios das capacitações e eventos pode levar ao desconhecimento e, conseqüentemente, à baixa adesão; - falta de autonomia: profissionais que se sentem desmotivados ou sem espaço para aplicar novos conhecimentos em suas práticas podem desenvolver resistência a participar de formações; - desinteresse: a indiferença pode estar ligado a uma visão crítica ou ao descaso em relação à eficácia das formações, fazendo com que os profissionais duvidem de que novas capacitações possam promover mudanças significativas em suas práticas. Assim, diante da promoção de uma formação efetiva dentro da rede de atenção psicossocial, é fundamental lançar luz sobre essas dificuldades, buscando compreender as razões subjacentes ao desinteresse e ao baixo engajamento. Em conclusão, a responsabilidade pela formação e preparo de profissionais e estudantes é uma tarefa coletiva que envolve todos os atores da rede de atenção psicossocial. A educação permanente em saúde se torna um elemento essencial para garantir um Sistema Único de Saúde que seja equitativo, igualitário, justo, antirracista e antimanicomial. É imprescindível investir em capacitações que atendam às demandas sociais e que estejam alinhadas às realidades enfrentadas no dia a dia. É necessário que haja um compromisso coletivo em superar as barreiras ao engajamento, promovendo uma cultura que valorize a formação contínua e a troca de conhecimentos. Visando inclusive, iniciativas que assegurem que a população receba um atendimento de qualidade, que respeite seus direitos e dignidade. Dessa forma, construímos uma rede de apoio mais forte, capaz de responder efetivamente às necessidades da sociedade.

AMPLIA - Atendimento Matricial de Psiquiatria: Local, Integral e Ampliado

Ana Lúcia Freitas de Andrade; Ana Carolina Ametlla Guimarães

Vínculo Institucional: Servidor público municipal.

Palavras-chave: Ambulatório; matriciamento; corresponsabilidade.

Apresentado em: 28/11/2024

Relato de experiência de implantação e funcionamento dos seis primeiros meses de atuação do Projeto Amplia. O olhar sobre a experiência que desenha este artigo é o do gestor que mira a prática no projeto a partir de uma certa posição de planejamento, da assistência em articulação à formação. O projeto AMPLIA – Atendimento Matricial de Psiquiatria: Local, Integral e Ampliado – é um ambulatório escola, criado a partir de uma exigência do MEC para a formação de psiquiatras referente à prática ambulatorial. É um projeto da Residência de Psiquiatria da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, que está sob a responsabilidade docente de equipe do Instituto Municipal Philipe Pinel. Os tradicionais ambulatórios de saúde mental com atendimento em psiquiatria na cidade do Rio de Janeiro não têm conseguido garantir a formação das competências que se espera de uma psiquiatra formado para trabalhar em serviço da RAPS. O novo psiquiatra deve poder ter domínio do núcleo da psiquiatria e do campo da saúde mental. Deve ter noção de como acontece o cuidado na rede de atenção à saúde mental e que este é cuidado colaborativo, integral, de base territorial, que se constrói em liberdade e que privilegia a autonomia dos sujeitos. Deverá compreender que este é um cuidado centrado no usuário, levando em consideração suas redes de apoio e sua construção de vida. É um cuidado articulado em rede, que pode lançar mão dos recursos segundo a complexidade e necessidade dos casos. Na maior parte das áreas da cidade, o Amplia matricia quinzenalmente uma Clínica da Família onde há o Programa de Medicina de Família e Comunidades e outra em que não há o trabalho de formação deste programa. A discussão que fazemos é sobre os entraves e resistências que temos percebido no desenvolvimento do projeto. Nas Clínicas da Família onde há a presença do PMFC, o cuidado colaborativo, que envolve corresponsabilidade dos profissionais é bem-vindo. Nas clínicas onde a cultura do apoio matricial não está instituída, o trabalho emperra. Médicos e equipes superlotados que dizem não ter tempo para “parar a agenda e discutir casos de saúde mental”. São médicos que parecem ressentidos com a escassez do recurso ambulatorial tradicional e que pedem, de forma implícita, ajuda que alivie a quantidade de casos para serem resolvidos. Discussões clínicas e aprendizado de como melhor manejar casos de saúde mental parece que são ações vistas como acréscimo de trabalho e não potência para a resolubilidade dos casos.

Desafios e potencialidades no trabalho do Centro de Estudos do IMAS Juliano Moreira: relatos de experiências

Helena Martins de Moraes; José Rebelo Torres Júnior; Aline Vieira de Souza; Marcos Eduardo Pereira de Lima; Marinete Tavares de Oliveira; Allan Macedo dos Santos; Bruno Pascale Camarota

Vínculo Institucional: Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira e Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Formação; saúde mental; centro de estudos.

Apresentado em: 28/11/2024

O processo formativo brasileiro apresenta em suas bases expressivas deficiências que vão tomando formas mais marcantes no ensino superior e trazendo consequências significativas nos campos profissionais. Na saúde mental, além dos estigmas, preconceitos e do senso comum, temos a composição interdisciplinar abarcando diversas áreas da saúde e gerando importantes contribuições, porém também fragilidades específicas em cada categoria. Para além disso, temos uma clientela adoecida que chega na formação com questões por vezes ignoradas até então, onde entram em contato com muita miséria e vulnerabilidades. Isso desencadeia dificuldades que nem todos conseguem ou querem superar. Somado a todas essas questões temos uma RAPS que ainda engatinha nos termos de políticas públicas, muitos profissionais sem experiência sendo contratados para um trabalho complexo, uma clínica contra intuitiva associada um novo momento da Reforma. Os desafios atravessam diretamente a formação e demanda, em última instância, movimento de sustentação da clínica da atenção psicossocial sob os moldes de uma reforma psiquiátrica que, com o fechamento dos manicômios “tradicionais” se fragiliza em uma geração que pouco identifica em suas práticas diárias movimentos manicomial. Ainda assim, temos o norte formativo fincado nos princípios de garantia de direitos aos usuários que perpassa a passagem de estagiários e profissionais em seus processos educacionais. Apesar das barreiras estruturais que nos atravessam, os breves momentos diários onde um estudante racionaliza e reflete o exercício de sua profissão consegue formar um senso crítico acerca do que é estudado e do que é de fato realizado - entendemos que o trabalho foi feito. Ademais, temos pensado em uma formação que converse diretamente com a RAPS ligada a este CE, ouvindo os profissionais e entendendo suas demandas e particularidades, bem como as dificuldades de se aliar prática com o processo formativo. Reinventamos um Grupo de Estudos no território fazendo uso dos dois Centros de Convivência existentes. Ampliando o sentido de rede em saúde e compreendendo os entraves cotidianos escoados em indicadores e metas, iniciamos duas formações para Atenção primária - uma em Psicofarmacologia, para médicos e enfermeiros, e outra formação em Saúde Mental para todas as categorias profissionais. Debruçamos especial atenção e aproximação à formação de estagiários, desenvolvendo a I Mostra de Estagiários com retornos surpreendentes dos estudantes sobre os campos de prática. Mais recentemente percebemos a necessidade de tornar nossas ações de formação não somente antimanicomial, mas, sobretudo, antirracista. Assim, iniciamos um letramento racial para a equipe do CE e dois novos Grupos de Estudos em Saúde da População Negra no território, com participantes da RAPS, inclusive APS, estudantes e usuários do SUS. Por fim, entendemos que o mandato de um Centro de Estudos é a defesa de uma prática em Saúde Mental aliada à formação continuada e permanente. E o desafio bem atual de garantir que a Reforma Psiquiátrica e toda bagagem de luta nesses 20 anos não se percam travestidos de “boas intenções” novamente.

Por uma escola de sensibilidade na formação em saúde mental

Paula Barros Dias

Vínculo Institucional: IM NISE DA SILVEIRA - CETAPE.

Palavras-chave: Formação.

Apresentado em: 28/11/2024

Nos últimos 40 anos a formação em saúde mental comprometeu-se com o fim dos hospitais psiquiátricos transmitindo a negativa a uma racionalidade que permitiu a existência desses espaços de isolamento e exclusão social, considerados, à época, locais de tratamento ao mesmo tempo em que se construía outra lógica de cuidado, a da atenção psicossocial, fundamentada no respeito pela diversidade e no interesse genuíno pela complexidade dos modos de existência. Após o fechamento dos leitos de internação no hospital psiquiátrico do Engenho de Dentro e as transformações em curso para a constituição do Parque Nise da Silveira, percebemos que a desconstrução da lógica manicomial permanece carecendo do trabalho cotidiano dos múltiplos setores que compõem o Instituto Municipal Nise da Silveira. Por isso, a formação após o fechamento do hospício, continua com a missão de garantir a transmissão dessa negativa ao manicômio como ideia e práticas que reduzem a alteridade ao normótico, aprisionando-a em diagnósticos, psicofármacos, receitas de como viver a vida e, em última instância, restringindo o direito da cidadania ao louco. O objetivo deste trabalho é refletir sobre o papel do Centro de Estudos do Instituto Municipal Nise da Silveira (CETAPE) como ator nesse processo e indicar 3 eixos de discussão. Entendemos que o CETAPE fornece um espaço para os encontros e trocas entre profissionais da saúde mental, saúde e outros setores e, nesse sentido, contribui para os diálogos intersetoriais acontecerem - a intersetorialidade é o primeiro eixo reflexivo. O segundo eixo é a garantia do protagonismo dos usuários nos espaços formativos, muito trabalhado na cultura e militância antimanicomial. E este ponto tem no convívio e na experiência narrada pelos usuários uma aposta na "escola de sensibilidade" que remete à expressão de Mário Pedrosa, crítico de arte brasileiro e apoiador do trabalho de Nise da Silveira. Pedrosa, em 1949, defendeu que o convívio com os loucos artistas do Engenho de Dentro ensinavam à sociedade a atender ao mais íntimo e profundo de sua personalidade. O terceiro eixo reflexivo parte da expressão "escola de sensibilidade" de Mário Pedrosa para pensar a formação em saúde mental através dos movimentos sensíveis, afeto catalisador e cartografias afetivas.

Conexões necessárias: a importância da reunião de preceptores na formação em saúde mental no SUS

**José Rebelo Torres Junior; Marcos Eduardo Pereira de Lima; Aline Vieira de Souza; Helena Martins de Moraes da Costa;
Bruno Pascale Camarota; Marinete Tavares de Oliveira; Allan Macedo dos Santos**

Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Saúde; IMAS Juliano Moreira.

Palavras-chave: Formação; Troca de Experiências; Saúde Mental.

Apresentado em: 28/11/2024

A reunião de preceptores de estágios na saúde mental é fundamental para o processo de formação no Sistema Único de Saúde (SUS). Por isso, o Centro de Estudos do IMAS Juliano Moreira promove desde 2023 encontros visando alinhar educação e prática, bem como oportunizar a troca de experiências e reflexão na promoção do aprendizado significativo que se deseja ofertar na formação de futuros profissionais, para além do campo da saúde mental, mas pelo bem coletivo, do cuidado integral e subjetivo do sujeito independente da área/ clínica escolhida após formação. Nesse sentido, as reuniões proporcionam um espaço para que os preceptores discutam, alinhem e intercambiem teorias com as práticas do dia a dia. Essa articulação é essencial para garantir que os estudantes desenvolvam uma compreensão sólida e contextualizada da saúde mental. Ainda permitem que os preceptores compartilhem experiências, atualizações sobre políticas de saúde, novas abordagens terapêuticas e metodologias, promovendo a educação permanente e a melhoria contínua dos serviços, além, é claro, dos desafios de ensinar em meios às demandas do cotidiano complexidades dos casos e os atravessamentos clínicos institucionais. Nesta interação entre preceptores e os membros do centro de estudos, é possibilitada uma avaliação crítica dos processos de estágio, prático e burocrático. Essa troca de feedback é crucial para identificar pontos fortes e áreas que necessitam de melhorias, garantindo uma formação mais eficaz e alinhada às necessidades de todos os atores envolvidos, inclusive os principais, o SUS e a população atendida. Discutir casos e desafios enfrentados no campo da saúde mental estimula a reflexão crítica entre os preceptores, contribuindo para a formação de profissionais mais preparados e conscientes das realidades sociais e culturais que influenciam o cuidado em saúde mental, com enfoque numa cultura antirracista e antimanicomial. Os encontros visam construir uma rede de apoio ampliada, uma vez que o Centro de Estudos do IMAS Juliano Moreira é responsável pela formação em saúde mental de todos os profissionais e estudantes de toda Zona Oeste. A troca de experiências e conhecimentos é vital para enfrentar os desafios comuns na formação em saúde mental. Em suma, a reunião de preceptores de saúde mental da Zona Oeste é um componente essencial para garantir que a formação de novos profissionais de saúde mental no SUS seja de alta qualidade, alinhada às demandas da população e às diretrizes do sistema.

Estágio na Rede de Atenção Psicossocial Centro-Sul: transmissão, vínculo e cuidado nas ações de formação no território

Aline Cescon Alves Jardim; Cristiane Moreira Monteiro; Caroline Moraes Soares Motta de Carvalho

Vínculo Institucional: Psicóloga.

Palavras-chave: Formação; estágio; atenção psicossocial.

Apresentado em: 28/11/2024

O presente trabalho visa discutir os desafios colocados para o trabalho de planejamento e acompanhamento do Programa de Estágios na Rede de Atenção Psicossocial Centro-Sul. Desde 2015 o Centro de Estudos do Instituto Municipal Philippe Pinel, impp/RAPS Centro Sul, passou a ter em sua abrangência as ações de formação dos serviços de saúde mental de seu território. Atualmente compreende os seguintes serviços: Instituto Municipal Philippe Pinel, CAPSi III Franco Basaglia, CAPSi III Maurício de Sousa, CAPSad Mané Garrincha, CAPSad Heleno de Freitas, CAPSi Maria do Socorro Santos, CAPSad Maria Carolina de Jesus, CAPSi Ziraldo. O planejamento do Programa de Estágios compreende uma ampla articulação com os serviços de modo a avaliar o quantitativo de vagas a ser ofertado em cada semestre. Neste processo, avaliamos conjuntamente com os serviços não apenas a capacidade quantitativa da oferta de vagas, mas também outros pontos importantes para a formação em serviço, como realização regular de reunião de equipe, garantia do espaço de preceptoria, inserção dos estagiários as atividades coletivas, etc. Em relação ao acompanhamento dos estagiários, buscamos um diálogo permanente com os serviços, gestores e preceptores, de forma a garantir a transmissão das diretrizes da atenção psicossocial. Destacamos que o trabalho de acompanhamento dos estagiários tem mostrado inúmeros desafios e colocado diferentes demandas. A inserção no campo da saúde, em especial da Saúde Mental, coloca o estagiário em relação direta com o sofrimento psíquico, o que muitas vezes demanda um olhar mais atento para seu processo de formação. A experiência de acompanhamento e avaliação dos estágios têm apontado para a necessidade e importância de um diálogo contínuo com o preceptor de forma a identificar dificuldades que inviabilizem a continuidade do estágio. Tais dificuldades são tomadas no âmbito da própria formação, apontando os desafios de construção de planos de atividades que considerem as singularidades dos estagiários, as especificidades dos serviços e as prerrogativas do campo do cuidado em saúde mental. Podemos compreender que muitas dificuldades apresentadas pelos estagiários no processo de formação exigem um olhar atento e compreensivo de forma a considerar que tais dificuldades podem ser ultrapassadas no âmbito do próprio processo formativo. Desta forma, entendemos que o acompanhamento do estagiário deve estar atravessado pelos princípios que regem a clínica da atenção psicossocial propostos em sua formação: vínculo, cuidado e autonomia.

Reforma Psiquiátrica: a atuação sociocultural do Centro de Convivência

Gabriel Curi Leonardo

Vínculo Institucional: Acadêmico Bolsista.

Palavras-chave: Reforma Psiquiátrica; Dimensão sociocultural; Centro de Convivência.

Apresentado em: 29/11/2024

A Reforma Psiquiátrica (RP), caracterizada como um processo social complexo que pode avançar em quatro dimensões, vem sofrendo abalos. Assim, refletir sobre dispositivos que, em vez de retroceder, fazem avançar a RP pode ser uma frente de resistência. Nesse sentido, o presente trabalho apresentou a participação do Centro de Convivência na RP a partir da dimensão sociocultural. Com esta, busca-se envolver a sociedade na RP para favorecer a mudança da representação social da loucura, assim como a relação com esta, a partir da produção cultural e artística dos usuários, dos familiares, técnicos e voluntários e de artistas que abordam a loucura em suas obras. Neste prisma, as experiências de arte e cultura, independente do modo que se concretizam em obra, ganham um significado importante porque favorecem novas formas de se relacionar com alteridade e mudanças do imaginário social sobre a loucura por meio do convite àqueles que entram em contato com elas a verem, refletirem e reconhecerem a alteridade. Com isto, favorece-se o convívio com a diferença, trabalha-se o olhar social sobre a loucura e rompe-se com o modelo social criado para o louco. Ademais, para chegar aos resultados, recorreu-se ao método da revisão bibliográfica. Os resultados trazem possibilidades de participação como a oferta de espaços de promoção e intervenção na arte e na cultura, por exemplo, atividades e oficinas abertas para a comunidade e que permitam o reconhecimento de si e do outro de modo alternativo. E outra forma de participação é compartilhar com a cidade o que se logrou nas oficinas ou a partir de outros recursos. Confrontado com a experiência de estágio, grande parte da literatura se mostrou confirmada. De todo modo, o pano de fundo que parece unir todas estas possibilidades é o fato de o Centro de Convivência buscar oferecer espaços de intervenção e produção na cultura e na cidade, assim como aqueles que favorecem a sociabilidade.

A memória de nossos laços: a transferência e a formação

Rodrigo Pires Espinheira; Anita Fernandes Scaff

Vínculo Institucional: UFRJ.

Palavras-chave: Estágio; Saúde Mental; Laço.

Apresentado em: 29/11/2024

Este trabalho tem o intuito de ser uma continuação de um relato de experiências já apresentado no ano passado, na edição anterior deste seminário. Faremos um testemunho de nossas experiências na área da saúde mental, enquanto dois estagiários que atuaram em uma mesma unidade, em um percurso de estágio já finalizado. Se, anteriormente, em uma atuação que então se desenrolava em tempo real, tentávamos encontrar os primeiros contornos de nossas atuações em um CAPS, enquanto dois amigos e membros de uma mesma equipe, desta vez iremos nos propor a resgatar esta mesma intenção, mas em uma postura que evocará a dimensão do só-depois, inspirando-nos no a posteriori psicanalítico, e tomando como principal eixo o trabalho a partir da formação de laço. Em outras palavras, olharemos para um percurso de trabalho que já aconteceu, mas cujo passado se reatualiza em nossa memória e nos relatos destes escritos, com foco principal, por um lado, na dimensão transferencial instaurada nos processos deste mesmo trabalho e, por outro, em nos laços de amizade que compartilhamos pelo percurso. De modo que testemunharemos que um dos contornos que demos às nossas experiências, aí localizando nossas maiores possibilidades, está na dimensão do tratamento feito em laço, com experiências cujos efeitos foram transformadores para os usuários e para nós mesmos. Iremos, assim, em primeiro lugar, discorrer sobre tais estabelecimentos transferenciais de maneira mais geral, pensando-se na coletividade dos usuários, na instituição e no trabalho que aí se deu e, em segundo lugar, pensaremos nesses laços de maneira mais particularizada, pinçando casos espe com que nos deparamos. Em último lugar, à guisa de conclusão, retomaremos ainda o eixo do nosso próprio trabalho compartilhado, voltando-nos mais detidamente à nossa própria posição de estagiários, em um percurso realizado entre dois amigos. Essa temática, já comentada em nossa apresentação anterior, desta vez, no entanto, será revivida a partir dos impactos que a experiência naquele CAPS teve em nós e nos novos rumos que tomamos desde que o deixamos, seguindo por demais áreas (atenção primária e clínica individual, para citar algumas), mas com marcas e aprendizados que, em memória e no nosso fazer cotidiano, seguem acompanhando-nos.

Aberturas e limitações: o não lugar do estagiário de psicologia na rede de saúde mental

Beatriz Lisboa Pereira Leite; Eduarda Favieri de Melo Silva

Vínculo Institucional: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Saúde mental; psicologia; estágio.

Apresentado em: 29/11/2024

O presente trabalho se constitui a partir de relato de experiência de estágios externos associados ao IP-UERJ a partir de afetações e atravessamentos no campo da saúde mental: uma, como estagiária do Loucura Suburbana, no IMASNS e outra, como estagiária do CAPS-UERJ. Busca-se, assim, levantar questões acerca de possíveis aberturas e limitações ao que tange a prática clínica da psicologia no campo da saúde mental e, de forma mais específica, do estagiário. Questionamos o lugar atribuído ao estágio, visto que em nossa experiência a prática não é bem delimitada - o que faz um estagiário de psicologia? Quais os lugares da escuta clínica do estagiário nas instituições de saúde mental? Não podemos dizer que a escuta é limitada à psicologia. Inclusive, no campo da saúde mental, cabe a todos os profissionais uma escuta clínica sensível e, por isso, nos perguntamos se existe alguma especificidade da escuta psicológica. O espaço de preceptoria possibilita certas aberturas com relação ao compartilhamento, constituindo-se como um segundo momento onde é possível retomar o trabalho que está sendo feito e colocar questões com relação à experiência em curso bem como as reuniões de equipe. Ainda assim, nesses espaços nos deparamos com impasses institucionais importantes, visto que o estágio tem uma limitação temporal. O que fazer com os vínculos estabelecidos quando acaba o período? Vínculos esses que, dado o nosso não-lugar, conceito de Marc Augé, muitas vezes são desconsiderados, por exemplo, em reuniões de equipe. Algumas questões serão levantadas neste trabalho, como a aproximação com os usuários que com frequência sentem a liberdade para nos dizer coisas que não dizem para a equipe, o esgotamento do profissional de saúde mental e o efeito desse esgotamento na preceptoria, a falta de recursos e investimentos para uma educação continuada para profissionais da área, tensionamentos institucionais provocados pela presença do estagiário e algumas outras limitações encontradas.

Estágio no Museu de Imagens e Reabilitação Psicossocial

Guilherme Bernardo Peixoto

Vínculo Institucional: UERJ.

Palavras-chave: Estágio; saúde mental; integralidade.

Apresentado em: 29/11/2024

Essa presente apresentação é um relato a fim de compartilhar um pouco das minhas reflexões e experiências do estágio no Museu de Imagens do Inconsciente, solicitação da própria instituição. Ele foi escrito inicialmente para ser apresentado para a equipe do MII e adaptado para apresentação no Memórias da Loucura. Antes de começar, gostaria de agradecer a toda a equipe do Instituto Nise da Silveira e especialmente do Museu, que tanto me inspira com seus trabalhos a seguir nessa formação em Psicologia. Antes deste estágio, tive a oportunidade de estagiar também no Polo Ciclos, o que me fez já ter uma grande familiaridade com o território do Instituto. Mas isso não significa que não foi um desafio novamente, no sentido positivo, já que em outras instituições, a demanda para nosso trabalho também é diferente. E no Museu eu me vi na necessidade de redescobrir ou recriar o que poderia ser minha atuação enquanto estagiário. Dessa vez, não havia uma demanda explícita de trabalho, o que não se configurou como um problema. Assim, foi preciso viver o Museu para saber o que podia ser feito enquanto estagiário, analisar as linhas que compõem esse dispositivo, seu trabalho, seus frequentadores, suas práticas, os vínculos que tinham ali como palco, suas tensões e contradições, suas normas e também seus pontos de fuga e resistência. Assim, ficou clara a minha necessidade de pesquisar mais esse dispositivo. O Museu não está na legislação da RAPS, que molda a saúde mental pública atualmente, enquanto um serviço comum. Então não tem uma determinação a priori do que seria o seu trabalho. Também não se apresenta enquanto um Centro de Convivência e Cultura, tipo de dispositivo regulado recentemente no estado fluminense. Então ficava a questão: o que é exatamente o Museu? Quando perguntei se havia algum texto que indicava o trabalho do Museu, seja acadêmico, literário ou de direito, a equipe me indicou o livro da Casa das Palmeiras, da Nise da Silveira. Esse livro nos conta um pouco sobre o dispositivo que leva o nome do livro. Existe uma proximidade grande com esse serviço de terapia ocupacional, porém algumas diferenças marcaram minha leitura e serviram de ponto de partida para tentar compreender como o Museu se colocava no território, qual trabalho almejava e compará-lo com a prática.

A psicologia em interface com a história e a memória: construção de um campo de estágio

Amanda de Carvalho Reyes

Vínculo Institucional: Estudante da graduação em psicologia na UERJ e estagiária do Centro de Documentação e Memória.

Palavras-chave: Formação; História; Psicologia.

Apresentado em: 29/11/2024

Este trabalho se trata de um relato de experiência acerca do 1º estágio em psicologia no Centro de Documentação e Memória (CDM), do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira (IMASNS). O CDM faz parte de uma iniciativa de investimento em memória, pesquisa, formação e cultura, que partiu do processo de desinstitucionalização do IMASNS. Hoje consolidado como um importante centro de pesquisa, conta com um vasto acervo da história da psiquiatria e das produções médico-psicológicas, que é fruto de um cuidadoso trabalho de recuperação e construção da memória de saberes e instituições psiquiátricas, como também dos processos de repensar o lugar social da loucura. Anteriormente contou com a presença de estagiários da graduação em história e em biblioteconomia e este ano apostou em algo até então inédito no CDM: a possibilidade de um campo de estágio em psicologia. Pretendo então, compartilhar a experiência de construir um novo campo de estágio em áreas que ainda podem ser muito exploradas pela psicologia - a da história e a da memória. Áreas que possibilitam a produção de novos saberes psis acerca da reforma psiquiátrica e da história da loucura, além de ser um importante ponto de partida para elaboração de políticas públicas e para uma formação em psicologia sensível a todo conjunto social, como as pautas de raça, gênero, sexualidade, classe e território. Embora a empreitada de fazer parte da construção de um novo estágio carregue os encantamentos de descobrir formas outras de atuar por meio da psicologia, há momentos em que a angústia de não poder me espelhar em trabalhos anteriores, como é comum em diversos estágios de psicologia, se manifesta. Mas é dessa angústia que movimentos e ideias, sobre o que pode uma estagiária de psicologia, surgem. Tem sido interessante o desafio de fazer um uso da psicologia em interface com a história, sobretudo por poder elaborar uma prática e uma ética psi antimanicomial e alinhada à reforma psiquiátrica. Nesse sentido, a aposta em um novo campo de estágio proporciona um espaço para a criação de práticas e produções de novos saberes para a formação em psicologia. Novos caminhos da psicologia em interface com os campos da história e da memória têm sido construídos.

Vivências de um estagiário em Psicologia no Polo Esportivo Nise da Silveira

Yuri Wesley de Souza Oliveira

Vínculo Institucional: UERJ.

Palavras-chave: Relato de experiência; Polo Esportivo; Saúde Mental.

Apresentado em: 29/11/2024

Entre os meses de setembro e dezembro de 2023, tive a oportunidade de cumprir parte da minha carga horária de estágio obrigatório em Psicologia no Polo Esportivo do Instituto Municipal Nise da Silveira. O Polo Esportivo é um serviço que visa à promoção da saúde mental e à melhoria na qualidade de vida por meio da prática de atividades corporais. Neste trabalho compartilharei a minha experiência como estagiário e tecerei algumas reflexões sobre o funcionamento e a importância do Polo. Durante meu tempo no serviço, observei que as atividades oferecidas eram diversas, abrangendo desde xadrez até artes marciais e diversos tipos de dança. No entanto, pude perceber que, muitas vezes, as atividades físicas assumiam um papel secundário, funcionando mais como a razão de ser do dispositivo. Em certo sentido, pelo que pude observar e participar, o aspecto grupal fomentado pelo Polo Esportivo era o que dava sustância à toda a vida produzida entre as paredes do serviço e fora delas. Com frequência, usuários e profissionais se encontravam fora dos horários previstos para conversarem e trocarem afetos, mostrando que, em muitos casos, o que estava em jogo no Polo era a formação de um grupo unido e amistoso. Contudo, embora eu tenha dito que a atividade física ocupou um lugar secundário em muitos momentos, é fundamental destacar sua importância no que tange à promoção de autonomia, uma vez que, mais de uma vez, ouvi sair da boca dos usuários como participar das atividades ofertadas pelo Polo Esportivo havia expandido a relação destes com o próprio corpo. Considerando que a maior população envolvida nas atividades em que participei eram de mulheres idosas - mais de 60 anos -, ou que estavam bem próximas de alcançar tal faixa etária, é notória a importância do serviço em questão como promotor de saúde, ainda mais se considerarmos as diretrizes da Política Nacional de Saúde da População Idosa. Por fim, é de se destacar as implicações políticas do Polo Esportivo. Durante meu tempo no serviço, mais de uma vez convocamos os usuários a viver e ocupar o território e o Instituto Municipal Nise da Silveira, o que nos possibilitou entrar em contato com toda a história relativa à política manicomial e suas problemáticas. Nesse sentido, é possível dizer que, além das práticas esportivas, o Polo aposta em utilizar de todas as produções do Instituto para fomentar um aspecto importante da política antimanicomial: a transformação cultural. É essencial compreender que só podemos imaginar uma sociedade sem manicômios se desconstruirmos a lógica manicomial. No período em que estive no serviço, percebi que, além de promotor de saúde, o Polo Esportivo atua como um importante agente político nesse processo.

Retratos do silêncio: a fotografia como instrumento terapêutico e psicossocial enquanto denúncia

Jana Lima Galli

Vínculo Institucional: Pesquisadora independente.

Palavras-chave: Fotografia; opressão; denúncia.

Apresentado em: 29/11/2024

A fotografia, em sua etiologia, significa "escrita de luz" compondo imagens que se formam por luz e sombra. Como podemos pensar a respeito dessa dinâmica de composição em termos simbólicos de narrativas psicológicas sobre nossas próprias autoimagens e as imagens que criamos sobre o mundo, o outro e os outros? Sobre as histórias que vivemos e construímos a cada dia? O que resta da nossa imagem quando somos atravessados por violências? Este trabalho compartilha de narrativas da vivência de "Retratos do silêncio", uma oficina multidisciplinar de caráter terapêutico, didático e psicossocial que utiliza a fotografia como um instrumento terapêutico e psicossocial de denúncia. Direcionado a participantes exclusivamente orientadas pelo gênero feminino, esta oficina foi criada pela psicóloga e artista Jana Lima Galli por meio de sua própria vivência e trajetória analítica de sua história como sobrevivente do trauma de abuso sexual infanto juvenil. "Retratos do silêncio" foi aplicada durante um percurso pelo período de três anos (2018 a 2023) em distintos coletivos femininos (racializados e de sobreviventes de violência doméstica) em Florianópolis - SC, proporcionando uma amplitude de conhecimento sobre os benefícios de práticas multidisciplinares que unem a psicologia, fotografia, artes visuais, cênica e a palavra. A oficina possibilitou o exercício da criatividade por meio do olhar em expressão e acolhimento pelo propósito reflexivo sobre o que ainda pode ser indizível. Mas as imagens fotográficas captam: o impacto das violências silenciosas geradas pelas estruturas sociais de opressão, a saúde mental coletiva e do indivíduo. A oficina tem como objetivo propiciar a construção de um dicionário de significados sobre o que possa atravessar e envolver o silêncio dessas violências, percorrendo por imagens fotográficas que as participantes criaram ao utilizar o olhar e palavras ao corpo como direção, fazendo uso da importância do papel da fotografia enquanto uma ferramenta para empoderamento e da arte, como denúncia e transformação social. Com a finalidade de preparar a composição expressiva para a realização dos retratos também aplica jogos teatrais poético possibilitando o contato de cada participante com aspectos do silêncio em seus corpos. Por meio da prática do autorretrato e o experienciar do exercício de fotografia terapêutica em interação ao grupo foi possível fortalecer laços de sociabilidade onde retratos de silêncios individuais foram dados como um grito coletivo.

Primeiro atendimento em CAPS III: o limiar entre o trabalho prescrito e real

Victória Piller de Araujo; Pedro Henrique Muniz de Araújo; Elton Silva Ribeiro

Vínculo Institucional: Graduanda do 7º período da UFRRJ - Utilizará Slides.

Palavras-chave: Acolhimento; Relato de Experiência; Encaminhamento.

Apresentado em: 29/11/2024

Este trabalho trata do relato de experiência de estágio no atendimento de primeira vez da primeira autora no CAPS III Lima Barreto. Além do vivenciado pela estagiária, foram examinados artigos como método bibliográfico que reafirmassem suas concepções. Apesar de ser apresentado no Prontuário Carioca como acolhimento inicial, este serviço de porta de entrada aos que passam pela primeira vez na instituição, seja por demanda espontânea ou encaminhamento, é expresso como atendimento de primeira vez habitualmente no CAPS. É um atendimento realizado majoritariamente em dupla, porém pela alta demanda há a ocorrência de atendimentos solo. Possui o objetivo de não apenas recolher informações, mas de fornecer acolhimento para o usuário em sua queixa, estabelecendo um vínculo inicial com o serviço, sendo esse um dos tópicos fundamentais para a adesão ao tratamento. É nesse momento que se explica as especificidades do CAPS III Lima Barreto, funcionamento de 24 horas e acolhimento noturno, em que há uma divisão em três mini-equipes repartidas por territórios da clínica da família. Como também esclarecer sobre o que é Projeto Terapêutico Singular e seu conjunto de atuações possíveis como: a consulta com o psiquiatra, se necessário; com o profissional da equipe designada para seu caso; e as oficinas e atividades que possam lhe interessar. Esse atendimento feito em dupla tem o objetivo de evitar a sobrecarga de trabalho devendo um funcionário ter que lidar com o preenchimento do prontuário ao mesmo tempo que tenta oferecer uma escuta. Ademais, busca-se promover discussões mais complexas, tornando-se também um espaço de acolhimento mútuo entre profissionais ao terem que lidar com casos sensíveis. O principal obstáculo torna-se: mesmo que haja dois funcionários, o resultado pode pender para o aspecto prescrito, institucional, com enfoque no preenchimento das informações, prejudicando a escuta. Igualmente, há a tarefa de lidar com casos em que existe a possibilidade de serem encaminhados para clínicas da família ou ambulatorios. Assim, mesmo que não seja considerado um caso a ser acompanhado em CAPS, continua sendo fundamental o acolhimento e escuta, seja por demanda ou espontaneidade - o usuário se encontra no CAPS e deseja ser ouvido. Portanto, é trabalho do profissional promover essa escuta e, ao final, entregar ao usuário essa devolutiva, construindo naquele momento o encaminhamento ou, se achar preciso, realizar outro atendimento e trazer a equipe para discussão. Ao mesmo tempo, é necessário se atentar à diferenciação entre o trabalho prescrito e o real. No que é estabelecido defende-se a ideia de que é possível conseguir conciliar todas as etapas, apresentar o serviço, preencher o prontuário, ao mesmo tempo em que é fornecida uma escuta atenta. Porém, não é o constatado na realidade. Encontram-se intercorrências imprevisíveis, como o manejar do tempo pela alta demanda. Por fim, o acolhimento é notado como elemento principal para a criação de vínculo entre o usuário e a equipe e, em conjunto com uma escuta ativa e qualificada com o mínimo de interrupções possíveis, reforça o CAPS como um espaço de apoio e cuidado ao assegurar a subjetividade de cada um.

Projeto “Escola de Cuidadores”: os saberes e as singularidades em uma residência terapêutica

Raíssa da Silva Fernandes; Sophia Clara de Castro

Vínculo Institucional: Universidade Federal Fluminense.

Palavras-chave: Desinstitucionalização; singularidade; cuidado.

Apresentado em: 29/11/2024

O projeto Escola de Cuidadores foi pensado a partir de uma demanda da coordenação do Serviço Residencial Terapêutico (SRT) do Município de Resende. O projeto vem sendo desenvolvido desde o segundo semestre do ano de 2023 e teve a primeira etapa concluída em julho de 2024. As atividades são coordenadas pela professora Dra. Ana Paola Frare e incluem a participação de graduandos do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, campus de Volta Redonda, e psicólogos voluntários. A pertinência do projeto é justificada através de uma via dupla de formação. A partir das ações desenvolvidas, os extensionistas estabelecem contato com o cotidiano do dispositivo, compreendendo-o para além da teoria vista em sala de aula e qualificando-os ainda mais para a atuação profissional pós-academia. Paralelamente, os trabalhadores podem dispor de um espaço para relatar os desafios pertinentes às práticas desenvolvidas no SRT. Essa troca entre os extensionistas e os cuidadores é orientada a partir de recursos metodológicos, sendo o estudo de caso um método dialógico orientado pela ética da psicanálise. Dessa forma, a lógica do cartel, apresentada por Jacques Lacan como um meio para extrair produtos individuais de um dispositivo grupal, mostra que é possível dar aos efeitos de cola do grupo tratamentos não universais, e fugir do consensual “fulano é assim mesmo”, “na equipe de tal turno isso não ocorre” e caminhar para uma abertura de possibilidades de interpretação e manejo por meio da função do “mais-um” no grupo. Dessa maneira, nosso principal objetivo é contribuir para a capacitação dos cuidadores a partir da valorização dos seus saberes constituídos na prática cotidiana. Os objetivos específicos incluem 1) Promover um local de escuta às demandas e anseios desses cuidadores; 2) Propiciar a formação dos alunos, à medida que terão a oportunidade de entrar em contato com as Residências Terapêuticas; 3) Identificar, nos relatos trazidos pelos cuidadores, os conceitos estudados no campo da saúde mental em psicanálise; 4) Provocar um desdobramento na prática dos cuidadores, transformando a percepção dessas experiências em novos modos de relação com o cuidado; 5) Criar um registro narrativo e memorial baseado nas experiências compartilhadas pelos cuidadores para registro histórico; 6) Desenvolver materiais de apoio singularizados de acordo com os desafios apresentados; 7) Estruturar um modelo de formação passível de ser continuado para outros grupos de cuidadores. O projeto é desenvolvido a partir de distintas etapas: a análise de demanda inicial, o ajuste do objetivo ao método, a realização de entrevistas, reconhecimento dos impasses e desafios, estruturação dos eixos do curso, busca e discussão de referências teóricas do campo da saúde mental e psicanálise, encontros com os cuidadores para a discussão de cada eixo, produção de material de apoio e balanço dos resultados. A finalização dessa primeira etapa, ocorrida em 2024, permitiu aos alunos extensionistas o contato direto com esse dispositivo de cuidado e suas peculiaridades. O relato sobre o projeto busca contribuir com as reflexões sobre a luta antimanicomial e os impasses do processo de desinstitucionalização.

Atividade física aliada ao tratamento da saúde mental

Marcele Meirelles Vinagre; Elaine Da Silva Casemiro

Vínculo Institucional: Deambulatório Abolição/Engenho de Dentro 3.2.

Palavras-chave: Atividade física; saúde mental; benefícios dos exercícios; autoimagem; autoestima; conhecimento corporal; bem estar; socialização.

Apresentado em: 29/11/2024

O reconhecimento científico da importância da prática da atividade física regular na saúde do indivíduo, a conscientização do grande valor da atividade física como estratégia de prevenção de doenças e promoção da saúde são temas que a cada dia vêm ganhando mais espaços, exigindo discussões aprofundadas. Vale salientar que em 1946 existiam apenas 12 citações na literatura médica que usavam a palavra exercício. Em 1994, esse número saltou para 2.068. A conscientização dos benefícios da atividade física por parte da população também vem aumentando a cada dia, gerando angústia e ansiedade em pessoas que ainda não aderiram à prática, ou seja, que nada têm feito pelo seu físico e, conseqüentemente, pela sua saúde.

Atualmente atividade física pode ser entendida como qualquer movimento corporal produzido pela musculatura esquelética que resulta em gasto energético, tendo componentes e determinantes de ordem biopsicossocial, cultural e comportamental, podendo ser exemplificada por jogos, lutas, danças, esportes, exercícios físicos, atividades laborais e deslocamentos. Neste contexto, pode-se afirmar que a ausência de atividade física pode ser definida por sedentarismo.

Dados epidemiológicos sugerem que pessoas moderadamente ativas têm menores riscos de serem acometidas por distúrbios mentais do que as sedentárias, mostrando que a participação em programas de exercícios físicos exerce benefícios na esfera física e psicológica e que indivíduos fisicamente ativos provavelmente possuem um processamento cognitivo mais rápido.

O uso do exercício físico como alternativa para melhorar a função cognitiva se mostra relevante, especialmente por sua aplicabilidade, pois se trata de um método relativamente barato que pode ser apresentado à grande parte da população. Nesta perspectiva, os indivíduos que estão efetivamente envolvidos em algum tipo de atividade física - treinamento sistemático, estão otimizando sua saúde mental na medida em que vão ao encontro de seu bem estar e este é visivelmente percebido quando há uma melhora do humor e ânimo para o desenvolvimento de suas atividades de vida diária - o pensamento se torna mais lógico, crítico e criativo e há mais agilidade nas respostas a estímulos internos e externos. Todos esses fatores associados contribuem para uma melhor condição mental de superação das crises e problemas do dia a dia.

O Deambulatório Abolição/Engenho de Dentro 3.2 decidiu criar grupos terapêuticos de atividade física com o objetivo de trabalhar a autoimagem, autoestima, conhecimento corporal, bem estar, socialização, entre outros. Iniciamos o primeiro grupo em março/2024 com usuários receosos, desconfiados e com medo de não conseguir fazer as atividades práticas. Com calma, apresentei a proposta do trabalho, fizemos rodas de conversa. Aos poucos iniciamos os exercícios, sempre com a escuta dos mesmos. Com o passar do tempo, o grupo recebeu mais usuários, tornou-se um grupo homogêneo e estamos observando mudanças comportamentais dos pacientes.

Grupo expressivo: experiência de trabalho em grupo com usuários do CAPS III Clarice Lispector

Isabela Schwenck Corrêa de Brito; Ligia de Azevedo; Luciana Louzada Zippinotti

Vínculo Institucional: CAPS III Clarice Lispector.

Palavras-chave: Musicoterapia; Grupos Terapêuticos; Saúde Mental; Psicologia; Relato de Experiência.

Apresentado em: 29/11/2024

O grupo expressivo foi criado na intenção de ofertar um espaço de acolhimento para usuários com quadro depressivo, perfil de isolamento e dificuldade de circulação e participação em espaços sociais. Os encontros são realizados semanalmente, com 1h30 de duração e seus participantes são fixos. Coordenado por uma musicoterapeuta e uma psicóloga com o apoio de uma estagiária de psicologia, o grupo tem a proposta de viabilizar o autoconhecimento e a formação de vínculos através da expressividade enquanto ferramenta terapêutica. Dessa maneira, trabalhamos a expressão em diferentes linguagens: verbal, musical, poética, gráfica, corporal, visual e atividades manuais. Em alguns encontros são utilizadas propostas de dinâmicas de grupo mais ou menos estruturadas. Em outros, o funcionamento é mais livre, a partir da demanda observada no momento. Entendendo o grupo e o produzindo como um dispositivo potente, visamos construir coletividades que catalisam processos terapêuticos, multiplicam vozes, criam espaços de acolhimento e propiciam autonomia. Em alguns meses de trabalho percebemos muitos avanços nos processos terapêuticos dos usuários, por meio de movimentos de inserção social e criação de laços, possibilitados pelo grupo. Entre passeios, atividades, músicas, composições, conversas e afetos, o grupo expressivo se efetiva como estratégia antimanicomial, a partir do momento que incentiva os participantes a se encontrarem e se apoiarem para além do espaço do CAPS, organiza saídas na cidade, faz com que suas histórias sejam enunciadas, amplificam suas vozes, sentimentos e emoções pelo próprio exercício expressivo. Nesse sentido, o presente trabalho busca fazer um relato de experiência acerca do grupo expressivo com usuários do CAPS III Clarice Lispector, pensando-o como dispositivo terapêutico e trazendo à luz alguns projetos realizados no mesmo. Objetivamos discutir o que se tem feito e os efeitos do trabalho, explicitando a relação que os participantes desenvolvem com as coordenadoras, entre si, e com o CAPS, bem como a maneira como eles se apropriam desse espaço.

A transformação social e pessoal pelo programa de Emprego Apoiado

Felipe Jaña Laucas de Campos

Vínculo Institucional: UFRJ/ Psicologia - Estagiário CAPS III - João Ferreira.

Palavras-chave: Estágio; Inclusão pelo trabalho; Formação.

Apresentado em: 29/11/2024

O programa “Emprego Apoiado” do CAPS III João Ferreira busca promover a inclusão de pessoas com deficiência psicossocial no mercado de trabalho. Por meio de encontros quinzenais, são discutidos com os assistidos temas como preconceito, medicalização, ética e comportamento no ambiente de trabalho. Com parcerias de empresas, o CAPS identifica vagas de emprego e auxilia os participantes na inscrição, além de mediar a relação entre assistidos e empregadores para garantir um ambiente de trabalho saudável. O projeto investiga se a inclusão no mercado de trabalho provoca mudanças nas relações sociais e um efeito clínico sobre pessoas com deficiência psicossocial, realizando entrevistas semiestruturadas com três participantes do programa. A análise é feita com base na psicodinâmica do trabalho (Dejours, 2012) e na relação histórica entre loucura e trabalho (Foucault, 1972). As entrevistas visam entender como os participantes vivenciavam suas relações familiares e sociais antes de ingressar no programa, sua adaptação ao trabalho e as mudanças que ocorreram após essa inclusão, estando reservados seus nomes e quaisquer dados identificatórios. Os entrevistados não tinham empregos antes do programa, suas experiências anteriores foram interrompidas por crises psicossociais. Daniel, por exemplo, foi afastado do trabalho após uma crise e teve suas relações familiares fragilizadas. Talíria e Rodrigo também enfrentaram desafios que levaram à interrupção de suas atividades profissionais. Após a participação no “Emprego Apoiado”, todos relataram mudanças significativas nas relações pessoais e na autopercepção, expandindo suas possibilidades de vida. Agora eles contribuem financeiramente em casa e são reconhecidos por suas competências no trabalho. Daniel deseja aumentar suas horas de trabalho, Talíria aspira a um cargo de gestão e Rodrigo planeja um estágio em administração. Essas narrativas são analisadas à luz da psicodinâmica do trabalho de Dejours, que distingue o trabalho prescrito do real, destacando a implicação subjetiva na experiência laboral. Essa relação entre trabalho e subjetividade pode levar a resultados positivos, como satisfação e fortalecimento da identidade, ou negativos, como sofrimento e descompensação. O reconhecimento por parte da empresa e colegas é fundamental para essa dinâmica. A mediação do CAPS é essencial para o sucesso do programa, filtrando as expectativas de cada assistido antes da indicação a uma vaga e resolvendo conflitos potenciais entre trabalhador e empresa, favorecendo resultados positivos. As experiências relatadas demonstram que a inclusão pelo trabalho pode ter um impacto positivo na autoestima e nas relações sociais dos participantes, desafiando estigmas históricos associados à loucura e ao trabalho. Historicamente a loucura foi ligada à ociosidade, especialmente durante a “Grande Internação” do século XVII, quando indivíduos considerados “loucos” foram isolados. Nesse ensejo, o programa “Emprego Apoiado” também atua como uma prática psicoeducativa que combate esse estigma secular. Em suma, a inclusão social por meio do trabalho tem um potencial transformador das relações sociais e da percepção de si dos participantes do programa. As experiências dos participantes evidenciam a importância de contextos de trabalho inclusivos e de relações positivas entre pessoas com e sem deficiência, viabilizando uma reabilitação psicossocial e promovendo uma ruptura com paradigmas sociais ultrapassados.

Projeto acolher: um relato sobre sala de aula, diálogos e acolhimento

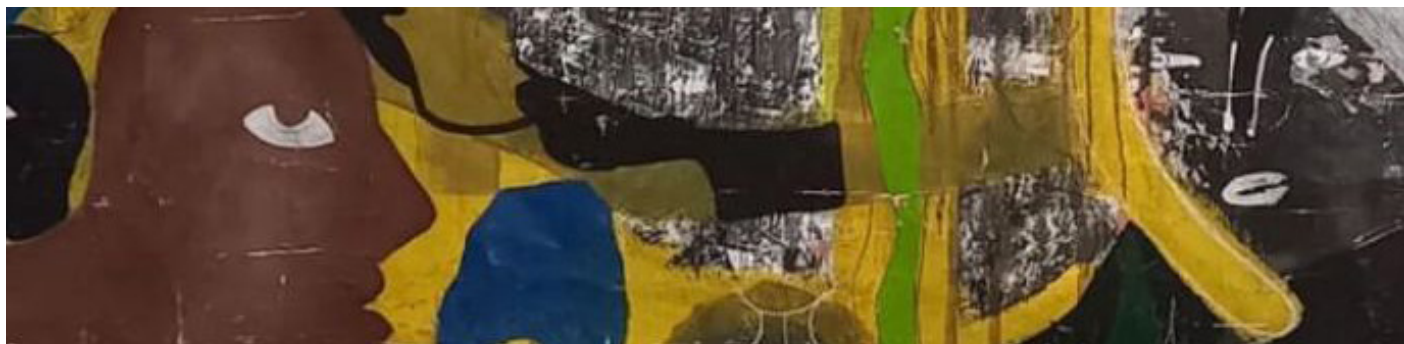
**Maria Clara Rodrigues Ribeiro; Ana Carolina de Castilho Siqueira; Brenda Vani Pereira Cardoso;
Gabriela Andrade de Carvalho; Priscila Pires Alves**

Vínculo Institucional: Universidade Federal Fluminense (Volta Redonda).

Palavras-chave: Acolhimento; Diálogo; Estudantes.

Apresentado em: 29/11/2024

O projeto Acolher UFF da Universidade Federal Fluminense de Volta Redonda surgiu em setembro de 2022 e atua como projeto de extensão que tem um olhar voltado à saúde mental de alunos de outros institutos da UFF e demais instituições acadêmicas da região de Volta Redonda, trabalhando questões sobre a vida escolar, acadêmica, trabalho e seus desdobramentos. A partir de uma demanda das escolas públicas do município, o projeto expandiu o atendimento para as salas de aula, com a proposta de criar um ambiente acolhedor no contexto escolar a fim de que os adolescentes encontrassem um espaço para a partilha dos próprios sentimentos. As primeiras reuniões são feitas em sua maioria com a coordenação do colégio, a fim de compreender quais são as queixas mais urgentes e também alinhar as expectativas da escola com o trabalho realizado pelo projeto. Diante disso, nossa atuação se dá, em sua maioria, por meio de rodas de conversa com o intuito de ouvir as demandas apresentadas pelos grupos de forma a proporcionar uma experiência que não se baseia apenas nas intervenções diretas mas nas trocas entre o grupo e os estudantes acolhidos. Sendo assim, o projeto tem como principal intuito o acolhimento. Além disso, em nossas intervenções, quando necessário, realizamos palestras com estratégias dialógicas, nas quais auxiliamos os alunos a desenvolverem habilidades para lidar com algumas questões como, por exemplo, a ansiedade. É importante ressaltar que o projeto não tem como intuito diagnosticar patologias, mas dialogar sobre saúde mental, realidades, além de apresentar possíveis caminhos dentro da rede de saúde para acolhimento de outras demandas. Nesse sentido, o Acolher evidencia a importância do acolhimento, da escuta ativa e, principalmente, da psicologia nas escolas e instituições de ensino como área comprometida com a construção de uma sociedade democrática, menos excludente e, que em conjunto com as escolas, torna as instituições de ensino espaços seguros e de acolhimento.



MOSTRA ARTÍSTICA

SEMINÁRIO

MEMÓRIAS DA LOUCURA 7

Desafios do laço social:
violências e vulnerabilidades

2024

SUMÁRIO

Mylena Maciel Soares	129
<i>Vídeo</i>	
Lanna Valente, Ana Clara Fragallo, Kaio William Farias e Ingrid Bergma	129
<i>Vídeo</i>	
Vanessa Liberato do Nascimento.....	129
<i>Vídeo</i>	
Cecília Gomes Estella	130
<i>Vídeo</i>	
Ana Carolina Feitosa e Mitzi Abi-Haila	130
<i>Vídeo</i>	
Camila Lacerda.....	130
<i>Vídeo</i>	
Lay Akanni (Laiane da Silva Amaral)	130
<i>Poesia</i>	
Brunno Vianna (Bruno Vianna de Andrade)	131
<i>Poesia</i>	
Mel Xakriabá (Melissa Coelho Ferreira Xakriabá)	131
<i>Performance</i>	
Karoliny Flor de Medeiros.....	131
<i>Performance</i>	
Yda nã-dan (Ivanilda Pires Pereira)	131
<i>Performance</i>	
Vyvy Vanazzi (Maria Victoria Bhi Vanazzi Abdalla)	131
<i>Performance</i>	
Zuzu Obama (Eunória Oliveira da Silva)	132
<i>Performance musical</i>	
Barbara Daniele de Freitas dos Santos Pettená.....	132
<i>Performance musical</i>	
Thais Tiemi Shinoda Santos.....	132
<i>Poesia</i>	
Orlando (Orlando dos Santos Baptista)	132
<i>Performance musical</i>	
Maria da Graça da Silva Paranhos	133
<i>Performance</i>	
Juliana Hoffmann (Juliana Quirino Pereira).....	133
<i>Performance</i>	
Wilson Guedes (Wilson Carlos Guedes Cavalcante).....	133
<i>Performance</i>	

Ana Bia Novais	133
<i>Vídeo</i>	
Rafael Grillo Fernandes de Oliveira	134
<i>Artes visuais</i>	
Angelica Costa Arechavala.....	134
<i>Artes visuais</i>	
Antonio Varela.....	134
<i>Artes visuais</i>	
Ariane Machado Pereira	134
<i>Artes visuais</i>	
Daniela Maciel Maximiliano	135
<i>Artes visuais</i>	
Danielle Spadotto	135
<i>Artes visuais</i>	
Denise Fraga de Azevedo	135
<i>Artes visuais</i>	
Douglas Peixoto Campos Silva	135
<i>Artes visuais</i>	
Elaine Alves	136
<i>Artes visuais</i>	
Elisama Arnaud	136
<i>Artes visuais</i>	
Elvis Vaz de Souza.....	136
<i>Artes visuais</i>	
Felipe Andrade Vilela e Silva.....	136
<i>Artes visuais</i>	
Hiata Bruno Silva Bastos.....	136
<i>Artes visuais</i>	
Jairo Florentino de Barros.....	136
<i>Artes visuais</i>	
Jana Galli.....	137
<i>Artes visuais</i>	
Jessica Rafaela Moreira Costa e Silva.....	137
<i>Artes visuais</i>	
Juliani de Almeida Silva.....	137
<i>Artes visuais</i>	
Jordana Neves de Almeida Guimarães e Raíssa da Silva Fernandes	138
<i>Artes visuais</i>	

Lourdes Maria Sampaio Guimarães	139
<i>Artes visuais</i>	
Lucas Gusmão Loura	139
<i>Artes visuais</i>	
Lui Trindade Ambrosio Garcia	139
<i>Artes visuais</i>	
Mahatma Cruz dos Santos Filho	139
<i>Artes visuais</i>	
Michele da Silva Rios	140
<i>Artes visuais</i>	
Mitzi Abi-Haila Rodrigues	140
<i>Artes visuais</i>	
Renata Inocêncio	140
<i>Artes visuais</i>	
Renata Vieira Rodrigues da Silva	140
<i>Artes visuais</i>	
Roberto de Oliveira Bastos	140
<i>Artes visuais</i>	
Rosa Bunchaft	140
<i>Artes visuais</i>	
Saulo Martins	141
<i>Artes visuais</i>	
Tainã Xavier de Araújo	141
<i>Artes visuais</i>	
Tassia Xavier de Araújo	141
<i>Artes visuais</i>	
Gyselle Mazzine	141
<i>Artes visuais</i>	
Vitória Rezende Leão	142
<i>Artes visuais</i>	
Wellington Gomes da Silva	143
<i>Artes visuais</i>	
Wilson Carlos Guedes Cavalcante	143
<i>Artes visuais</i>	

Título:

Memória

Autoria:

Mylena Maciel Soares

Modalidade: Vídeo

Descrição:

“Memória” é um vídeo-arte com duração de 4 minutos, gravado nos espaços abertos do Instituto Municipal Nise da Silveira, que aborda questões sobre a busca de si mesmo, de onde viemos e quais são as nossas origens. Através da memória existimos pelas lembranças que possuímos desde que a vida nos concebeu. Com o uso da dança, deixamos o corpo em movimento livre, pois a memória em nosso físico também molda o nosso ser. Por meio de devaneios e duas personalidades existentes na obra, que não mostram a sua face, o público é levado a possuir um olhar sensível para figuras que estão vagando em busca da sua real essência.

Quem somos? De onde viemos e por que existimos? São dúvidas recorrentes que sempre nos atormentam.

Título:

O CAPS, por quem vive o CAPS

Autoria:

Lanna Valente, Ana Clara Fragallo, Kaio William Farias e Ingrid Bergma (CAPS RENASCER, na cidade de Belém-PA)

Modalidade: Vídeo

Descrição:

O presente projeto visa promover reflexões acerca das narrativas estigmatizantes e discriminatórias principalmente no ambiente virtual voltadas a Rede de Atenção Psicossocial do SUS (RAPS), especialmente o CAPS. Esta obra foi construída coletivamente junto aos usuários do CAPS RENASCER, na cidade de Belém, no Estado do Pará. As imagens inseridas foram feitas através do estágio obrigatório em saúde mental do curso de terapia ocupacional, tendo permissão dos usuários para a utilização das mesmas.

Título:

Diálogos Indistintos

Autoria:

Vanessa Liberato do Nascimento

Modalidade: Vídeo

Descrição:

Em três minutos e quarenta e dois segundos, DIÁLOGOS INDISTINTOS traz para o espectador uma espécie de colagem audiovisual dirigido por Vanessa Liberato, com citações de Nietzsche e Ernst Fischer, envoltas em uma atmosfera provocativa e carnavalesca. O curta metragem é sobre pintura, filosofia, poesia e a performance, juntos e envolvidos como uma dança que eletriza os pensamentos sobre o processo criativo e a produção artística. A artista se camufla por debaixo de uma máscara de papel machê que perambula pelos céus das ruas e performa seu mistério em uma janela vermelha de uma casa antiga localizada em Luziânia-GO.

Título:

Carne Viva

Autoria:

Cecília Gomes Estella (Coletivo 22 e Centro de Cultura e Convivência Pedra Branca - Museu Bispo do Rosário)

Modalidade: Vídeo

Descrição:

“Carne Viva” é um vídeo-dança criado e realizado durante a pandemia de COVID-19 no Brasil, a partir do projeto “ResPIRA: cartas de amor e Lou(CURA)” onde o público nos enviou cartas de amor escritas durante este período. É também fruto da pesquisa do segundo espetáculo do Coletivo 22, “PIRA: do gozo estendido ao exílio”, que traz provocações sobre os limites entre o amor e a loucura.

Título:

O Protagonismo da Psicofarmacologia Racional na Luta Antimanicomial

Autoria:

Ana Carolina Feitosa e Mitzi Abi-Haila (Universidade Veiga de Almeida)

Modalidade: Vídeo

Descrição:

O curta metragem foi produzido pela farmacêutica e graduanda em psicologia Mitzi Abi-Haila sob a orientação da psicóloga e professora Ana Carolina Feitosa, pela Universidade Veiga de Almeida. O curta retrata a medicalização da vida como a nova forma de moldar os sujeitos. As pessoas não se permitem mais sentir as emoções, e buscam medicamentos para todas as questões a serem resolvidas na vida, porém a vida deixa de ser de fato vivida.



Título:

Flores para Santa Maria

Autoria:

Camila Lacerda

Modalidade: Vídeo

Descrição:

Em 2008, Camila Lacerda é internada no hospital psiquiátrico Santa Maria, em Belo Horizonte. Durante 28 dias de internação, a artista não obtinha muitos recursos para produzir sua arte. A alternativa que Camila encontrou foi a de utilizar materiais de sua rotina no hospital para realizar seus trabalhos e, um deles, foi o papel higiênico. Camila Lacerda fez flores do papel higiênico do seu quarto, as coloria com os sucos que bebia e as entregava para os demais pacientes do hospital. “Flores Para Santa Maria” é uma resignificação desse período conturbado e solitário de sua vida. Para isso, a artista escolheu a Praça da Liberdade como cenário para a sua performance.

Título:

Sem título

Autoria:

Lay Akanni (Laiane da Silva Amaral)

Modalidade: Poesias

Descrição:

Eu sou Lay Akanni, e uso a poesia como transmutação de sentimentos. Sou filha de uma mulher negra que tem esquizofrenia a 26 anos. E a minha proposta é trazer poesias relacionadas a minha vivência.

Título:

“Amanhecer nos porões”

Autoria:

Brunno Vianna (Bruno Vianna de Andrade)

Modalidade: Poesia

Descrição:

Leitura dramatizada do poema “Amanhecer nos Porões” a ser realizada pelo próprio autor. Este poema que apresenta uma reflexão sobre as violências que acometem os grupos mais vulneráveis conquistou a terceira colocação no XII CoNcUrSO de PoEslA InStAntTâNeA do Sarau dos Bares, em 15 de junho de 2024.

Título:

“Por Uma Língua Não-Humana”

Autoria:

Vyvy Vanazzi (Maria Victoria
Bhi Vanazzi Abdalla)

Modalidade: Performance

Descrição:

A obra “Por Uma Língua Não-Humana” consiste na exibição de uma vídeo-performance sincronicamente a uma performance, com duração de 6 minutos. A performance é acompanhada de esculturas de línguas em gesso (14x11x12 cm e 10x8x5cm) e uma interativa e sonora em argila (24x18x7cm).

Título:

“ORIGINÁRIOS”

Autoria:

Mel Xakriabá (Melissa Coelho Ferreira
Xakriabá)

Modalidade: Performance

Descrição:

“ORIGINÁRIOS “ é uma performance sobre o desrespeito e a ignorância acerca das necessidades específicas dos povos indígenas e suas culturas e tradições, que trazem para tais povos todo tipo de violências e falta de cuidado. É uma performance adaptável a qualquer espaço, cujo corpo da artista, sua sonoridade, seu peso e memória, contam uma história de séculos de apagamento histórico.

Título:

Sem título

Autoria:

Yda ñã-dan (Ivanilda Pires Pereira)

Modalidade: Performance

Descrição:

Apresentação solo de performance em dança contemporânea, com objetivo de apresentar uma cultura moderna.

Título:

“Isso é um corpo?”

Autoria:

Karoliny Flor de Medeiros

Modalidade: Performance



Título:

“Como contar histórias que foram apagadas?”

Autoria:

Thais Tiemi Shinoda Santos

Modalidade: Poesia

Descrição:

A residência é um período onde podemos nos moldar como profissionais mais especializados, porém sem perder a nossa essência. A escrita e leitura sempre rodearam a vida da residente Thaís, sendo um alento em períodos difíceis e um passa tempo em períodos ociosos e tranquilos. A saúde mental nos permite usar a criatividade para promover o cuidado, sendo possível usar da arte para tentar amenizar o sofrimento de uma pessoa, além de também servir de inspiração para a criação de inúmeras peças artísticas. Influenciada pela cultura asiática, na qual a residente tem origem, e a participação em um workshop de haikai, tipo de poesia japonesa que é curta, fui agraciada com algumas palavras durante o meu período participando de atividades no Caps Franco Basaglia, como do grupo de leitura crítica e antirracista e da convivência com os usuários. Assim, compus algumas pequenas poesias que se relacionam com a temática antimanicomial e violência que muitos usuários da rede de saúde mental enfrentaram e ainda enfrentam até hoje. Pude ter o privilégio de ter como inspiração histórias únicas e muitas vezes não contadas.

Título:

“Eu amei te ver.”

Autoria:

Zuzu Obama (Eunória Oliveira da Silva)

Modalidade: Performance musical

Descrição:

Performance da música Eu amei te ver. Abel no cavaquinho e Janaildes, voz.

Eu, performance.

Título:

Sem título

Autoria:

Orlando (Orlando dos Santos Baptista)

Modalidade: Performance musical

Descrição:

Essa música se chama “What’s this” e eu me inspirei depois de uma paranoia com um doutor que tinha ido na cantina do Ipub e depois que ele saiu da cantina eu achava que ele vinha atrás de mim e que ele era homossexual. No caso, só eu era hetero e todos os homens eram homossexuais. Na minha cabeça eu generalizava o refrão e “My Love Is a doctor.

Título:

“A Arte do Conviver”

Autoria:

Barbara Daniele de Freitas dos Santos Pettená

Modalidade: Performance musical

Descrição:

“A Arte do Conviver” . A partir de uma proposta de apresentação para Mostra de Estágio de Saúde Mental da RAPS do IMAS Juliano Moreira, surgiu a inspiração para essa composição, através das experiências e aprendizados do estágio no Centro de Cultura e Convivência Pedra Branca , trazendo uma reflexão sobre a reforma psiquiátrica e o papel de produção de vida e expressão pela arte e convivência. Composição de Barbara Pettená e harmonização de Jhony Pelicioni . Duração de 5 minutos, performance voz e violão.

Título:

Sem título

Autoria:

Maria da Graça da Silva Paranhos

Modalidade: Performance

Descrição:

Adelina Gomes - diagnóstico e obras.

Título:

Van Gogh

Autoria:

Wilson Guedes (Wilson Carlos Guedes Cavalcante)

Modalidade: Performance

Descrição:

Performance Van Gogh com mais uma pessoa. Agregando possibilidade de Expo de Reproduções minhas, de Obras do Van Gogh e Outros Quadros de Geometria Sagrada (Mandalas)

Título:

“Muralhas”

Autoria:

Ana Bia Novais

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Muralhas, 2021. Lambe-lambe bordado sobre placa de foam. 42x29cm

Título:

Sem título

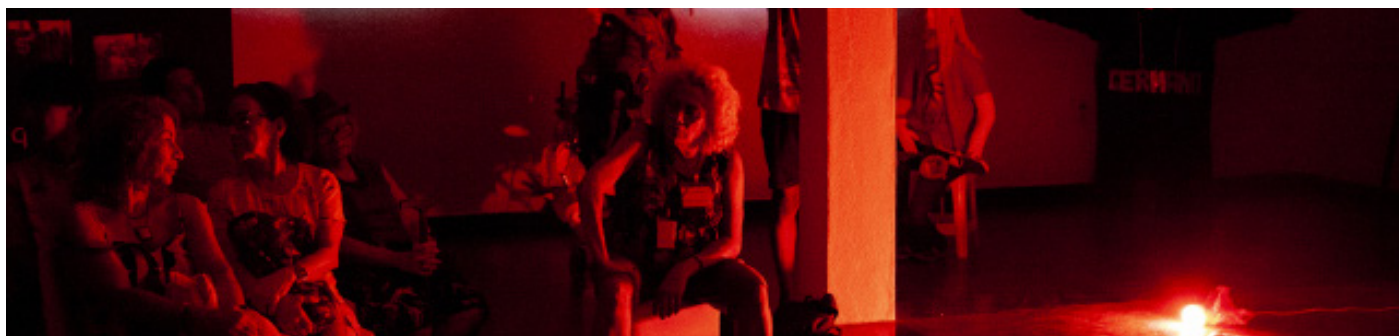
Autoria:

Juliana Hoffmann (Juliana Quirino Pereira)

Modalidade: Performance (monólogo adaptado de curta-metragem)

Descrição:

Companhia - um curta metragem que retrata os danos que a solidão pode causar. Apresentarei um monólogo adaptado do filme.



Título:

Painel afetivo

Autoria:

Rafael Grillo Fernandes de Oliveira

Modalidade: Performance

Descrição:

Trata-se de uma proposta de performance coletiva, que convida a todas as pessoas presentes no evento a participar. Nessa performance, todas as pessoas são artistas e ao final teremos um mosaico que vai além da estética e fixa no espaço-tempo a ideia de que apesar de diferentes, precisamos nos respeitar e aceitar essas diferenças.

A proposta é que durante os dias do seminário, todas as pessoas que se sentirem à vontade de participar possam ajudar a criar um painel afetivo com peças de cerâmica. Toda pessoa participante é livre para imprimir nessa tessella o que tiver vontade.

Para a realização do ato performático, estarão disponibilizadas peças de 10cm X 10cm de argila ainda úmida, possivelmente algumas ferramentas e mais um pouco de argila caso seja necessário. As peças depois de prontas, ficarão secando e em momento oportuno serão queimadas dando início ao segundo ato performático de ativação do mosaico.

Essa proposta de painel tem sua referência no trabalho de Jorge Selarón que manteve viva a construção do seu interminável mosaico nas escadarias do Convento de Santa Teresa na Lapa. Da mesma forma, esse ato performático/mosaico/escultura também poderá ter sua vida estendida enquanto outros peças forem se somando a ele.

Título:

Sem título

Autoria:

Antonio Varela

Modalidade: Artes visuais

Título:

Travessia ao revés

Autoria:

Angelica Costa Arechavala

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Travessia ao revés, 2024

Série: criada para casar (mito do amor romântico)

Vídeo-self.

Vídeo -performance

Eu e a miniatura da coleção da minha mãe - um casal de noivos em uma gôndola em Veneza.

34 segundos

Título:

Necropolítica - Quem pode viver e quem deve morrer?

Autoria:

Ariane Machado Pereira

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Necropolítica - Quem pode viver e quem deve morrer? O panfleto explicativo informa sobre o que é o conceito de necropolítica e como ele afeta a sociedade, com exemplos atuais.

Título:

Memórias Póstumas de Juliano Moreira (Cartilha Juliano Moreira)

Autoria:

Daniela Maciel Maximiliano

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Memórias Póstumas de Juliano Moreira

Título:

- 1- Perder a Cabeça
- 2- Alma e Eu
- 3- Seguir em Frente

Autoria:

Denise Fraga de Azevedo

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

ARTECURA - 297 x 420 mm - 210 x 297 mm 1Mx0,80CM

Título:

A verdade da loucura sempre valeu menos que a mentira da normalidade

Autoria:

Danielle Spadotto

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Nome: a verdade da loucura sempre valeu menos que a mentira da normalidade

Técnica: 10 fotografias 20x30cm, 2013 + 1 texto, 2024.

Formato: impressão lambe-lambe



Título:

Involução

Autoria:

Douglas Peixoto Campos Silva

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Eu estou preparando duas telas. Até setembro estarão prontas. Antes eu posso mostrar as fotos... eu faço tratamento no caps dircinha de guadalupe... sempre pinte e nunca expus gostaria de poder sentir essa experiência... me chama no zap algum responsável para melhor comunicação... parece simples mas vcs pode realizar um sonho meu, minha vida toda atrasada por conta do meu transtorno e luto todo dia, eu ia vim falar com vcs da nise se poderia expor e vi esse evento que vai acontecer, já comecei a pintar e a temática é saúde mental e loucura, pode ficar tranquilo ou tranquila em relação ao pudor da obra e quando tiver forma enviarei fotos

Título:

Manto do Amor - Obra produzida pelas crianças participantes do projeto Escola Vidigal

Autoria:

Elaine Alves

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Obras produzidas pelas crianças participantes do projeto Escola Vidigal, inspirados nas obras do Bispo do Rosário.

Título:

- 1) "Umburana", 2024.
- 2) "Sól", 2024
- 3) "Olho do MundO", 2024.
- 4) "A moldura", 2022

Autoria:

Elvis Vaz de Souza

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Um objeto que tem como base Arthur Bispo do Rosário e Véio (ambos artistas sergipanos), onde tento mostrar a ligação entre a natureza, a arte, a loucura e o mange. É diferente e novo, vale a pena a exposição na mostra.

Título:

Sem título

Autoria:

Jairo Florentino de Barros

Modalidade: Artes visuais

Título:

Sem título

Autoria:

Elisama Arnaud

Modalidade: Artes visuais

Título:

"Das cinzas, recriar outras memórias"

Autoria:

Felipe Andrade Vilela e Silva

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Título: Lembrar das cinzas, outra memória cultivar

Fotografia: Instituto Nise da Silveira, 2022

Título:

"Interiores: Reino dos Bichos e dos Animais é o meu nome."

Autoria:

Hiata Bruno Silva Bastos

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Interiores: Reino dos Bichos e dos Animais é o meu nome

297 x 420

A3

Litografia

Título:

- 1) “A Cicatriz é um Tecido de Nuvens”
- 2) Sem título
- 3) “A Transformação do Oceano”

Autoria:

Jana Galli

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Exposição “Sonhos e cicatriz” reúne um acervo de cerca de 60 obras em desenho de narrativas oníricas que acompanham a artista em seu processo de transformação e restauração de saúde mental frente às consequências da violência do abuso sexual infanto-juvenil em sua história. Através da criatividade e da arte, a artista amplia perspectivas de que sonhos e cicatriz fazem parte metaforicamente de mesma essência: tecido de nuvens. Sonhos e cicatriz há de se estar sempre costurando e atribuindo formas do imaginário e simbólico.

Título:

Sem título

Autoria:

Jessica Rafaela Moreira Costa e Silva

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

- 1) Acrílica em tela - 550x450mm
Pintura sobre assédio sexual.
- 2) Acrílica em tela - 400x400mm
Pintura sobre a constituição do sujeito



Título:

“Identidades” (20 peças)

Autoria:

Juliani de Almeida Silva

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

O projeto de extensão ExpressArtes apresenta a exposição “Identidades” que traz a ideia de pessoas comuns que estão em tratamento na rede de atenção psicossocial, muitas em crise psíquica, sobre como elas gostariam de ser reconhecidas em suas identidades de papel, nosso velho conhecido RG.

Assim, partindo da pergunta disparadora: o que você gostaria que tivesse em sua identidade? O projeto tomou corpo, por meio de tecidos de algodão, ora desenhados, ora escritos, ora sonhados por meio de tinta acrílica e guache. As peças remetem, em sua moldura, à identidade que todo cidadão tem direito de ter. No entanto, aqui os participantes, artistas, pintores e pintoras reclamam seu desejo, seus amores, o que lhes é precioso e não se pode abrir mão, quase parecido com a gentileza e cuidado com a qual temos de guardar este documento que, institucionalmente, diz para os outros quem somos nesse mundo.

A exposição dá-se em formato de varal, com cerca de 20 peças em tecido de tamanho 43x 35cm e um banner de 90 x120cm.

Título:

“Fanzines Antimanicomiais”

Autoria:

Jordana Neves de Almeida Guimarães e Raíssa da Silva Fernandes

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

A manifestação artística “Os fanzines antimanicomiais: Construção de novas narrativas sobre a reforma psiquiátrica” apresenta fanzines elaboradas manualmente e construídas a partir de temáticas do projeto de pesquisa “Genealogia da Lei 10.216” vinculado à Universidade Federal Fluminense (UFF). Trata-se de uma série de 05 mini-revistas que abordam brevemente o que são zines, a luta antimanicomial no Brasil, arte na produção de cuidado, GAM: uma aposta participativa e a loucura através das lentes do cinema. A realização da mostra inclui a disponibilização de uma certa quantidade das mini-revistas dispostas em uma mesa para manuseio do público, além da troca acerca dos temas abordados. Também contamos com uma pequena tiragem que pode ser distribuída durante o evento. A escolha por esse material se deu pela própria história da Fanzine no Brasil e no mundo: mais do que um material informático, essas revistas também possuem relevância artística, cultural e política. O contexto de sua emergência se dá no período da ditadura militar brasileira, no qual devido à repressão e censura, houve a necessidade da criação de uma forma alternativa para manter a divulgação das informações com seu caráter crítico, cabendo à fanzine esse papel. Tal período histórico é marcado pelas violências institucionais enfrentadas por todos aqueles considerados desviantes das normas estabelecidas pela hegemonia golpista militar. Loucos, pessoas pretas, mulheres e militantes eram constantemente marginalizados e torturados, tendo essas experiências marcadas em si e em sua história. Nosso objetivo com essa manifestação cultural, então, é a viabilização de novas discussões acerca do processo de desinstitucionalização a partir da luta antimanicomial, enfatizando as práticas de cuidado em liberdade, uma vez que resguarda os direitos dos usuários de saúde mental. À vista disso, percebemos a necessidade de se pautar essa discussão a partir de uma construção artística, artesanal, autoral e coletiva, ou seja, não se trata de uma cartilha, mas de uma manifestação, um convite ao debate, uma vez que tensiona os estudantes, profissionais e usuários, implicando uma participação ativa neste campo de ação. Essa prática converge com os principais autores brasileiros atrelados às discussões sobre a luta antimanicomial, especialmente Paulo Amarante e Ana Pitta, e enfatiza a dimensão sociocultural da Reforma Psiquiátrica, visto que não se trata de um processo desenvolvido apenas no campo jurídico - ao contrário, é no centro da organização popular que emergem as pautas e o direcionamento de luta. Nesse sentido, a fanzine se apresenta enquanto um dispositivo que permite a construção de plurinarrativas, ou seja, outros modos de subjetivação que se confluem em direção à temática da luta antimanicomial e ao cuidado em liberdade. Em um momento em que os danos da contrarreforma psiquiátrica são cada vez mais discutidos, visto que suas consequências se dão desde a nomeação de Valencius Wurch para o cargo de coordenação nacional de saúde mental até os retrocessos presentes no governo Bolsonaro, a confecção desse material não visa panoramas gerais, mas se soma na construção de novas narrativas antimanicomiais.

Título:

“Invisível (2 peças)

Autoria:

Lourdes Maria Sampaio Guimarães

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Título INVISÍVEL - tapete e quadro, 80X100 cm, trata do direito do cidadão ao chão de sua cidade, ter presença em seu território, direito de ir e vir, independente de sua condição mental.

Título:

“Quem é o palhaço”

Autoria:

Lui Trindade Ambrosio Garcia

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

A proposta contempla a mostra do trabalho em pintura a óleo sobre tela, de dimensões 60 x 80 cm, de título “Quem é o palhaço?”, ao lado de uma fotografia tamanho padrão (15 x 10 cm) no espaço expositivo disponibilizado pela organização do edital.

Título:

- 1) Obscuro
- 2) Recomeço ou Repetição

Autoria:

Mahatma Cruz dos Santos Filho

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Um desenho que descreve a dor e a falta de esperança ao sentir que está cada vez mais se transformando em seus próprios demônios internos. Descreve o sentimento dessa “falta” de controle, junto com a dor das consequências desses demônios aparecendo cada vez mais para o exterior.

Um desenho que descreve a dualidade e a dolorosa obrigação da interpretação, entre se sentir destruído e ter que externar conforto, em ter diversos planos para o próprio fim e ter de alegrar alguém importante para você, atos hipócritas construídos por “pseudo-responsabilidades”.

Título

“Olhares Condescendentes”

Autoria:

Lucas Gusmão Loura

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Minha proposta é uma tela cuja a abordagem tem o tema das pessoas em situação de rua e a relação das grandes empresas com essas pessoas. Nessa pintura vê-se o espaço interno de um banco e uma pessoa abrindo-se neste local enquanto dois seres, representando a burguesia empresarial, a assistem, por meio de cabeças de câmeras.

Título:

História da Psiquiatria No Brasil.

Autoria:

Michele da Silva Rios

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Trabalho de ilustração sobre a história da psiquiatria no Brasil, feito na disciplina de Saúde Mental com a Professora Ana Carolina Feitosa na Universidade Veiga de Almeida .

Título:

“Mentes Livres”

Autoria:

Mitzi Abi-Haila Rodrigues

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Trabalho feito na disciplina de Saúde Mental com a Prof Psicóloga Ana Carolina Feitosa na Universidade Veiga de Almeida.

Título:

Sem título

Autoria:

Renata Inocência

Modalidade: Artes visuais

Título:

“O Sábio iluminadoam”

Autoria:

Renata Vieira Rodrigues da Silva

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Cerâmica

Título:

“Engenho de fora, delírio de dentro”

Autoria:

Rosa Bunchaft

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

TÍTULO - Engenho de fora, delírio de dentro.

SUB CATEGORIA. Instalação imersiva de câmara escura.

DIMENSÕES VARIÁVEIS (a depender do espaço escolhido com a curadoria).

DURAÇÃO - preciso de um tempo anterior à mostra para montagem. Depois, é negociável.

SINOPSE: montar uma instalação de câmara escura para captar a memória da antiga Colônia (que nome mani-colonial, esse...) Feminina do Antigo Hospital dos Alienados do Rio de Janeiro. Se o que cura é o território, o afeto e contato com o outro, o cuidado em liberdade, banhar esses antigos espaços de enclausuramento de mulheres “inadequadas” com a luz-imagem, o cinema vivo da vida lá fora, uma vida negada às que lá eram encaminhadas como forma de morte em vida, isso é minha forma de lidar com essa dor que conheço bem.

Título:

“Caminho I e II”

Autoria:

Roberto de Oliveira Bastos

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Azulenos- Título: Caminho I e II Dimensões: 15 x 15

Título:

- 1) Folie à deux
- 2) Jura que eu nunca mais vou chorar sozinho?

Autoria:

Saulo Martins

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Folie à deux

Acrílica sobre tela, tecidos, bula de remédio, miçangas, bordado, linhas e comprimidos

62 x 79 cm - 2023

Jura que eu nunca mais vou chorar sozinho?

Acrílica sobre tela, tecidos, bula de remédio, miçangas, bordado, linhas,

aviamentos e penas

80 x 92 cm - 2023

Os dois trabalhos são montados presos por prendedores de papel fixados à parede por pregos.

Título

“PsicoAfetiva”

Autoria:

Tainã Xavier de Araújo

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Minha obra se chama “PsicoAfetiva”, é um bordado em retalho fixo a bastidor de MDF de 30cm de diâmetro.

Título:

“Silêncio que precede o descontrole”.

Autoria:

Tassia Xavier de Araújo

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

“Silêncio que precede o descontrole”.
Óleo sobre lona plástica. 70x50. 2024.

Título:

“Terra dos Esquisitos” (3 obras)

Autoria:

Gyselle Mazzine

Modalidade: Artes visuais



Título:

“Quebrada”

Amostra de acervo de desenho dos usuários atendidos no Consultório na Rua de BH.

Autoria:

Vitória Rezende Leão

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Trata-se da curadoria de alguns desenhos do acervo do resultado de 2 anos de oficinas realizadas na rua durante os atendimentos do Consultório Na Rua de Belo Horizonte, na Regional Nordeste da cidade.

Traços de Vida

As oficinas artísticas são desenvolvidas em contextos variados, mas em todos, o foco está nos cuidados em saúde e na escuta sensível e atenta às pessoas que se encontram em situação de rua. Junto a isso, temos a oportunidade de escutar a história de vida dessas pessoas, enriquecendo os vínculos e ampliando as estratégias de cuidado.

Diante disso, é possível notar que os desenhos ilustram fragmentos dessas vidas ou carregam elementos que atravessam as subjetividades desses corpos, indo além. É por meio dessas atividades que os desenhos operam como vias que tornam possíveis trabalhar algumas delicadezas da sobrevivência na rua, como os cuidados com o corpo, a saúde mental, a saúde sexual, a redução de danos, dentre outros.

É comum fixarmos os pés na palavra, usando-a como possibilidade de tradução da vida. No entanto, existem outras maneiras de se comunicar. O olhar é importante. Essa exposição é um convite feito pelas imagens. Elas são fortes, intensas e carregadas de emoção do que a palavra por si só.

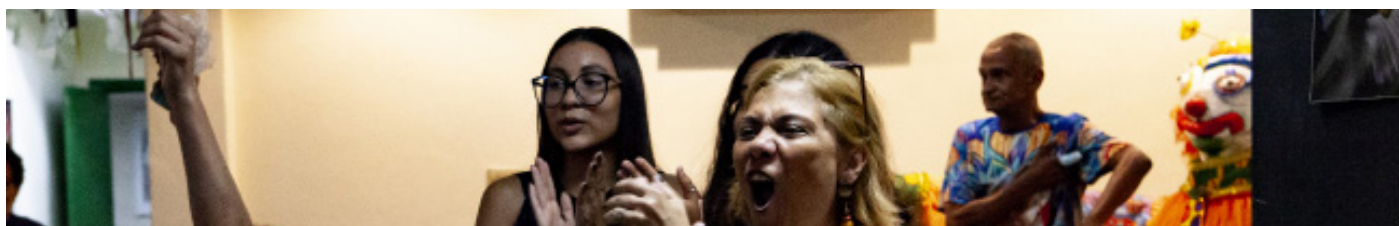
Onde isso acontece?

Na calçada, na van, na maloca, na casa de uso, no asfalto, debaixo de viadutos, gramados, campo de futebol, praças, Centro de Saúde, UPA, Hospitais. Nas comunidades, becos, vielas, parques e passarelas. Acontece na RUA!

Oficinas, curadoria, idealização e montagem: Vit Leão

PRODUÇÃO: Consultório na Rua - equipe NORDESTE

As obras variam de tamanhos A4 e A3. Informação no nome da imagem.



Título:

Sem título (3 obras)

Autoria:

Wellington Gomes da Silva

Modalidade: Artes visuais



Título:

- 1) Tórus e Vesica Piscis sobre Padrão da Flor da Vida.
- 2) Yantra com Yin Yang sobre Padrão da Flor da Vida
- 3) Yantra com Buda e Yin Yangs

Autoria:

Wilson Carlos Guedes Cavalcante

Modalidade: Artes visuais

Descrição:

Performance Van Gogh com mais uma pessoa. Agregando possibilidade de expo de reproduções minhas, de obras do Van Gogh e outros quadros de geometria sagrada (Mandalas)

